



CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER

VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL

ANA CATARINA EMMERICK

TOMO XIII

A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE

De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick

Visões dos Apóstolos, Mártires e Santos

Versão online:

www.valde.com.br

Índice

Introdução.....	4
Visões dos Apóstolos.....	4
Fundação da Igreja de Roma por São Pedro.....	4
Santo André Apóstolo.....	4
São Tiago Maior, apóstolo da Espanha(*).....	5
O apóstolo São João Evangelista em Roma e na Ásia Menor.....	7
O judeu convertido e o jovem perdido.....	8
O Apocalipse e o Evangelho de São João.....	9
Morte de São João Evangelista.....	10
Obras Apostólicas de São Tomé na Índia.....	11
Obras de São Bartolomeu na Ásia e na Abissínia.....	13
Simão e Judas Tadeu na Pérsia.....	14
São Filipe na Frígia e São Mateus na Etiópia.....	15
São Marcos em Roma (*).....	15
São Lucas e as pinturas da Virgem.....	16
São Barnabé, Timóteo e Saturnino.....	17
Lázaro, Marta e Madalena no sul da França.....	18
São Clemente Romano (*).....	19
Santo Inácio de Antioquia.....	20
Visões dos Mártires.....	21
Longino.....	21
Centurião Abenadar.....	23
Nicodemos e Verônica.....	24
A santa mártir Susana.....	25
Santa Justina e São Cipriano (*).....	26
São Dionísio Areopagita (*).....	28
Santa Úrsula e suas companheiras.....	29
São Nicostrato.....	33
São Teoctista.....	34
Santa Cecília (*).....	35
Santa Inês.....	37
Santa Emerenciana.....	39
Santa Ágata (*).....	41
Santa Doroteia.....	43
Santa Apolônia (*).....	44
Santa Eulália.....	45
Os santos mártires Pascual e Cipriano.....	46
Santa Perpétua e Santa Felicidade.....	48
Santo Estêvão e São Lourenço.....	53
Santo Hipólito.....	55
Santa Catarina de Alexandria.....	56
Visões dos Santos.....	59
Santa Clara.....	59
Quadros da juventude de Santo Agostinho.....	60
São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal.....	63
São Uberto.....	65
Santa Gertrudes.....	66
Beata Madalena de Hadamar.....	66
Santa Paula.....	68
Santa Escolástica e São Bento.....	69
Santa Valburga.....	71
Santo Tomás de Aquino.....	73
Bem-aventurado Hernán José.....	73
São Isidro Lavrador.....	73
Beata Colomba de Schanolt de Bamberg.....	74

São Francisco de Borja.....	75
O Imperador Santo Henrique na Igreja de Santa María la Mayor.....	75
A Festa do Escapulário.....	76
Imagem do festival da Porciúncula.....	77
Santa Maria das Neves.....	77

Introdução

Os Atos dos Apóstolos relatam os acontecimentos após a Ascensão do Senhor e referem-se extensivamente à vida de São Pedro e São Paulo. Eles mal dão relatórios sobre as obras dos outros apóstolos. Ana Catalina nos conta detalhes interessantes de suas atividades missionárias nas cidades pagãs onde foram evangelizar. Alguns deles, como São Tomé, fizeram viagens extraordinárias antes de sofrerem o martírio por Jesus Cristo. Também são contados os tormentos e maravilhas de São João Evangelista, cujo corpo foi transferido para um local privilegiado e inacessível para cumprir uma missão sobrenatural.

Diante de relíquias, cujos proprietários reconhecem, descreve a vida de outros mártires do cristianismo primitivo, com ilustrações internas edificantes e comoventes, como as de Santa Inês e Santa Catarina de Alexandria, e a biografia de santos de diferentes épocas, com palavras espontâneas e simples que constituem indicações precisas da sua genuinidade.

Visões dos Apóstolos

Fundação da Igreja de Roma por São Pedro

No dia 18 de janeiro, Pedro chegou a Roma na companhia dos discípulos Marcial e Apolinário e de um companheiro chamado Marcião. De Antioquia foi, no ano 43, para Jerusalém: depois para Nápoles e vários outros lugares, até chegar a Roma. Ele e seus assistentes foram muito bem recebidos por um certo Lêntulo, um nobre romano que teve conhecimento da chegada de Pedro. Muitos romanos que ouviram a pregação de João conheciam o Messias e seus milagres. Lêntulo contatou essas pessoas e contou muitas coisas sobre o Messias. Ele concebeu tanto amor e desejo por Jesus que numa grave necessidade que o afligia, pegou um pano muito fino e tendo-o feito tocar por Jesus através de uma pessoa em quem confiava, guardou então aquela vestimenta com grande devoção e reverência. Lêntulo queria pintar o rosto de Jesus, então Pedro teve que lhe dar muitos detalhes sobre o assunto. Muitas vezes tentou pintar o rosto e Pedro sempre lhe dizia que ainda não parecia o original.

Certa vez, ele adormeceu no trabalho e, ao acordar, encontrou seu trabalho finalizado de uma forma maravilhosa, com uma semelhança perfeita. Lêntulo foi um dos primeiros discípulos de Cristo em Roma. Pedro morava na casa de Pudente, que consagrou como a primeira igreja de Roma. Lêntulo deu muitas coisas para esta primeira igreja.

De Roma, Pedro foi para Éfeso, após a morte de Maria, e no caminho visitou Jerusalém.

Esteve na cátedra episcopal de Roma durante 25 anos. No ano 69 foi crucificado, aos 99 anos(*).

() Muitos acreditavam que a morte de São Pedro ocorreu no ano 67.*

Santo André Apóstolo

Após a dispersão dos apóstolos, André(**) trabalhou primeiro na Cítia: depois no Épiro e na Trácia, finalmente na região da Acaia, na Grécia. Deste lugar ele foi enviado, em visão, ao apóstolo Mateus, que havia sido detido com alguns discípulos

e sessenta cristãos numa cidade da Etiópia. Colocaram veneno nos olhos de Mateus, o que lhe causou muita dor. André marchou em direção a onde Mateus estava. Ele o curou de sua doença e libertou os cristãos que estavam acorrentados. Ele pregou na cidade até que surgiu uma revolta contra ele: ele foi feito prisioneiro e com os pés amarrados foi arrastado pelas ruas. André, entretanto, orou pelos seus algozes, que ficaram tão comovidos que finalmente pediram perdão e acabaram se convertendo. Depois disso, André voltou para Acaia e lá curou um homem cego e endemoninhado e ressuscitou uma criança morta dentre os mortos. Ele também esteve em Nicéia, onde estabeleceu um bispado. Em Nicomédia, ele ressuscitou outra criança morta e acalmou uma violenta tempestade no Helesponto. Numa ocasião, quando selvagens macedônios o ameaçaram de morte, ficaram assustados com um clarão de luz vindo do céu que os atirou ao chão.

Em outra ocasião, ele foi lançado às feras ferozes, mas também foi libertado desse perigo. Em Patras, cidade da Acaia, sofreu o martírio.

Apresentado ao procônsul Egeas, o apóstolo fez uma corajosa confissão de fé e foi lançado na prisão. O povo, que o amava muito, quis libertá-lo à força, mas o santo apóstolo implorou-lhes que não o privassem do prazer de receber a coroa do martírio. O juiz o condenou à morrer crucificado. Quando André viu de longe a cruz, exclamou; “Oh, boa cruz, tão desejada, tão ardentemente amada e procurada!” Durante dois dias ele ficou pendurado na cruz e de lá pregou a fé de Cristo ao povo. Maximila, tia de Saturnino, recebeu seu corpo, embalsamou-o e enterrou-o. Sua morte ocorreu no ano 93 da era cristã.

*(**) Obadias, escritor antigo, escreveu a vida do santo em 42 capítulos narrando acontecimentos de acordo com o visionário Vicente Bellovacense, citando como fonte Ex actis ius, ou seja, a ata de Santo André, que já era lida no século II nas Igrejas.*

São Tiago Maior, apóstolo da Espanha(*)

De Jerusalém, Santiago viajou, passando pelas ilhas gregas e pela Sicília, até a Espanha, parando no País de Gales. Como não foi bem recebido nesta região, foi para outra. Em suma, ele não se saiu melhor neste lugar. Ele foi feito prisioneiro e teria sido morto se um anjo não o tivesse libertado milagrosamente das mãos de seus opressores. Deixou sete discípulos na Espanha e mudou-se, passando por Marselha, no sul da França, para Roma. Mais tarde regressou a Espanha e seguiu do País de Gales, passando por Toledo, até Saragoça. Ali muitos moradores se converteram: bairros inteiros reconheceram Cristo e se despojaram de seus objetos de idolatria. Vi Santiago ali em grande perigo. Víboras foram lançadas contra ele; mas o apóstolo as tomou calmamente nas mãos. Elas não fizeram nada com ele. Pelo contrário, ficaram furiosas com os sacerdotes dos ídolos, que a partir de então passaram a temê-las e a respeitá-las. Vi mais tarde como, tendo começado a pregar em Granada, foi preso com todos os seus discípulos e convertidos. Tiago chamou em seu auxílio Maria, que naquela época ainda morava em Jerusalém, implorando-lhe que o ajudasse, e vi como, pelo ministério dos anjos, ele foi libertado sobrenaturalmente, ele com seus discípulos, da prisão. Maria, ordenou por meio de um anjo, que fosse à Galiza para ali pregar a fé, e depois voltasse para sua residência em Saragoça.

Mais tarde vi Santiago em grande perigo devido a uma perseguição e tempestade contra os fiéis de Saragoça. Vi o apóstolo orar à noite com alguns discípulos à beira do rio, perto dos muros da cidade; ele pediu luz para saber se deveria ficar ou fugir. Pensou em Maria Santíssima e pediu-lhe que rezasse com ele para pedir conselhos e ajuda ao seu divino Filho Jesus, que então nada lhe poderia negar. De repente vi um

brilho vindo do céu sobre o apóstolo e os anjos apareceram acima dele, cantando uma canção muito harmoniosa enquanto traziam uma coluna de luz, cujo pé, no meio de um raio luminoso, apontava para um lugar, a poucos passos de distância do apóstolo, como indicando um determinado lugar.

A coluna era bastante alta e estreita, de brilho avermelhado, com veios de várias cores e terminava no topo como num lírio aberto, que lançava línguas de fogo em várias direções; um deles dirigiu-se para oeste, em direção a Compostela; os demais, em direções diferentes. No brilho do lírio vi Maria Santíssima, de brancura e transparência nevada, de maior beleza e delicadeza que a brancura da seda fina. Ele ficou de pé, brilhando de luz, da maneira como costumava ficar em oração quando ainda estava viva na terra. Ela estava com as mãos entrelaçadas e o longo véu sobre a cabeça, a maior parte do qual pendia até os pés, como se ela estivesse enrolada nele. Ela colocou seus pés pequenos e finos na flor que brilhava com suas cinco línguas. Todo o conjunto parecia maravilhosamente delicado e bonito.

Vi que Santiago se levantou de joelhos do lugar onde estava rezando, recebeu internamente de Maria o aviso de que ali deveria erguer imediatamente uma igreja; que a intercessão de Maria deveria crescer como uma raiz e expandir-se. Maria disse-lhe que ele deveria, assim que a igreja terminasse, retornar a Jerusalém. Santiago levantou-se, chamou os discípulos que o acompanhavam, que tinham ouvido a música e visto o brilho; Ele contou-lhes o resto, e todos testemunharam como o brilho da aparição estava desaparecendo. Depois de Santiago ter cumprido em Saragoça o que Maria lhe tinha ordenado, formou um grupo de doze discípulos, entre os quais vi que havia homens de ciência. Estes tiveram que continuar o trabalho iniciado por ele com tanto cansaço e contradições.

Santiago deixou a Espanha para se mudar para Jerusalém, como Maria lhe havia ordenado.

Nesta viagem ele visitou Maria em Éfeso. Maria predisse-lhe a aproximação da sua morte em Jerusalém, e consolou-o e confortou-o grandemente. Santiago despediu-se de Maria e de seu irmão João e rumou para Jerusalém, onde logo foi decapitado.

Tiago foi levado ao Monte Calvário, fora da cidade, enquanto pregava pelo caminho e convertia muitos ouvintes. Quando amarraram suas mãos, ele disse: "Você pode amarrar minhas mãos, mas não minha bênção e minha língua". Um aleijado que estava na beira da estrada clamou ao apóstolo para que lhe desse a mão e o curasse e ele respondeu: "Você vem até mim e me dá sua mão." O aleijado foi para Santiago, pegou as mãos atadas do apóstolo e foi encontrado são. Eu vi seu libertador, chamado Josias, correndo em direção a ele e pedindo perdão. Este homem confessou a Cristo e foi morto por sua fé. Tiago perguntou-lhe se queria ser batizado e tendo respondido que sim, o apóstolo o abraçou e beijou, e disse: "Sapos: vocês serão batizados em seu próprio sangue". Vi uma mulher chegar a Santiago com seu filho cego e buscar dele saúde para seu filho.

Primeiro Tiago foi mostrado com Josias num lugar elevado; Lá a culpa e a sentença foram lidas em voz alta para eles. Mais tarde, vi-o sentado numa pedra, a cujos lados estavam amarradas as mãos. Eles vendaram-lhe os olhos e cortaram-lhe a cabeça. Entretanto, tinham trancafiado Santiago o Menor na sua própria casa. Estavam então em Jerusalém: Mateus, Natanael Perseguido e Natanael, o marido (de Caná). Mateus morava em Betânia. A casa de Lázaro há muito estava destinada ao uso dos discípulos, assim como seus bens na Judéia. O castelo da cidade fôra ocupado pelos judeus. Após a morte do apóstolo houve um grande alvoroço na cidade e muitos se converteram à fé de Cristo.

O corpo de Tiago esteve por algum tempo nas proximidades de Jerusalém. Quando irrompeu uma nova perseguição, alguns discípulos o levaram para a Espanha,

incluindo José de Arimatéia e Saturnino. Mas a rainha Lupa, que perseguiu Santiago, não permitiu que ele fosse enterrado. Os discípulos o colocaram sobre uma pedra, que afundou e esvaziou, formando um túmulo. Outra maravilha aconteceu ali: alguns corpos ali enterrados foram jogados de seus lugares. Devido aos esquemas de Lupa, os discípulos foram levados à prisão pelo rei; Libertados milagrosamente da prisão, enquanto fugiam, foram perseguidos pelo rei e seus cavaleiros. A ponte quebrou durante a passagem e o rei e seu povo morreram. A rainha Lupa, apavorada, ordenou aos discípulos cristãos que fossem ao deserto e pegassem touros selvagens e os juntassem à carroça: para que onde estes animais carregassem o corpo de Santiago, ali pudessem construir uma igreja para ele. Ele pensou que desta forma os animais ferozes destruiriam tudo em sua fúria. Os discípulos encontraram, à entrada do deserto, um dragão, que, devido à sua bênção, irrompeu no meio. Os touros ferozes, por outro lado, deixaram-se amarrar com calma e carregaram o corpo sagrado para o próprio castelo de Lupa. Assim aconteceu que Santiago foi sepultado no castelo, já que Lupa se converteu, tornando-se cristã, com a sua gente. O castelo tornou-se uma igreja. Muitos milagres foram realizados naquele túmulo. O seu corpo foi posteriormente levado para Compostela, que se tornou um dos mais famosos locais de peregrinação. O apóstolo Santiago trabalhou na Espanha por cerca de quatro anos.

() Que Santiago foi à Espanha para pregar é afirmado por Santo Antonino; Santo Isidoro, no livro Vita et morte Sanctorum; Bráulio, Arcebispo de Saragoça (651); Juliano, Arcebispo de Toledo (G90)2 Papas Calisto 11, Pio V, Sisto V, o Venerável Beda. O historiador Gretscher afirma que é uma tradição antiga de todas as igrejas da Espanha.*

O apóstolo São João Evangelista em Roma e na Ásia Menor

Embora os cristãos pudessem viver em paz em Éfeso, São João ainda era mantido prisioneiro. Podia sair na companhia de dois soldados e por isso visitava frequentemente a boa gente do lugar. Numa dessas visitas ele conheceu alguns estudantes, cujo professor havia falado contra João e sua doutrina. Porque o santo tinha falado contra as riquezas, eles compraram lingotes de ouro e pedras preciosas, quebraram-nas em pedaços e atiraram-nas no seu caminho em sinal de desprezo. Queriam dizer que também eles, embora pagãos, sabiam desprezar as riquezas sem necessariamente terem de se tornar cristãos. João, porém, disse-lhes que o comportamento deles era um desperdício de dinheiro e não era uma virtude da pobreza ou da renúncia. Um dos alunos propôs ao santo que tentasse reunir as peças de ouro e pedras preciosas, como estavam antes; que então eles acreditariam em seu Deus e em sua doutrina. O santo disse-lhes para juntarem os pedaços e trazê-los para ele. Eles o fizeram e o santo devolveu-lhes o ouro e as pedras preciosas como estavam antes. Depois caíram aos seus pés, deram a sua riqueza aos pobres e tornaram-se cristãos. Dois destes, que haviam doado seus bens e seguido João, arrependeram-se, ao verem seus escravos bem vestidos, por terem se tornado cristãos. Vi que João converteu ervas da floresta e pedras da beira-mar em pedaços de ouro e pedras preciosas, através de sua oração, e as deu aos dois, dizendo-lhes que resgatassem as riquezas que haviam deixadas. Enquanto o apóstolo advertia o jovem caído, trouxeram-lhe o cadáver de um jovem, pedindo-lhe que o ressuscitasse. Muitos foram os que fizeram esse pedido ao apóstolo. João orou e ressuscitou o jovem e ordenou-lhe que contasse aos jovens o que sabia sobre o outro mundo. O Ressuscitado falou-lhes de tal maneira sobre as coisas do outro mundo que os jovens fizeram penitência e se converteram. O apóstolo impôs-lhes jejuns e os recebeu de volta entre os fiéis. O ouro e as pedras preciosas

voltaram a ser palha e pedras, que atiraram ao mar.

Vi então que muitos se converteram e que João foi reduzido à prisão. Um sacerdote idólatra disse que se João tomasse veneno sem se sentir mal, eles acreditariam em Jesus e o libertariam. Fizeram-no marchar, acompanhado por dois soldados, com as mãos amarradas com cordas, diante do juiz, onde muitas pessoas estavam reunidas. Vi que dois condenados à morte beberam o veneno e caíram mortos instantaneamente. João rezou sobre o vidro e vi dele sair um vapor negro, enquanto uma luz se aproximava dele. João bebeu o conteúdo do copo e o veneno não lhe fez mal. O sacerdote idólatra pediu mais provas: exigiu que João ressuscitasse os dois mortos. João estendeu-lhe o seu manto, dizendo-lhe que o lançasse sobre os mortos, repetindo as palavras que o apóstolo lhe ensinou. Quando ele fez isso, os dois mortos ressuscitaram e quase toda a cidade foi convertida. João foi libertado de suas correntes. Outra vez vi um templo desabar diante de João, porque queriam forçá-lo a sacrificar aos ídolos. Veio como uma tempestade sobre o templo; o telhado do prédio desabou; uma nuvem de poeira e detritos saiu das portas e janelas, e também fumaça e fogo, enquanto os ídolos eram derretidos pelo calor.

O judeu convertido e o jovem perdido

Um judeu convertido, que ainda era catecúmeno, ficava reduzido, na ausência de João, à maior pobreza e sobrecarregado de dívidas que não podia pagar, e por isso era muito assediado. Um judeu pervertido sugeriu-lhe a ideia de que tomasse veneno, caso contrário seria preso por suas dívidas e não sairia de lá a vida toda. Já havia visto o pobre beber veneno até três vezes num vaso de bronze escuro que tinha: tamanho era o medo que sentia de ser preso. Mas João lhe ensinou a fazer o sinal da cruz em qualquer bebida ou comida que ingerisse, e aconteceu que ele não foi envenenado, embora desejasse ser. Entretanto, João regressou ao local: o pobre judeu confessou a sua culpa e também expôs a sua extrema necessidade, prometendo fazer penitência pelo seu crime. João abençoou o mesmo recipiente de bronze que continha o veneno, transformou-o em ouro e mandou-o pagar a sua dívida com aquele ouro. Este homem mais tarde tornou-se discípulo de João e bispo da cidade onde João encontrou aquele jovem que havia se perdido e o resgatou de um bando de malfeitores.

João encontrou este jovem próximo a um curral, perto da cidade. Ao falar com ele, reconheceu que boas qualidades se misturavam com extrema grosseria e ignorância. O menino acenou para os pais, que eram pastores pobres, e João pediu-lhes que deixassem o menino com ele para educá-lo. Os pais consentiram. O menino tinha dez anos e João o levou ao bispo de Beréia para educá-lo, dizendo-lhe que voltaria no seu tempo para pedir contas do menino. No início as coisas correram bem: depois deixaram o menino fazer seus caprichos e ele acabou caindo nas mãos de uma gangue de criminosos.

Quando João voltou para buscar a criança, soube que seu protegido estava nas montanhas com os assaltantes. João levou um animal de carga, pois sua idade e a aspereza da estrada não lhe permitiam andar a pé. Ao encontrar o jovem, pediu-lhe de joelhos que retornasse de seu mau caminho. O jovem tinha então cerca de vinte anos. João levou-o com ele. Ele mudou o bispo do local e ordenou ao jovem que fizesse penitência pelo seu pecado. Mais tarde vi que ele também se tornou bispo. Esse bispo era, além disso, um homem bom, que teve muito que sofrer pelos hereges; mas no que diz respeito à criança ele tornou-se culpado de grave descuido. Ele foi bispo por apenas seis anos e me pareceu que preferia substituir João em sua ausência. O nome dele era Áquila. Ele morreu de morte natural. Oh,

como ele chorou quando São João o repreendeu por negligenciar a criança! Eu o vi ajoelhado diante do apóstolo.

O Apocalipse e o Evangelho de São João

Quando João foi jogado no caldeirão de óleo fervente, ele já havia ensinado na Itália e lá foi feito prisioneiro. Da ilha de Patmos, onde era muito querido e converteu muitos, às vezes fazia viagens com seus tutores, e esteve em Éfeso. Ele não teve as visões do Apocalipse de uma só vez nem as escreveu de uma só vez, mas em momentos diferentes. Três anos antes de sua morte, ele escreveu seu Evangelho na Ásia.

Vi várias imagens do seu martírio em Roma. Via isso num pátio redondo, cercado por um muro. Lá ele foi despido e açoitado. O apóstolo já era muito velho, mas a sua carne era como a de um jovem. Vi que o levaram então para fora, para um lugar grande e redondo, onde havia um grande caldeirão colocado sobre uma base de pedra, também redonda, onde era colocado o fogo, respirando por alguns buracos do forno. João foi levado vestido com uma longa capa, fechada na frente do peito, que me lembrou de Cristo quando foi escarnecido. Havia muitas pessoas assistindo a cena. Sua capa foi removida e seu corpo apareceu coberto de manchas vermelhas por causa das chicotadas. Dois homens levaram João até a abertura da caldeira e ele mesmo fez a sua parte. O óleo estava fervendo. Eles alimentaram o fogo abaixo com pequenos feixes de madeira escura, que levaram para aquele fim. Depois de João ter ficado lá dentro por um tempo, sem dar o menor sinal de dor ou dano, eles o tiraram novamente e seu corpo foi visto curado das feridas das chicotadas e mais fresco do que antes. Muitas pessoas correram sem medo até o local da caldeira e encheram pequenos recipientes com óleo, sem se queimarem, o que me surpreendeu. Eles tiraram João de lá.

De Roma, João foi novamente para Éfeso e ali permaneceu escondido por alguns dias. Só à noite saía para visitar as casas dos cristãos e celebrava a missa na casa de Maria.

Algun tempo depois, retirou-se com alguns discípulos para Cedro, onde, vivendo na solidão, escreveu o seu Evangelho, três anos antes de sua morte. Os discípulos não estavam com ele quando ele escrevia: permaneciam a uma certa distância e aproximavam-se dele de vez em quando para lhe trazer comida. Eu o via escrever sentado ou deitado debaixo de uma árvore. Vi que uma vez choveu e havia luz e secura. Ele passou bastante tempo ensinando nesses lugares e converteu muitas pessoas na cidade. Dali João voltou para Éfeso.

A maior parte dos descendentes dos Magos retirou-se para a ilha de Creta, após o batismo recebido do apóstolo Tomé; os outros partiram em direções diferentes. Na Arábia existiram vários bispos estabelecidos por São Tomás, retirados das cidades dos Três Reis Magos. Estes bispos já não podiam governar todos estes povos, alguns dos quais caíram na velha idolatria.

Escreveram para isso a São João, e ele os enviou os dois irmãos de Fidel, que batizaram Macário e Caio. Esses discípulos, à força de orações e insistência, conseguiram que o próprio João, em idade muito avançada, viajasse ao país dos Três Reis Magos. A região deles era mais distante que o país de Mensor. Vi João na terra de um deles, entre os caldeus, que tinha um jardim de Maria fechado no seu templo. O templo já não existia, mas tinham construído uma pequena igreja no formato da casa de Maria em Éfeso: plana no topo, como vi todas as capelas daquela época.

Os outros bispos chegaram, reuniram-se ali e pediram a João que escrevesse a vida

de Jesus no seu país, que lhe contassem tudo o que sabiam sobre a sua infância. O apóstolo respondeu-lhes que já tinha escrito a vida de Jesus, que tinha escrito o que podia ser escrito sobre a sua vida divina aqui na terra. Enquanto escrevia, ele esteve quase continuamente no céu e não conseguia mais escrever mais nada. Ele também lhes disse que o que o discípulo, que havia viajado com Jesus, chamado Eremenzear, mais tarde Hermes, havia escrito, Macário e Caio iriam completar. Aprendi que a obra de Macário se perdeu: mas a de Caio ainda existe. Dali João partiu para Jerusalém, depois para Roma e de lá para Éfeso.

Morte de São João Evangelista

Tive uma linda visão da morte de São João. Ele já era muito velho: seu rosto, porém, sempre permaneceu fresco, bonito e jovem. Eu o vi em Éfeso, na igreja, creio, durante três dias, partindo e distribuindo pão (expressão antiga para significar comunhão). Pareceu-me que Jesus apareceu para ele e previu sua morte iminente. Tive uma ideia um tanto confusa sobre isso; Contudo, lembro-me que Jesus lhe apareceu: vi-o ensinando ao ar livre, fora da cidade, debaixo de uma árvore, rodeado de muitos discípulos. Retirou-se com dois discípulos para um lugar lindo, atrás de uma pequena colina, entre o bosque, havia uma bela campina, e dava para ver o reflexo do céu no mar calmo. Ele estava apontando algo para eles na terra; Pareceu-me que ele estava dizendo-lhes que deveriam fazer ou terminar ali o seu túmulo; Prefiro pensar que eles deveriam ter acabado de concluí-lo, pois vi que logo foi feito muito bem. Acho que o resto já tinha sido feito anteriormente, principalmente porque as pás já estavam lá. Então o vi voltar para onde os outros estavam, Ele os ensinou com amor, orou e disse-lhes para amarem uns aos outros. Os dois voltaram, e um deles lhe disse: "Ah, padre, parece-me que você quer me deixar"... Eles se aglomeraram, caíram de joelhos e choraram.

Ele os advertiu, orou com eles e os abençoou. Depois ordenou que ficassem onde estavam e com cinco deles foi ao sepultura. Esta não era muito profunda e era muito bem feita, coberta de vegetação; Tinha uma espécie de tampa de vime, sobre a qual deviam colocar ervas e uma pedra por cima. João rezou com os braços estendidos, próximo ao túmulo; Então ele jogou seu manto dentro, desceu até lá, deitou-se e orou novamente. Uma grande luz desceu sobre ele. Ele até falou com seus discípulos. Estes estavam caídos no chão, junto à sepultura: choravam e rezavam.

Então vi algo maravilhoso: enquanto João estava deitado e morrendo pacificamente, vi no brilho, acima dele, uma figura luminosa, como ele, emergindo de seu corpo, como se saísse de um envelope, e desaparecendo na mesma luz e brilho. Então vi os outros virem e deitarem-se ao redor de seu túmulo, que então cobriram. Também vi que o corpo de João não estava na terra. Vi entre o Oriente e o Ocidente um espaço luminoso, semelhante a um sol, vi-o ali dentro, como se intercedesse pelos outros; como se ele recebesse algo de cima e desse aos de baixo. Vi esse lugar como algo pertencente à terra, mas completamente elevado acima dela: não tem como chegar lá (*),

() San Antonino traz os acontecimentos narrados da mesma forma que Ana Catalina os vê (VI, Cap. 6, LI,3). A tradição confirma. o que foi visto pela vidente na morte do Santo.*

Santo Agostinho, São Gregório de Tours, Hilário, Epifânio, São Gregório Nazianzeno, Alberto Magno, Tomás de Villanueva e outros são da opinião que João realmente morreu, mas que o seu corpo foi levado da terra. e que agora vive, como Enoch e Elias, para retornar no fim dos tempos para anunciar às nações. O ofício da Igreja Grega recebeu esta tradição na sua liturgia.

Obras Apostólicas de São Tomé na Índia

Cerca de três anos após a morte de Cristo, São Tomé embarcou numa viagem com o apóstolo Tadeu e quatro discípulos ao país dos Três Reis Magos. Lá ele batizou dois dos três Reis Magos: Mensor e Teokeno. (Em outro lugar Ana Catalina diz que Sair, o terceiro dos reis, já havia morrido). O apóstolo Tomé realizou grandes maravilhas em todos os lugares: estabeleceu mestres da fé e deixou um discípulo. Ele foi para Báctria. Vi isso muito ao Norte, na China, onde começava a Rússia, entre pessoas completamente bárbaras. Na Báctria, principalmente entre aqueles que seguiam os ensinamentos da Estrela Luminosa (Zoroastro), foi muito bem recebido.

Eu também vi isso no Tibete. Mais tarde vi Tomé, não só na Índia, mas também numa ilha, entre os negros e no Japão, e ouvi profecias feitas por ele sobre o destino da religião naquele país. Tomé não queria ir para a Índia por vontade própria. Antes de partir, ele teve visões frequentes em sonhos, parecendo-lhe que estava construindo belos e grandes palácios na Índia. A princípio ele não entendeu tais visões e as rejeitou, já que não era um construtor de casas. Mas então lhe voltaram as advertências para ir à Índia, para converter muitas pessoas, para ganhar almas para Deus; que era isso que significavam os palácios que ele construiria. Ele relatou suas visões a Pedro, que o encorajou a ir para a Índia. Ele viajou ao longo do Mar Vermelho. Esteve também na ilha de Socotora, onde evangelizou: ali não ficou muito tempo. Foi a segunda cidade do reino onde Tomé chegou, quando ali celebravam uma grande festa. Ele começou a evangelizar e curar os enfermos.

O rei e muitas pessoas ouviram seus ensinamentos. Ele conseguiu converter tantas pessoas que um jovem sacerdote idólatra ficou muito zangado com ele. No meio da competição da aldeia onde Tomé ensinava, ele deu um passo à frente e deu-lhe um tapa. Tomé foi muito paciente e, sem vacilar, ofereceu a outra face aos golpes e até agradeceu. Por causa desta atitude o rei e o povo ficaram muito admirados e consideravam Tomé uma pessoa santa. O próprio sacerdote dos ídolos se converteu. Sua mão ficou coberta de lepra, mas o santo a curou e, assim, convertido, tornou-se mais tarde o discípulo mais devotado do apóstolo. Tomé também converteu a filha do rei e seu marido, que estava possuído por um demônio. Mais tarde deixou esta região viajando em direção ao Oriente. Quando a filha do rei deu à luz um filho, ela e o marido consagraram-se a Deus, vivendo na continência, e distribuíram as suas riquezas aos pobres. Por conta disso, o pai do marido ficou muito zangado com Tomé e disse que ele era feiticeiro, mas o casal perseverou no caminho que havia trilhado, ensinaram a fé de Cristo em todos os lugares com a simplicidade com que a receberam, e eles converteram muitas pessoas. O pai do jovem marido ficou comovido e pediu a Tomé para voltar. Tomé regressou, porque lhe tinha dito “Vejo-te novamente em breve”. O rei fez-se batizar com uma grande multidão do povo. Vi que mais tarde ele foi diácono e que se retirou para o país dos Três Reis Magos.

Acho que ele se tornou padre. Um filho dele construiu uma igreja.

Vi Tomé em outra cidade da Índia, à beira-mar, desejando retornar à sua viagem. Acho que não foi longe do lugar onde mais tarde vi Xavier. Jesus apareceu-lhe e ordenou-lhe que fosse mais fundo na Índia. Tomé não conseguia decidir; Parecia-lhe que ali existiam povos muito bárbaros. Jesus apareceu-lhe novamente e disse-lhe que fugia da sua presença como Jonas: encorajou-o a ir, prometendo estar com ele; Ele lhe disse que grandes maravilhas seriam realizadas ali por sua pregação; que no dia do julgamento ele estaria ao lado de Cristo, como testemunha do que foi feito pela conversão dos homens.

Depois vi o apóstolo sair entre muitas pessoas: vi-o curando os enfermos,

expulsando demônios e batizando num poço. Um homem nobre, muito culto e muito bom, que sempre consultava livros, aproximou-se dele e tornou-se um discípulo muito adito. Este homem tinha uma sobrinha casada com um parente do rei local. Ela era jovem, bonita e muito rica. Quando ouviu falar do apóstolo, teve um grande desejo de ouvir seus ensinamentos. Ela caminhou entre o povo e, jogando-se a seus pés, pediu-lhes que a instruissem nas verdades da fé. Tomé a evangelizou e a abençoou. Ela ficou muito emocionada: chorou, orou e jejuou dia e noite. O marido, que a amava muito, queria distraí-la; mas ela implorou que ele lhe deixasse algum tempo livre. Ela ia todos os dias aos ensinamentos do apóstolo e tornou-se uma cristã fervorosa. Isto irritou muito o marido, que se vestiu de luto e queixou-se ao rei contra Tomé. O rei ordenou que Tomé fosse arrastado com uma corda pelo homem irritado, e chicoteado e preso; mas ele deu graças a Deus por tudo o que sofreu. A jovem esposa cortou os cabelos, chorou, rezou e deu muitas esmolas aos pobres, e a partir daí não se enfeitou mais durante a noite, na ausência do marido, tendo conquistado os tutores, foi com outros para ouvir os ensinamentos de Tomé na mesma prisão. Sua ama foi com ela e tornou-se cristã. Tomé disse-lhes que preparassem tudo para o batismo em sua própria casa. Ele saiu da prisão e batizou estes e muitos outros. Os guardas, com a permissão de Deus, dormiram durante esse período, e Tomé então voltou ao seu confinamento.

Mais tarde, como até mesmo na família real alguns se haviam corrigido, ao ouvirem a pregação do apóstolo, o rei ordenou que Tomé aparecesse. O apóstolo o evangelizou e, como ele não acreditava, Tomé disse-lhe que fizesse algum teste com ele para ver se estava pregando a verdade. O rei então ordenou que fossem trazidos espetos quentes e Tomé pisou neles sem sentir nenhum dano. No lugar onde estavam os ferros em chamas, jorrou uma fonte. Tomé contou-lhe como ele próprio tinha visto os milagres de Cristo durante três anos, algo que dizia muitas vezes e do qual, apesar de tudo, duvidava frequentemente; É por isso que ele queria convencer os mais incrédulos. Tomé narrou sua própria culpa em todos os lugares. O rei até tentou afogá-lo em uma sala que encheu de vapor quente; mas não causou nenhum dano e a sala ficou cheia de ar fresco. Quando quis que Tomé sacrificasse aos seus ídolos, o apóstolo lhe disse: “Se Jesus não puder destruir o teu ídolo, então lhe oferecerei incenso”. Uma grande festa foi preparada. o ídolo foi carregado em uma carruagem majestosa. Assim que Tomé orou, o fogo foi visto descendo do céu e derreteu o ídolo em um momento. Muitos outros ídolos caíram no chão. e Tomé foi atirado de volta na prisão. Desta prisão foi libertado, tal como Pedro, e chegou a uma ilha onde passou muito tempo, deixando ali o seu ensino e rumou para o Japão, onde permaneceu durante meio ano. a própria família do rei se converteu. Os sacerdotes dos ídolos ficaram mais zangados com ele. Um deles tinha um filho doente e pediu a Tomé que fosse curá-lo. Tomé mandou trazer o corpo e ordenou-lhe, em nome de Jesus, que se levantasse e dissesse quem o havia matado. O morto levantou-se e disse: “Meu pai fez isso”. Por esta razão muitos foram convertidos.

Vi que Tomé, ajoelhado sobre uma pedra, rezava fora da cidade, num lugar longe do mar, e que seus joelhos ficavam gravados na pedra. Ele previu que quando o mar, que então estava bem longe, viesse lambendo aquela pedra, um homem viria de longe e pregaria ali a fé de Jesus Cristo. Eu não poderia imaginar que o mar acabaria por chegar lá. Uma cruz de pedra foi construída naquele local quando Xavier chegou a aquela região. Vi Tomé ajoelhado sobre esta pedra, rezando, em êxtase, e que um sacerdote idólatra, aproximando-se por trás, o perfurou com sua lança. Seu corpo chegou posteriormente a Edessa; e vi um festival religioso em sua homenagem. Mas ainda havia uma costela de Tomé e a lança no lugar. Ao lado da pedra onde ele

orou, havia uma oliveira, que foi regada com o seu sangue. Sempre, no dia do seu martírio, a árvore transpirava óleo, e quando isso não acontecia, as pessoas temiam um ano ruim. Vi que os pagãos quiseram em vão arrancar esta árvore, que sempre renascia. Ali foi construída uma igreja e, quando nela se celebrava a missa, a árvore transpirava óleo novamente. A cidade se chamava Meliapur. Naquele tempo a fé não floresceu ali, mas o Cristianismo ressurgiria naquele lugar.

Disseram-me que Tomé completou trezentos e noventa anos de idade. Ele estava muito magro, tinha o rosto um tanto moreno e cabelos castanhos avermelhados. Na sua morte, o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe que se sentaria com ele no julgamento no dia do julgamento. Se não me engano nas minhas muitas viagens, pareceu-me que Tomé partiu, depois da separação dos apóstolos, primeiro para o Egito, depois para a Arábia, e enquanto caminhava pelo deserto enviou um discípulo para dizer a Tadeu que fosse ver o rei Abgar. Depois batizou os Três Reis Magos e chegou à Bactria, China, Tibete, Rússia, e dali voltou para assistir à morte de Maria. Eu vi isso na Palestina. passando pela Itália, um pedaço da Alemanha, Suíça, um pouco da França, depois na África para chegar à Etiópia e à Abissínia, onde morava Judite (que estava em outra visão). De lá para Socotra, para a Índia, para Meliapur, onde foi libertado da prisão pelo anjo; atravessando parte da China, chegou bem ao Norte, onde hoje fica a parte russa. Dali ele foi para o Norte das ilhas do Japão. (*)

(*) O Kirchenlexikon diz: Segundo a tradição dos sírios, Tomé enviou o apóstolo Tadeu a Edessa, onde Abgar era rei. O corpo do Santo repousa em Edessa e parte de suas relíquias permaneceram na Índia.

Obras de São Bartolomeu na Ásia e na Abissínia

O apóstolo São Bartolomeu pregou a fé primeiro na Índia, onde deixou muitos convertidos e discípulos. Depois passou pelo Japão e voltou para a Arábia, pelo Mar Vermelho, em direção à Abissínia. ali ele converteu o rei Polímio e ressuscitou um homem morto. Na cidade real deste país havia muitos doentes, que eram levados diante dos ídolos.

Desde que Bartolomeu chegou, o ídolo ficou em silêncio. Havia uma casa cheia de mulheres possuídas por demônios. Bartolomeu curou e libertou essas pessoas, evangelizou-as e batizou-as, depois de terem abjurado publicamente os seus erros e o seu comércio com os demônios.

O apóstolo entreteu-se frequentemente e por muito tempo com o rei Polímio, que fazia muitas perguntas e muitas vezes o deixava consultar seus escritos. O apóstolo respondeu a ele e resolveu suas dificuldades. A respeito do que o rei disse que as pessoas eram curadas de suas doenças quando iam diante do ídolo, o apóstolo declarou-lhe que as pessoas eram primeiro influenciadas pelo diabo, e pareciam doentes; Depois, quando eram apresentados diante do ídolo, pareciam estar curados, para que o povo não se desviasse da adoração aos demônios. Disse-lhe que, a partir daquele momento, o demônio daquele ídolo ficou reduzido à impotência e não podia mais fazer maravilhas.

Disse-lhe que veria tudo isto com mais clareza se concordasse em consagrar o templo ao verdadeiro Deus e se permitisse que ele e o seu povo fossem batizados, abraçando a fé de Cristo. O rei mandou convocar todo o povo e enquanto os falsos sacerdotes ofereciam sacrifícios, Satanás clamava do ídolo para que não o fizessem, que ele não poderia mais fazer nada, que estava submisso ao Filho de Deus. Bartolomeu ordenou-lhe, em nome de Deus, que revelasse os enganos das suas curas, e Satanás confessou-o, falando através do ídolo. Então Bartolomeu ensinou em lugar aberto e ordenou que o demônio se mostrasse como era, para que os

pagãos pudessem ver a quem adoravam. O demônio apareceu na forma de um homem negro assustador e, na frente deles, afundou na terra. Então o rei Polímio ordenou que todos os ídolos fossem derrubados. Bartolomeu consagrou o templo ao Deus verdadeiro, batizou o rei, toda a sua família e aos poucos todo o seu exército.

Bartolomeu ensinava, curava os enfermos e era muito querido por todo o povo.

O apóstolo recebeu ordem do céu para ir ver a Mãe de Deus. Enquanto isso, os sacerdotes dos ídolos foram até Astíages, irmão de Polímio, e acusaram Bartolomeu de feiticeiro. Quando Bartolomeu regressou, depois do encontro com os outros apóstolos, não conseguiu entrar, porque foi apreendido pelos sátrapas de Astíages e levado à sua presença, que lhe falaram assim: "Tu seduziste o meu irmão a adorar o teu Deus." "Eu quero te ensinar a sacrificar ao meu deus." Bartolomeu respondeu: "Aquele Deus que me deu o poder de mostrar ao seu irmão quem ele adorava, isto é, Satanás, e de lançá-lo no inferno, de onde ele veio, também me dará forças para quebrar seus falsos deuses e trazer fé para você mesmo." Naquele momento chegou um mensageiro com a notícia de que o ídolo de Astíages havia caído no chão.

O rei, enfurecido com o fato, rasgou as roupas e ordenou que o santo apóstolo fosse açoitado. Foi amarrado a uma árvore e esfolado, enquanto ele, com voz clara, pregava: finalmente sua garganta foi perfurada com um estilete. Os algozes arrancaram-lhe a pele dos pés e colocaram-lhe a pele nas mãos. Após sua morte, eles lançaram seu corpo sagrado às feras; mas ele foi resgatado à noite pelos novos convertidos. Vi que o rei Polímio veio com muita gente e lhe deu um enterro honroso. Uma igreja foi construída sobre seu túmulo. Astíages e aqueles que martirizaram Bartolomeu foram dominados pela fúria e pelo medo, depois de treze dias, e correram para o túmulo do santo implorando por sua ajuda. O rei Astíages foi finalmente convertido; O mesmo não aconteceu com os sacerdotes idólatras, que morreram miseravelmente depois de algum tempo. (*)

() Sem razão alguns exegetas identificam Bartolomeu com Natanæl, Bartolomeu, filho de Tolmai, chamava-se Naftalí. Depois de ter pregado na Índia e na Armênia, suas relíquias estão em Roma, enquanto Natanæl. Depois de ter pregado na Mauritània e na Bretanha, descansou em Treuga, que é Leon da Espanha.*

Simão e Judas Tadeu na Pérsia

Após a dispersão dos apóstolos, os irmãos Simão e Judas Tadeu caminharam juntos por algum tempo. Simão dirigiu-se para o Mar Negro, e em direção à Cítia, e Tadeu para o Oriente, onde provavelmente encontrou Tomé, acompanhando-o à distância, e foi então enviado por ele com uma carta ao rei de Edessa, chamado Abgar.

Quando Tadeu chegou ao rei, ele viu, ao lado do apóstolo, o rosto luminoso de Jesus e inclinou-se profundamente. Pela imposição de suas mãos, Tadeu curou o rei Abgar da lepra. Depois de ter curado e convertido muitos em Edessa, percorreu com seu companheiro Silas os países que Jesus havia visitado e chegou, pela Arábia, até o Egito. Nesta viagem o apóstolo conseguiu batizar muitos em Quedar; populações inteiras abraçaram a fé.

O apóstolo Simão foi, após a morte de Maria, para o país dos persas.

Ele tinha como companheiros o discípulo Obadias e outros. Mais tarde, Obadias foi bispo da Babilônia. Por ordem de Deus, os dois irmãos se encontraram novamente em um acampamento militar e seguiram para uma grande cidade (Babilônia). Eles estavam indo muito bem ali. Vi acontecer muitas coisas das quais não tenho mais que uma vaga ideia. Lembro-me que numa reunião, na presença do rei, os sacerdotes idólatras se levantaram contra o apóstolo. Alguns deles tinham uma

certa quantidade de cobras do comprimento de um braço em uma cesta e outros as tinham nas mãos.

Essas víboras eram arredondadas, como as enguias, mas mais finas; Tinham cabecinhas redondas, as mandíbulas abertas exibindo pequenas línguas afiadas, como lancetas, em atitude ameaçadora. Os sacerdotes as lançaram contra o apóstolo; mas vi que elas voltaram como flechas contra o mesmo povo que as levaram. Elas os morderam, e eles gritaram e choraram, até que o apóstolo ordenou às cobras que não fizessem mal àqueles sacerdotes. Vi que muitos foram convertidos e o próprio rei com eles. Os apóstolos saíram de lá e foram para outra cidade e ficaram na casa de um cristão. Vi surgir um tumulto na cidade, e os dois apóstolos, juntamente com o cristão, foram levados a um templo onde haviam vários ídolos montados sobre rodas. Uma multidão tumultuada se reuniu, dentro e fora do templo.

Lembro-me de ver os ídolos desabarem, destruídos e destroços caindo do templo. Como resultado disso, os dois apóstolos foram maltratados pelo povo, que com todo tipo de armas e com a ajuda de sacerdotes idólatras feriram os santos apóstolos até a morte. Vi como o apóstolo Tadeu teve a cabeça quebrada em duas partes, no meio do rosto, com o machado que um homem trazia no cinto. Uma clareza e visão celestiais apareceram sobre o santo mártir. Os corpos de ambos os apóstolos repousaram na igreja de São Pedro, em Roma.

São Filipe na Frígia e São Mateus na Etiópia

Depois do Pentecostes, Filipe e Bartolomeu partiram para Gessur, nos confins da Síria. Filipe curou uma mulher doente naquela cidade. No início foi bem recebido: depois foi perseguido. Filipe foi para a Frígia, onde conquistou muitos pagãos para a fé em Cristo. Em Heriápolis, na Frígia, foi levado diante de uma estátua de Marte, pelos sacerdotes, para oferecer incenso. Uma cobra saiu debaixo do mesmo altar e matou dois tribunos e o próprio filho do sacerdote do ídolo. O santo apóstolo ressuscitou os três mortos. Apesar disso, ele foi açoitado e depois crucificado. Muitos queriam tirá-lo da cruz enquanto ele ainda estava vivo, mas ele implorou que o deixassem morrer como seu Senhor e Mestre havia morrido. Ainda na cruz, ele foi apedrejado até ser visto morto. Seu martírio ocorreu no ano 81.

São Mateus pregou durante 25 anos na Etiópia, e durante esse tempo converteu uma grande multidão à fé de Cristo, incluindo o rei do Egito com toda a sua família. A filha do rei, Hifigênia, tomou a resolução de consagrar-se a Deus em estado de virgindade e foi confirmada neste propósito pelo santo apóstolo. Quando o tio do rei descobriu que havia assumido o reino e que queria Hifigênia como esposa, ordenou que o santo apóstolo fosse morto. Enquanto celebrava os serviços divinos no altar, o santo apóstolo foi perfurado por uma lança.

São Marcos em Roma (*)

Com o príncipe dos apóstolos, Pedro, Marcos foi para Roma. Em seu Evangelho, Marcos escreveu o que Pedro lhe ditou. Quando uma peste se espalhou por Roma, uma espécie de Via Sacra foi erguida ali, por ordem de Marcos. Os cristãos e os mesmos pagãos que fizeram a Via Sacra viram-se livres da peste. Vendo esta maravilha, muitos pagãos se converteram. Marcos foi de Roma ao Egito para pregar o Evangelho. Eu vi isso pela primeira vez em Alexandria. Ele não queria ir para lá, mas sim pregar de um lugar para outro. Enquanto caminhava, ficou tão ferido no dedo indicador da mão direita que o teria perdido se não tivesse sido curado por

uma aparição maravilhosa, semelhante à de Saulo, que o encheu de grande medo. De seu ferimento, ele teve uma marca vermelha em volta do dedo durante toda a vida. Ao entrar em Alexandria, certa vez deu a sola do sapato ao sapateiro Aniano para consertá-lo. Este artesão machucou a mão enquanto fazia o trabalho. Marcos o curou misturando saliva com poeira do chão. Aniano se converteu e Marcos ficou em sua casa. Aniano tinha uma sala grande, vários criados e sua esposa com dez filhos. As primeiras reuniões dos novos convertidos aconteceram na sala designada para Marcos.

Os apóstolos não costumavam celebrar os ofícios divinos e a Missa numa nova comunidade, mas quando esta era fortificada e adequadamente instruída. O santo sacramento era administrado com certo rito durante a celebração da santa missa. O sapateiro Aniano teve entre seus dez filhos, três que mais tarde se tornaram sacerdotes. Vi que o pai foi o sucessor do próprio Marcos. Em Heliópolis vi o santo evangelista Marcos. Ali foi construída uma igreja no local onde estivera a Sagrada Família e também um pequeno convento. A maioria dos batizados ali por Marcos eram judeus. Marcos foi jogado na prisão de Alexandria e estrangulado com uma corda.

Quando estava na prisão, Jesus apareceu-lhe com uma pequena patena e deu-lhe um pão redondo. Mais tarde vi o seu corpo em Veneza.

()Incluídos neste capítulo estão alguns que não são apóstolos propriamente ditos, como Marcos, Timóteo e outros, mas que estavam intimamente ligados aos apóstolos de Jesus Cristo.*

São Lucas e as pinturas da Virgem

O evangelista Lucas esteve com São João em Éfeso; depois com o apóstolo André. Em sua cidade natal conheceu o apóstolo Paulo, a quem acompanhou em suas viagens. Ele escreveu o Evangelho, segundo o conselho de Paulo e porque havia escritos falsos sobre a vida do Senhor. Ele escreveu o seu Evangelho 25 anos depois da Ascensão do Senhor, a maior parte dele baseado nas notícias daqueles que testemunharam os acontecimentos. Já no momento da ressurreição de Lázaro o vi visitar os lugares onde o Senhor havia feito milagres e fazer anotações. Ele tinha uma relação estreita com Bársabas. Também aprendi que Marcos escreveu o seu Evangelho a partir de notícias daqueles que o testemunharam, e vi que nenhum dos evangelistas, ao escrever o seu livro, usou a escrita de outros. Disseram-me que se tivessem escrito mais, menos ainda teriam acreditado neles. Os milagres repetidos diversas vezes não foram registrados, para não serem demorados.

Já vi Lucas pintar vários quadros da Virgem, alguns de forma milagrosa. Encontrou um busto de Maria pintado e acabado, tendo-o solicitado, depois de ter tentado em vão fazer a obra. Ele descobriu que terminou enquanto estava em êxtase. Estava conservado em Roma, em Santa Maria Maior, num altar da capela da Manjedoura, à direita do altar-mor. Não era, no entanto, o original, mas uma cópia dele. O original ainda estava numa parede, que virou coluna, quando ali estavam escondidos muitos objetos sagrados, correndo grande risco. Lá também vi ossos de santos e escritos de grande antiguidade. A igreja tinha sete colunas. Estava encerrado ao meio, à direita, para que o sacerdote, ao dizer Dominus vobiscum, no altar da pintura da Virgem, apontasse com a mão para aquela coluna.

Lucas também pintou a imagem completa de Maria, em vestido de noiva. Não sei onde essa pintura está localizada. Outra pintura onde Maria aparece em vestido de luto, em tamanho real, acho que já vi onde estava a aliança da Virgem (em Perugia).

Lucas pintou Maria quando ela estava a caminho do Calvário para tirar Cristo da cruz. Isso aconteceu de uma maneira maravilhosa. Quando todos os apóstolos fugiram, Maria dirigiu-se à cruz ao amanhecer, creio que com Maria Cleofas e Salomé.

Lucas estava na estrada e estendeu uma tela com o desejo de que a imagem de Maria fosse impressa. Ele encontrou a imagem como uma sombra desenhada e fez a pintura de acordo. Ali estavam duas figuras: ele mesmo, com a tela, e Maria, a caminho. Não sei se Lucas fez isto apenas para obter a figura de Maria na sua tela, ou porque era costume erguer uma tela às pessoas em luto, ou para prestar a Maria um serviço como Verónica queria fazer com Jesus. Vejo que este quadro pintado por Lucas ainda existe entre certas pessoas, entre a Síria e a Arménia. Estes não eram realmente cristãos; Eles acreditavam em João Batista e usavam o batismo de penitência quando queriam se purificar dos seus pecados. Lucas pregou neste lugar e fez muitos milagres com a pintura. Eles o perseguiram e queriam apedrejá-lo. Porém, eles mantiveram a pintura de Lucas. Ele levou consigo doze que havia convertido. Eles moravam perto de uma montanha, a cerca de doze horas do Líbano, em direção ao Oriente. Na época de Lucas haviam cem. Vi a sua igreja como uma caverna na montanha; para entrar eræ preciso descer; No topo se podia ver cúpulas, como as janelas do telhado de uma igreja.

Vi a pintura de Lucas em outra época; Acho que eram tempos mais modernos, porque na época de Lucas as coisas eram mais simples. A igreja parecia maior para mim; As cerimônias me pareceram muito diferentes entre os habitantes. O padre estava sentado sob um arco, em frente ao altar. A pintura estava pendurada no teto. Havia muitas lâmpadas acesas em frente à pintura, de modo que já estava escuro e embaçado.

Eles receberam muitas graças da pintura e a honram porque viram maravilhas por causa dela. Lucas foi martirizado como bispo, creio que em Tebas. Vi como o amarraram com cordas a uma oliveira e o mataram com flechas. Uma flecha o atingiu no peito e em seu corpo e ele se inclinou para frente. Então eles o amarraram novamente e atiraram flechas nele novamente. Ele foi enterrado secretamente à noite. Vi que Lucas usou como remédio, no seu período de cura, mignonette com azeite misturado, que ele abençoou. Ungia os enfermos, fazendo uma cruz na testa e na boca, e também usava mignonette seca, com água, que derramava por cima.

() Lucas foi discípulo do Senhor, embora não o tenha seguido continuamente. Segundo São Gregório Magno, Orígenes, Eofilactos, Nicéforo, Metafrastes, ele foi com Cleofas um dos discípulos de Emaús.*

São Barnabé, Timóteo e Saturnino

Barnabé foi enviado da igreja de Jerusalém para Antioquia, onde pregou o Evangelho na companhia de São Paulo, durante um ano, com muito fruto espiritual, até que o Espírito Santo, pela boca do profeta, lhe conferiu a missão: “Separem Barnabé e Paulo pela obra que lhes confiei. Depois de receberem a consagração episcopal, Barnabé foi companheiro de São Paulo por algum tempo. Quando se separou dele fez várias excursões apostólicas. Esteve em Milão, onde pregou o Evangelho. Na ilha de Chipre, sua terra natal, foi apedrejado pelos judeus. Seu corpo foi jogado na fogueira, mas não queimou. Seus discípulos o enterraram religiosamente. Quando seu corpo foi encontrado novamente na época do imperador Nero, encontraram em seu peito uma parte do Evangelho de São Mateus. Ele escreveu algumas coisas.

Timóteo, discípulo de São Paulo, foi feito prisioneiro na ilha de Quios, ao mesmo tempo que o apóstolo São João estava cativo na ilha de Patmos. Sempre o vi alto,

moreno, magro e pálido. Nas viagens ele usava uma jaqueta escura, que prendia na cintura. Como bispo, ele usava um longo manto marrom escuro, com flores douradas densamente bordadas. Os fios pareciam barbante, mas a peça toda era muito bonita. Ele tinha uma estola no pescoço, um cinto no corpo e na cabeça uma espécie de mitra baixa, dividida em duas. Ele era amado por todos. Ele tinha uma comunidade de convertidos. Até os soldados que o cercavam o amavam.

Havia ali uma nobre mulher cristã que havia caído em grave culpa. Enquanto Timóteo estava prestes a celebrar os mistérios numa pequena igreja, já no altar, soube por revelação a culpa daquela pessoa, que veio à igreja para ouvir a missa. O santo bispo saiu então à porta e impôs à mulher a penitência da sua culpa, impedindo-a de entrar. Como resultado disso, surgiu uma perseguição contra o santo. Ele foi exilado na Armênia e libertado, antes de João, da ilha de Patmos. São Paulo o enviou como bispo a Éfeso. Nesta cidade foi morto, porque censurara veementemente as desordens de algumas orgias celebradas naqueles dias com máscaras, carregando os ídolos nas bacanais.

Saturnino, que junto com o apóstolo André seguiu Jesus após o batismo do Jordão, pregou após a morte de Cristo, em Tarso. Ali ele estava prestes a ser morto pelos pagãos; mas levantou-se um vento com tanta poeira que, enchendo os olhos dos perseguidores, permitiu a Saturnino fugir da ira dos seus adversários. Ele também esteve em Roma com São Pedro e foi enviado por ele para a Gália. Lá esteve em Arelat, em Nimes e em diversas outras regiões do país. Em Tolosa permaneceu mais tempo e converteu muitos pagãos, depois de ter curado uma leprosa que se tornou cristã. Em Tolosa ele foi martirizado. Numa montanha onde havia um templo aos ídolos, o santo foi capturado pelos pagãos e amarrado a um touro furioso, que o arrastou por entre espinhos e pedras na estrada, ravina abaixo. Quando o touro furioso parou, caindo do barranco, a cabeça do santo foi quebrada. Assim ele consumou seu martírio. Sua festa é comemorada no dia 29 de fevereiro.

Lázaro, Marta e Madalena no sul da França

Três ou quatro anos depois da morte de Cristo, os judeus prenderam Lázaro, Marta e Madalena. Prenderam também o discípulo Maximino e o cego de nascença curado por Jesus, cujo nome era Quelitônio, e duas donzelas e os colocaram num barco desmontado, sem remos nem velas, abandonando-os à mercê das ondas. Por um milagre de Deus eles escaparam do naufrágio. Com a ajuda do Senhor, o barco foi transportado com extraordinária velocidade através do mar, e parou na costa do sul da França, perto da cidade de Massilia, hoje Marselha. Quando chegaram a esta cidade, estavam sendo celebradas as bacanais de alguns ídolos. Os sete estrangeiros sentaram-se sob um corredor de colunas, em local aberto. Ficaram assim por muito tempo, indecisos. Marta foi a primeira que, depois de se ter consolado com o que traziam nos seus pequenos contentores, se misturou com os habitantes da cidade, que os abordaram e lhes fizeram compreender como tinham chegado ali. Ela também falou com eles sobre Jesus, e eles ficaram muito emocionados. Também vi como mais tarde atiraram pedras neles para assustá-los; mas as pedras não os feriram e permaneceram naquele lugar até a manhã seguinte. Os outros também começaram a falar e a se fazerem entender. Dessa forma, conseguiram conquistar a simpatia de algumas pessoas. No dia seguinte vieram pessoas de uma casa grande, que tenho como gabinete do prefeito, e lhe perguntaram muitas coisas. Permaneceram mais um dia sob os arcos, entretendo-se com as pessoas que passavam, que paravam para ver os estranhos. No terceiro dia foram levados para o casarão, na frente do cacique, separados em dois grupos. Os

homens ficaram ali com o cacique e as mulheres foram levadas para outra casa da cidade. Eles foram bem tratados e alimentados. Vi que eles pregaram e ensinaram nos locais para onde foram levados e que o líder do local deu ordens na cidade para não incomodar os estrangeiros. Muitos habitantes logo se permitiram ser batizados. Lázaro batizou numa grande fonte, na praça, em frente ao templo, que aos poucos foi ficando deserta. Acho que o cacique também se batizou. Eles não ficaram juntos por muito tempo. Mais tarde, Lázaro continuou a pregar ali como bispo.

Marta foi com as duas donzelas para uma região selvagem e rochosa, perto da cidade de Aix, onde viviam muitos escravos pagãos, que ela converteu. Mais tarde foram construídos um convento e uma igreja. Ali vivia um monstro, causando muitos estragos na região, às margens de um rio. Marta chegou no momento em que a fera devorava um homem. Marta segurou o monstro, colocando um cinto em seu pescoço, em nome de Jesus, e o afogou, enquanto as pessoas que presenciaram a cena acabaram matando-o.

Marta pregava frequentemente o Evangelho diante de muitas pessoas, em lugares abertos e às margens do rio. Ela e seus companheiros faziam uma espécie de púlpito com pedras sobrepostas. Eles os colocaram formando degraus; No interior, a altura permanecia vazia como uma abóbada; Em cima dela colocaram uma pedra grossa, sobre a qual ele pregava em pé.

Fazer isso como pedreiro não seria melhor; Sempre a vi como uma pessoa engenhosa e extraordinariamente organizada. Um dia aconteceu que Marta estava pregando nesta altura, às margens do rio. Um jovem queria nadar vindo da outra margem para ouvir o que ele estava dizendo; mas a água o venceu e o infeliz se afogou. Por isso, o povo descontentou-se com a santa e repreendeu-a por ter-se rodeado apenas de escravos, que ela conseguira converter. Quando no dia seguinte o pai encontrou o corpo do filho afogado, levou-o, na presença do povo, até onde estava Marta, dizendo que somente se seu filho fosse trazido de volta à vida ele poderia acreditar em Cristo e no Deus que ele anunciado. Então Marta ordenou ao jovem, em nome de Jesus, que voltasse à vida, e ele ressuscitou. O jovem ressuscitado, o pai e muitas pessoas tornaram-se cristãos; Outros não se converteram e consideraram Marta uma feiticeira. Vi que um dos seus companheiros de viagem, creio que o discípulo Maximino, chegou à região para visitar Marta e lhe deu a sagrada comunhão. Marta trabalhou, ensinou e converteu muitos moradores da região. Quando Madalena se separou deles, retirou-se para uma região solitária onde viveu sozinha numa caverna, que escolheu como moradia. Maximino aproximava-se por vezes, a meio caminho, do local onde se encontrava Madalena, para lhe dar a sagrada comunhão.

Madalena morreu pouco antes da irmã e foi sepultada no convento de Marta. Acima da gruta do seu quarto Maximino construiu uma capela.

São Clemente Romano (*)

Com São Paulo não vi Clemente; mas o vi muitas vezes com Barnabé: também com Timóteo, Lucas e Pedro. Ele era romano, mas seus ancestrais eram judeus das fronteiras do Egito. Ele era casado e recebeu inspiração para viver na continência, que também foi praticada por sua esposa, que mais tarde, creio, foi martirizada. Ele foi o terceiro Papa, depois de Pedro. Vi o Papa Clemente pouco antes da perseguição. Estava extraordinariamente emaciado e pálido: vi-o tão abatido que parecia Nosso Senhor quando carregava a cruz. Suas bochechas encovadas e sua boca contraída pela tristeza com que ele olhava para a cegueira e a falsidade das pessoas do mundo. Eu o vi ensinando em uma sala, sentado. Seus ouvintes tinham

ideias muito diversas: alguns estavam tristes e comovidos, outros fingiam estar e estavam felizes com o fim que viam se aproximando. Outros duvidavam e não decidiam acreditar. Então os soldados romanos entraram e o levaram para a prisão. Eles o arrastaram e o colocaram em uma carruagem. Atrás havia um assento escondido e na frente outros estavam abertos. Eles deixaram o santo atrás. Cerca de seis soldados subiram na carruagem com ele; outros caminharam ao lado. Os cavalos eram menores e mais curtos que os de hoje, e com arreios diferentes; Eles não tinham tantas alças. Vi o santo viajando dia e noite, muito paciente, com ar de tristeza. Quando chegaram ao mar, ele foi colocado em um barco e a carruagem retornou. Aí tive uma visão da região para onde Clemente foi levado. Era uma região miserável, deserta e árida, onde haviam muitas cavernas: toda a região era triste e pobre. Clemente foi levado para uma casa que tinha duas alas, uma delas saindo do meio da anterior.

Cada ala tinha um pórtico com colunas ao redor. Clemente foi introduzido por uma porta e levado até a ala onde estava o chefe do lugar; Ele foi então levado para a ala onde os prisioneiros estavam detidos. Vi Clemente num deserto implorando por água. Um raio de luz veio do céu e se abriu como um tubo de embalar, e dele saiu um cordeiro que com uma das patas o alcançou com um bastão de ponta afiada como uma flecha. Abaixo, no chão, estava outro cordeiro. Clemente enterrou o pau no chão e imediatamente saiu um jato de água. Os cordeiros desapareceram imediatamente.

Clemente rezou para receber o Santíssimo Sacramento. Todos aqueles que beberam daquela água sentiram-se inclinados ao Santíssimo Sacramento. Clemente converteu e batizou muitos pagãos. Vi isso no seu martírio: jogaram-no numa caverna cheia de víboras e depois despejaram água lá dentro. Ele conseguiu sair com uma escada. Vi como o atiraram ao mar, de um barco, com uma âncora amarrada ao pescoço. Para onde seu corpo foi arrastado, formou-se um túmulo na rocha, que se tornou visível quando o mar recuou. Os cristãos fizeram uma capela com aquela rocha, ao redor do túmulo, que às vezes ficava enterrado nas águas do mar. Sua festa é comemorada no dia 25 de novembro.

(*) *Barônio assegura (11, 105-113): "Sobre a vida e o martírio de Clemente, temos as tradições mais seguras tanto entre os gregos como entre os romanos... A Passio Clementis era lida nas igrejas".*

Santo Inácio de Antioquia

Vi Jesus diante de uma casinha com seus discípulos. Jesus enviou um deles à casa em frente para trazer uma mulher com os filhos, que veio com eles, e até com o mais novo, que tinha três ou quatro anos. Quando a criança chegou diante do Senhor, o círculo ao redor do Senhor se abriu e os apóstolos se fecharam novamente, e a criança permaneceu lá dentro. Jesus falou dele: colocou as mãos na cabeça e abraçou-o contra o peito. A mãe se virou e a criança foi evada até ela novamente. Esta criança foi mais tarde Santo Inácio de Antioquia. Ele havia sido um bom filho, mas com a bênção de Jesus foi transformado. Muitas vezes o vi ir sozinho ao lugar onde Jesus o abençoou, beijar a terra e dizer: "aqui estava aquele homem santo". Eu o vi brincando com outras crianças, escolhendo apóstolos e discípulos e andando, como se estivesse brincando, ensinando e imitando o que tinha visto o Senhor fazer. Já o vi com outras crianças no local da bênção, contando-lhes o fato e dizendo-lhes que também deveriam beijar o local. Seus pais estavam vivos e eu os vi maravilhados com o que viram na criança e se comoveram e se tornaram cristãos. Mais tarde juntou-se aos apóstolos, especialmente a João, de quem se tornou parente, e vi que João mais tarde o consagrou sacerdote.

Quando João foi preso pela primeira vez, Ignacio não quis abandoná-lo.

Depois de Evódio, que sucedeu a Pedro na sé de Antioquia, foi seguido por Inácio, que foi feito bispo por João, creio eu, ou pelo próprio Pedro.

Vi que por aquela região passou um Imperador, a quem Inácio foi apresentado, e em público o Imperador perguntou-lhe se era ele quem, como um espírito maligno, estava trazendo a revolta à cidade. Inácio respondeu dizendo por que ele chamou de demônio alguém que tinha Deus em seu coração. O Imperador perguntou se sabia quem o interrogava, e o santo respondeu que sim, e que foi o primeiro a quem o diabo enviou para repreender um servo de Deus. O imperador condenou-o ao martírio em Roma e Inácio agradeceu-lhe com grande alegria. Eu os vi amarrá-lo e levá-lo para outra cidade para despachá-lo. Havia soldados ali que o guardavam e o faziam sofrer muito. Vi-o desembarcar e por onde passava muitos bispos e cristãos vinham saudá-lo e pedir a sua bênção. Em Esmirna ele parou com o bispo Policarpo, que havia sido seu colega; Todos ficaram muito felizes em se verem e ele exortou e encorajou a todos. Ali eu o vi escrever cartas. Ouvi como ele escreveu e queria que orassem para que as feras o mõessem como o trigo no moinho, para que ele fosse pão digno para o Senhor e para o sacrifício.

Também em Roma, os cristãos vieram ao encontro do santo, choraram e se ajoelharam diante dele e pediram sua bênção. Ele também lhes disse que queria ser esmagado para ser anfitrião do Senhor. Toda a sua jornada foi um triunfo. Eu o vi chegar ao local do martírio. Lá ele orou, esperando que os leões lhe dessem tempo para terminar sua oração; que então o devorariam, deixando apenas alguns ossos e seu coração, para que ainda pudessem fazer algo por Cristo na terra. Ali recebi um ensinamento sobre a virtude e a importância do culto às relíquias. Como ele havia pedido, assim foi feito.

De repente, os leões furiosos avançaram sobre ele; A certa altura ele estava morto. Eles o devoraram e lamberam seu sangue. Nada restou, apenas alguns ossos grandes e seu coração.

Vi como quando os leões foram retirados de lá e o público disperso, os cristãos vieram e disputaram as suas relíquias. Todos olharam para o seu coração e viram as letras do nome de Jesus gravadas como no título da cruz. As letras pareciam ser formadas por veios azulados, nascidos ali.

Visões dos Mártires

Longino

No dia 15 de março de 1821, Ana Catalina comunicou estes conceitos sobre uma visão que tivera à noite sobre São Longino, cuja festa caía nesse mesmo dia. que a irmã desconhecia.

Longino, que tinha outro nome, prestou um serviço, entre civis e militares, ao lado de Pilatos, que o encarregou de vigiar o que estava acontecendo e de lhe contar. Ele foi bom e prestativo; mas antes de sua conversão faltou-lhe firmeza e força de caráter. Ele fazia tudo com pressa; Ele gostava de se dar importância e, como era vesgo, seus colegas muitas vezes zombavam dele. Vi-o muitas vezes naquela noite, e por isso toda a Paixão: não sei como me ocorreu essa ideia; O que me lembro é que foi por causa dele.

Longinus era um oficial de classe baixa. Na noite em que Jesus foi levado ao pátio de Caifás, ele estava no salão com os soldados: entrava e saía incessantemente. Quando Pedro ficou com medo das palavras da empregada, foi um dos que lhe

disse: “Você é um dos apoiadores daquele homem”. Quando Jesus foi conduzido ao Calvário, aproximou-se da escolta por ordem de Pilatos, e o Salvador lançou-lhe um olhar que o comoveu. Imediatamente eu o vi no Gólgota com os soldados. Ele estava a cavalo e tinha uma lança. Eu o vi na casa de Pilatos depois da morte do Senhor: ele disse que as pernas de Jesus não deveriam ser quebradas. Ele correu de volta ao Calvário.

Sua lança era feita de muitas peças que se encaixavam e, esticando-as, ela poderia ter três vezes o seu comprimento. Isto foi o que ele fez quando de repente decidiu lançar a lança contra Jesus; Ele se converteu no Calvário e expressou a Pilatos sua convicção de que Jesus era o Filho de Deus. Nicodemos obteve a lança de Longinus de Pilatos. Vi muitas coisas relacionadas a esta lança. Longinus, após sua conversão, deixou o exército e se juntou aos discípulos. Ele foi um dos primeiros a receber o batismo depois de Pentecostes, com outros dois soldados convertidos aos pés da cruz.

Vi Longinus e aqueles dois homens regressarem à sua terra natal vestidos com longos fatos brancos. Eles viviam no campo, num país árido e pantanoso. Os quarenta mártires morreram neste mesmo lugar. Longinus era diácono e, como tal, percorreu o país anunciando Cristo e contando a Paixão e a Ressurreição como testemunha ocular.

Ele converteu muitas pessoas e curou muitos enfermos, fazendo-os tocar um pedaço da lança sagrada que carregava consigo. Os judeus ficaram muito zangados com ele e com seus dois companheiros, porque publicaram por toda parte a verdade da ressurreição do Salvador e revelaram suas crueldades e artimanhas. Por instigação dos judeus,

Eles enviaram soldados romanos à terra natal de Longino para prendê-lo e julgá-lo como desertor e perturbador da paz pública. Ele estava cultivando sua terra quando eles chegaram e os conduziu até sua casa, onde os hospedou. Eles não o conheciam, e quando lhe contaram o propósito da viagem, ele mandou chamar seus dois companheiros, que viviam numa espécie de ermida a pouca distância, e disse aos soldados que eram os três que eles tinham. venha procurar.

O mesmo aconteceu com o jardineiro Focas. Os soldados ficaram tristes porque gostavam dele. Eu os vi levar os três para uma cidade vizinha, onde foram interrogados; Eles não estavam na prisão: apenas prisioneiros em liberdade condicional, mas tinham uma marca específica no ombro. Depois decapitaram os três num lugar situado entre a cidade e a casa de Longino e os enterraram ali. Os soldados colocaram a cabeça de Longino na ponta de uma lança e levaram-na para Jerusalém para provar que tinham cumprido a sua missão. Pareceu-me que isso aconteceu alguns anos depois da morte do Senhor.

Então tive uma visão de um tempo posterior. Uma mulher cega, do país de São Longino, fez uma peregrinação a Jerusalém, na esperança de ser curada na cidade santa, onde os olhos de Longino foram curados. Seu filho a levava, mas ele morreu e ela ficou abandonada e sem conforto. Então São Longino apareceu-lhe e disse-lhe que recuperaria a visão se tirasse a cabeça do esgoto onde os judeus a tinham atirado.

Era um buraco com abóbada, onde a sujeira era recolhida por vários conduítes.

Eu vi algumas pessoas levando a pobre mulher até lá: ela entrou no esgoto até o pescoço, e tirou a cabeça sagrada. Ela foi curada e voltou para sua terra natal; aqueles que a acompanharam mantiveram a cabeça. Isso é tudo que me lembro.

Centurião Abenadar

Em 1o abril de 1823, Irmã Emmerick disse que aquele dia era festa de São Ctesifon, o centurião que assistiu à crucificação, e que durante a noite ela viu muitas peculiaridades de sua vida. Mas o sofrimento e as distrações externas o fizeram esquecer a maior parte disso. Aqui está o que ela disse.

Abenadar, mais tarde chamado de Ctesifon, era natural de um país localizado entre a Babilônia e o Egito, na Arábia Feliz, à direita da última residência de Jó. Havia ali, numa montanha baixa, um conjunto de casas quadrangulares com telhados planos.

Havia muitas árvores pequenas: incenso e bálsamo eram colhidos. Estive na casa de Abenadar, que era grande e espaçosa, como a de um homem rico, mas muito baixa. Todas as casas eram construídas assim, sem dúvida por causa do vento, visto que a localização era muito elevada, Abenadar tinha entrado como voluntário na guarnição da fortaleza Antônia, em Jerusalém. Serviu no exército romano para melhor praticar as artes liberais, já que era um homem muito vivo, de rosto moreno e cintura curta. A pregação inicial de Jesus e um milagre que ele testemunhou o convenceram de que os judeus estavam salvos, e ele adotou a lei de Moisés.

Ele ainda não era discípulo do Salvador; Contudo, ele não nutria más intenções contra Ele; Pelo contrário, professava veneração secreta por ele. Ele era um homem muito sério: quando veio ao Gólgota para aliviar a guarda, manteve a ordem e o decoro até o momento em que a verdade triunfou nele, e testemunhou diante de todo o povo a divindade de Jesus. Como ele era rico e voluntário, foi fácil para ele deixar o emprego instantaneamente. Ajudou no rebaixamento da cruz e no sepultamento de Nosso Senhor; Isto o colocou em relações íntimas com os discípulos de Jesus: depois de Pentecostes, recebeu o batismo, um dos primeiros, no tanque de Betesda, e tomou o nome de Ctesifon. Tinha um irmão na Arábia: contou-lhe os milagres que testemunhou e chamou-o ao caminho da salvação. Ele veio para Jerusalém e foi batizado com o nome de Cecílio. Ele foi confiado com Ctesifon para ajudar os diáconos na nova comunidade cristã.

Ctesifonte acompanhou o apóstolo Tiago, o Maior, à Espanha e também voltou com ele.

Mais tarde foi enviado à Espanha pelos apóstolos e carregou o corpo de Tiago, que havia sido martirizado em Jerusalém. Ele era bispo e tinha residência habitual numa espécie de ilha ou península perto da França. Esse local foi posteriormente destruído por uma enchente. O nome de sua residência era semelhante a Vergui. Não me lembro se Ctesifon tenha sido martirizado. Ele escreveu muitas obras contendo detalhes sobre a Paixão de Jesus Cristo: mas alguns livros falsificados foram publicados em seu nome, e seus livros foram atribuídos a outros. Mais tarde, Roma descartou esses escritos, a maioria deles apócrifos, embora houvesse algo de próprio neles.

Um dos guardas do túmulo, que não queria deixar-se corromper pelos judeus, era seu compatriota e amigo. Seu nome era semelhante a Sulei ou Suleii. Depois de passar algum tempo na prisão, retirou-se para uma caverna no Monte Sinai, onde viveu durante sete anos. Este homem recebeu grandes graças e escreveu livros muito profundos, no estilo dos de Dionísio, o Areopagita. Outro escritor aproveitou-se de suas obras e, assim, algo delas chegou até nós. Eu sabia de tudo isso e também do nome do livro, mas esqueci. Esse compatriota de Ctesifon acompanhou-o mais tarde à Espanha. Entre os companheiros de Ctesifon naquele país estavam seu irmão Cecílio, Indalécio, Hesício e Eufrásio. Outro árabe, chamado Sulima, tornou-se nos primeiros tempos, e mais tarde, num diácono, compatriota de Ctesifon, cujo nome soava como Sulensis.

Nicodemos e Verônica

Ana Catalina disse várias vezes que sua caixinha de relíquias devia incluir uma de Nicodemos, pois ela teve uma visão de sua visita noturna a Jesus.

Assim que a relíquia foi encontrada, ele narrou o seguinte:

Vi que Nicodemos, depois de voltar do sepultamento de Jesus com José e outros, não foi ao Cenáculo onde alguns dos apóstolos estavam escondidos, mas foi para sua casa. Ele trazia consigo os panos usados para descer o corpo do Salvador da cruz. Ele foi espionado e vigiado pelos judeus a cada passo. Eles o fizeram prisioneiro e o trancaram em um quarto. Pretendiam deixá-lo ali durante todo o sábado e depois apresentá-lo a julgamento. Eu vi um anjo vir até ele durante a noite. Não havia janela naquela sala, mas pareceu-me que o anjo ergueu o telhado e carregou o prisioneiro pelas paredes do edifício. Eu o vi naquela mesma noite ir até onde os outros estavam no Cenáculo. Esconderam-no ali, e quando soube da ressurreição do Senhor, José de Arimatéia levou-o consigo e escondeu-o por certo tempo em sua casa, até que com ele assumiu as funções de distribuidor e dispensador. Foi então que as mantas utilizadas na deposição de Jesus chegaram às mãos dos judeus.

Eu vi um quadro do terceiro ano após a Ascensão do Senhor, quando o Imperador Romano fez com que Verônica, Nicodemos e um discípulo chamado Epafras, um parente de Joana Chusa, fossem para Roma. O Imperador queria ver e ouvir testemunhas da morte e ressurreição de Jesus. Epafras foi um discípulo de grande simplicidade de espírito e pronto para agradar a todos em qualquer serviço. Ele havia sido servo do templo e mensageiro dos sacerdotes. Ele tinha visto Jesus com os apóstolos depois dos primeiros dias da ressurreição e diversas outras vezes. Vi Verônica ao lado do Imperador, que estava doente, colocada num banco de degraus, diante de uma grande cortina. O quarto era quadrado, não muito grande. Ali não havia janela, mas a luz vinha de cima e viam-se algumas cordas penduradas em certas válvulas que permitiam abrir ou fechar para deixar entrar ar e luz à vontade. Não havia ninguém na sala quando Verônica entrou: os criados haviam permanecido na antecâmara. Vi que Verônica trazia consigo o Sudário e outro pano que foi usado no sepultamento de Jesus.

Ele estendeu diante do Imperador o Santo Sudário, onde a face do Senhor aparecia impressa em um dos lados. Era um lenço longo ou véu extenso que Verônica costumava usar no pescoço ou na cabeça. A imagem do Salvador não era como se tivesse sido pintada, mas parecia gravada com sangue e era mais comprida de um lado. O Sudário cobria e cercou toda a face do Senhor. No outro pano podia-se ver a imagem ensanguentada de todo o corpo flagelado. Acho que foi um pano com o qual lavaram o corpo antes do enterro. Não vi que o Imperador tenha sido tocado com aqueles panos nem que tenha tocado neles. Mas vi que ele de repente se sentiu completamente saudável ao ver tais objetos. Queria ficar com Verônica, dar-lhe presentes, uma casa e pessoas de serviço. Ela implorou por graça para retornar a Jerusalém para que pudesse morrer onde o Salvador havia morrido. Depois vi em outro quadro que Pilatos foi chamado pelo Imperador, muito indignado com ele. Vi que Pilatos, antes de se apresentar ao Imperador, colocou sobre o peito, por baixo do vestido, um pedaço do manto de Jesus que os soldados lhe haviam colocado. Eu o vi no meio dos guardas, esperando para aparecer diante do Imperador. Parecia que ele conhecia a raiva do Imperador. Quando o Imperador apareceu, vi que ele estava realmente indignado; mas quando chegou perto de Pilatos, de repente tornou-se gentil e benevolente e ouviu-o com interesse. Quando Pilatos partiu, o imperador ficou novamente indignado e convocou-o à sua presença; mas eu o vi

novamente tornar-se benevolente, e sabia que isso vinha da proximidade do manto do Salvador que Pilatos usava no peito. Acredito que então vi Pilatos, já tendo saído de lá, definhando na desolação e na miséria.

Quanto a Nicodemos, mais tarde vi-o ser maltratado pelos judeus e deixado para morrer. Gamaliel o levou para sua posse, onde Estêvão havia sido enterrado. Ele morreu lá e foi enterrado lá.

A santa mártir Susana

Vi muitas quadros relativos a Santa Susana, cuja relíquia guardo aqui. Susana fez-me companhia durante uma noite inteira. Agora só me lembro de alguns episódios de sua vida. Eu a vi em Roma, num grande palácio. O nome do seu pai era Gabino: ele era cristão: e o seu irmão era Papa. A casa do Papa ficava ao lado do palácio de seu pai. Vi a casa de Gabino com o seu peristilo e o seu corredor de colunas. A mãe certamente já estaria morta, porque nunca me foi mostrada. Havia muitos cristãos naquela casa. Tanto Susana como o pai distribuíram tudo o que tinham aos cristãos pobres. Eles faziam isso com certo sigilo. Vi um mensageiro enviado pelo imperador Dioclesiano a Gabino, pois eram parentes. Nessa mensagem pedia-o que desse a Susana em casamento ao seu genro, que tinha perdido a esposa. Vi que a princípio Gabino ficou feliz com a proposta e compartilhou-a com Susana, que expressou sua repugnância por se casar com um pagão e lhe disse que já estava unida a Jesus Cristo. Vi que Diocleciano, em decorrência de tal resposta, fez com que ela fosse afastada do lado paterno e levada à corte de sua esposa Serena para que ela mudasse de ideia. Vi que esta era secretamente cristã e que Susana reclamava com ela sobre sua situação e as vi orarem juntas. Ela foi levada de volta para a casa de seu pai. Vi que o Imperador lhe enviou um parente (Cláudio), que assim que entrou em casa quis beijá-la, não por atrevimento temerário, mas por costume e parentesco. Vi que ela se afastou daquele abraço com a mão, e quando ele lhe explicou suas honestas intenções, ouvi-a dizer-lhe que uma boca contaminada com o louvor de falsos deuses não deveria tocá-la. Mais tarde vi como ele se deixou ensinar sobre a falsidade dos seus deuses e os erros do paganismo e foi batizado pelo seu tio, o Papa, juntamente com a sua esposa e filhos.

Vendo que o Imperador havia passado tanto tempo sem lhe dar uma resposta, mandou um irmão perguntar o que havia acontecido. O irmão encontrou Cláudio com a esposa e os filhos de joelhos, orando, e ficou muito surpreso ao saber que eles haviam se tornado cristãos. Mais tarde, quando solicitou uma resposta sobre o casamento de Susana, Cláudio sugeriu que fosse até onde Susana estava, para que ele pudesse ver se uma pessoa como Susana poderia ser esposa de um idólatra. Os dois irmãos foram para onde Susana estava e o irmão de Cláudio também se converteu e se tornou cristão através de Susana e do seu tio, o Papa. A Imperatriz Serena tinha consigo uma senhora e dois servos também cristãos. Vi-os e a Susana irem secretamente, à noite, para uma pequena câmara subterrânea situada por baixo do palácio imperial. Havia ali um altar e uma lâmpada sempre acesa. Eles rezavam ali, onde um padre chegava secretamente para consagrar e administrar os sacramentos. Vi que o Imperador, ao saber da conversão dos dois irmãos, ficou muito zangado e mandou prendê-los junto com todos da sua casa. Depois foram todos martirizados. O pai de Susana foi preso.

Mais tarde vi um quadro: Susana estava sozinha numa grande sala junto a uma mesa redonda sobre a qual se viam figuras douradas. Ele estava com as mãos cruzadas, os olhos erguidos e orava fervorosamente. Essa sala tinha aberturas redondas no topo. Nos cantos havia estátuas brancas do tamanho de crianças;

Cabeças de animais estavam especialmente esculpidas nas cabeceiras dos móveis. Vi figuras reclinadas nas patas traseiras, que tinham asas e caudas compridas, e vi algumas que seguravam rótulos e volumes com as patas dianteiras. (Ornamentos arquitetônicos de leões alados e grifos). Enquanto Susana rezava, vi que o imperador enviou seu próprio filho até ela para violá-la. Ele, deixando na antecâmara muitos indivíduos que o acompanhavam, avançou furtivamente em direção a Susanna; Mas uma aparição apareceu na reunião e ele caiu no chão como se estivesse morto. Só então Susana olhou e gritou por socorro ao vê-lo caído no chão. Várias pessoas vieram, maravilhadas, pegaram o jovem e o levaram embora. Aquela aparição apareceu ao mesmo tempo a Susana e ao sedutor que estava atrás dela: assim que ela se colocou entre os dois, o homem caiu no chão. Então vi outra imagem. Outra pessoa abordou Susana, acompanhada de outros vinte homens; dois sacerdotes idólatras carregavam um ídolo de ouro. Tinha que estar vazio, porque estava muito claro. Eles o carregavam sobre uma superfície plana com duas alças. Colocaram-no no pátio do palácio dentro de um nicho, entre duas colunas: pegaram um pedaço redondo de madeira, que colocaram sobre um tripé e colocaram em frente ao ídolo. Muitos entraram então no palácio e levaram Susana para fora da sala, na parte superior. Eles a trouxeram diante do ídolo para sacrificar. Ela orou fervorosamente ao Senhor, e antes de chegar ao local vi uma maravilha. Dali aquele ídolo fugiu, atravessando entre o pátio e a colunata próxima, como se fosse carregado à força, e passando por cima dela, desceu até a rua, onde caiu em pedaços. Um homem que passava na rua entrou anunciando o que havia acontecido. Então vi que os homens rasgaram as roupas de Susanna, de modo que só no peito ela conseguiu guardar um pedaço de pano para se cobrir; as costas e dorso foram descobertas; Neste estado ela teve que passar pelos soldados que a esfaquearam e feriram com seus chifres, fazendo com que ela caísse inconsciente. Levaram-na para um quarto do palácio, onde a deixaram quase morta. Mais tarde voltei a vê-la dentro de um templo, onde deveria ser sacrificada aos deuses; mas o ídolo caiu prostrado no chão. Depois ela foi arrastada pelos cabelos até sua casa e decapitada no pátio de seu palácio. Durante a noite a Imperatriz e uma serva de Susana vieram e levaram o corpo, envolveram-no em lençóis e enterraram-no. A Imperatriz cortou os cabelos e alguns fragmentos dos dedos. Vi que o Papa logo celebrou missa no local do seu martírio e sepultamento. A aparência de Susana era redonda e forte; seu cabelo preto. Ela estava toda vestida de branco e seus cabelos estavam entrelaçados na cabeça. Ela tinha um véu amarrado sob o queixo que cobria a cabeça e caía para trás, em dois cantos, sobre os ombros.

Santa Justina e São Cipriano (*)

Vi Justina desde criança, quando ela estava no pátio da casa do pai, que era sacerdote dos deuses. Este pátio era separado do templo apenas por uma rua. Na presença de sua ama desceu até uma cisterna, onde ficou sobre uma pedra rodeada de água. Entradas subterrâneas conduziam a este local, onde várias espécies de cobras e outros animais de aparência horrível eram alojados e alimentados. Já vi Justina pegar, sem medo, uma cobra nas mãos e outros animais menores. Ele os pegava pelo rabo e ficava muito feliz quando eles se endireitavam como velas e viraram a cabeça de um lado para o outro. Eles não a machucaram e pareciam familiares e domésticos. Havia ali certos animais que entre nós chamamos de cabeças grandes (salamandras), com cerca de trinta centímetros de comprimento, que eram usados na adoração de ídolos.

Ouvi dizer que Justina ouviu uma pregação em uma igreja cristã sobre o pecado original e a redenção. Ele se comoveu, mandou batizar a mãe e também se converteu. Ela contou ao marido, que estava muito angustiada por causa de uma aparição, e ele se fez batizar junto com a mãe de Justina. Viviam então retirados, com muita piedade. Uma imagem

chamou especialmente minha atenção. Justina tinha um rosto oval e gracioso e lindos cabelos loiros, brilhando como ouro; Ela os usava amarrados na cabeça, em tranças macias como seda, que caíam em muitos cachos nas costas.

Vi que enquanto ela estava à mesa com os pais ela comia pães pequenos, e o pai, olhando para os cabelos dela, disse-lhe: "Temo, minha filha, que isso não vá bem para você, mas que, como Absalão, você permanecerá ligado ao mundo." Justina ficou muito pensativa ao ouvir essas palavras; Eu nunca tinha notado esse perigo. Ela saiu de lá e não sei o que ela fez com o cabelo; mas desgastou completamente sua beleza e danificou suas sobrancelhas. Eles pareciam chamuscados pelo fogo. Assim desfigurada, ela passou pela cidade e se apresentou ao pai, que mal a reconheceu. Um jovem que a amava queria sequestrá-la à força, pois não poderia possuí-la por nenhum outro meio. Com outros companheiros armados ele esperou por ela escondido atrás dos muros por onde passava uma estrada solitária. Depois que ele a teve em seu poder, ela o rejeitou com as duas mãos e ordenou que ele não se mexesse. Por um milagre, o jovem não pôde segui-la até que a jovem estivesse fora de perigo.

Mais tarde vi este jovem pedir ajuda ao mago Cipriano, que com muito orgulho e confiança no seu poder, lhe prometeu. Vi Cipriano muito envolvido em suas artes mágicas e encantamentos, embora fosse um homem de espírito nobre e magnânimo. Desde a infância ele foi instruído em magia; Ele havia viajado por países remotos para aprender mais e vivia gozando de grande fama na cidade de Antioquia, onde Justina residia com os pais. Ele alcançou tal audácia em suas artes que publicamente, mesmo na igreja cristã, zombou de Jesus.

Usando suas artes mágicas, ele às vezes forçava as pessoas a deixarem a igreja. Eu vi como ele evocava o diabo. Ele tinha em sua casa uma espécie de abóbada, meio enterrada na terra, com uma abertura no topo para deixar entrar a luz. Ao redor das paredes havia imagens nefastas de ídolos em forma de cobras e outros animais.

Num canto havia uma estátua, vazia por dentro, com as mandíbulas abertas, do tamanho de um homem, e ficava na beira de um altar redondo, sobre o qual se via um braseiro.

Quando Cipriano evocou o diabo, estava coberto com uma veste que usava especialmente nesses casos. Ele acendeu o fogo no altar; leu certos nomes num volume; Ele subiu ao altar e pronunciou aqueles nomes, gritando nas mandíbulas do ídolo. Muito em breve o espírito infernal apareceu ao lado dele em forma humana, mais ou menos na aparência de um servo. Há sempre algo de sombrio e de inquietação, como o remorso de uma consciência, envoltos naquelas aparições. Vi então que o maligno tentou Justina duas vezes para incitá-la ao mal, sob o disfarce de um jovem. Ele foi encontrado no peristilo de sua casa. Justina libertou-se do inimigo fazendo o sinal da cruz, e colocou-se sob a proteção da mesma cruz que fazia em todos os cantos do seu quarto. Eu a vi no quarto secreto de sua casa, de joelhos, rezando.

Dentro de um nicho de sua casa havia uma cruz e uma criança sincera: parecia estar sob custódia: a parte superior estava livre e a criança estava com as mãozinhas cruzadas.

Enquanto ela estava ajoelhada, um jovem mal intencionado avançou em sua direção. Então apareceu uma senhora de grande majestade, saindo do muro, e o jovem caiu

no chão antes mesmo de Justina o ver. A aparição desapareceu imediatamente de vista.

Então eu a vi destruir toda a sua beleza com um unguento. Também vi que Cipriano deslizava pelas paredes da casa, derramando um líquido nas paredes.

Isto aconteceu num momento em que Justina não estava em oração, longe de suspeitar de qualquer perigo. Ela sentiu-se fortemente agitada e começou a vagar de um ponto a outro de sua casa; Por fim refugiou-se em seu quarto, ajustou as cruzes que havia fixado nos cantos do quarto e ajoelhou-se, rezando, até que o encantador teve que ceder e ir embora. Quando Cipriano fez a terceira tentativa, o tentador apareceu na forma de uma virgem piedosa que começou a conversar sobre pureza e virgindade com Justina. A princípio Justina gostou da conversa da donzela, mas quando começou a raciocinar sobre Adão e Eva e o casamento, Justina reconheceu o tentador e refugiou-se junto à sua cruz. Quando Cipriano soube o que havia acontecido com o espírito maligno, vi-o determinado a tornar-se cristão. Já o vi com o rosto prostrado no chão, dentro de uma igreja, e se fazendo pisotear pelos outros que entraram, como se fosse um louco. Ele sentiu grande arrependimento e queimou todos os seus livros de magia. Com o passar dos anos tornou-se bispo e escolheu Justina como diaconisa. Ela morava perto da igreja e era responsável pela confecção e bordado dos ornamentos sagrados. Mais tarde vi os dois martirizados. Cipriano e Justina estavam pendurados por uma mão numa árvore dobrada à força, e pareceu-me que tinham sido destruídos com pontas afiadas de ferro.

() O Kirchenlexikon traz a história de Justina e Cipriano segundo as visões de Ana Catalina. A história é usada por Calderón de la Barca em "O Mágico Prodigioso", com alguns arranjos, deixando o contexto histórico de acordo com o Martirológio Romano e Santo Antonino.*

São Dionísio Areopagita (*)

Vi o santo na sua infância, quando era filho de pais pagãos. Ele sempre foi um profundo escrutinador da verdade e sempre se recomendou a um Deus de natureza superior. Foi ilustrado por Deus em sonhos através de visões. Eu o vi repreendido por seus pais por negligenciar a adoração aos deuses, e depois confiado aos ensinamentos de um preceptor muito severo. Durante a noite veio uma aparição que lhe disse para fugir de casa, enquanto o preceptor dormia.

Dionísio passou pela Palestina, onde ouviu muito sobre Jesus Cristo: ouviu tudo, retendo com avidez tudo o que lhe contavam. No Egito eu o vi aprendendo astronomia naquele lugar onde estive a Sagrada Família. Naquela escola eu o vi com outros observando o eclipse do sol que se seguiu à morte de Jesus. Ele exclamou; "Isso não é natural; ou um Deus morre neste momento ou isto é o fim do mundo." Vi que seu antigo tutor foi, encorajado por uma aparição, em busca de Dionísio. Ele o encontrou e Dionísio foi com ele para Heliópolis. Por muito tempo não conseguiu entender a ideia de um Deus Crucificado. Após sua conversão, viajou muito com São Paulo.

Ela estava com ele em Éfeso para visitar Maria Santíssima. O Papa Clemente o enviou a Paris.

Eu vi seu martírio. Ele pegou sua cabeça decapitada, entre as mãos cruzadas sobre o peito, e com ela girou pela montanha. Os algozes fugiram com medo. Um brilho vívido saía do santo. Uma boa senhora o enterrou. Ele era muito velho quando morreu. Ele teve muitas visões celestiais, e São Paulo manifestou-lhe suas próprias visões. Ele escreveu volumes magníficos, muitos dos quais sobreviveram. O livro dos Sacramentos não foi escrito por ele em todas as suas partes; Foi finalizado por outro escritor.

(*) Natal Alejandro (111-168) traz muitos testemunhos de Dionísio Areopagita que concordam com o que Ana Catalina viu. Diz que Dionísio, hoje com 90 anos, foi para Roma, onde foi recebido pelo Papa Clemente, e enviado para a Gália, onde sofreu o martírio. Santo Antônio acrescenta que foi ensinado durante anos por São Paulo. Decapitado, ele carregava a cabeça - angelo duce et cæleste lúimine præcedente - do sítio de Montmatre até onde hoje é a igreja de São Dionísio.

Santa Úrsula e suas companheiras

Úrsula e seus companheiros foram massacrados pelos hunos em 450, a uma hora de distância, perto da cidade de Colônia. Outros companheiros estavam em outros lugares mais distantes. Úrsula foi criada por Deus para preservar as virgens e as viúvas do seu tempo da sedução e da indignação e guiá-las à esfera celestial dos mártires coroados. Ela cumpriu sua missão com força e determinação maravilhosas. O Arcanjo Rafael foi-lhe dado como guia especial e contou-lhe a missão que lhe fora confiada.

A misericórdia de Deus não quis que naquele tempo de destruição tantas virgens e viúvas que caíam indefesas nas mãos dos bárbaros, devido a guerras sangrentas, fossem vítimas infelizes da ruína espiritual total; Foi por isso que elas preferiram morrer como virgens inocentes do que cair no pecado e ficarem eternamente perdidas. Úrsula era muito determinada e rápida nos movimentos; de alta estatura e constituição robusta: sua aparência não era bonita, mas severa, e seus modos viris. Quando sofreu o martírio tinha trinta e três anos.

Eu a vi quando criança, na casa de seu pai Deonoto e de sua mãe Geruma, em uma cidade da Inglaterra. A casa ficava numa rua comprida: tinha degraus na frente da porta e na rua uma cerca de ferro com botões amarelos: era parecida com a casa de Bento, na Itália, que também tinha cercas e portões de bronze. Úrsula tinha dez companheiras que se reuniam com ela todos os dias antes e depois do meio-dia para correr em desafio, divididos em dois pelotões, dentro de um recinto cercado por muros; Às vezes, elas aparentemente lutavam apertando as mãos ou atirando piques ou lanças à distância. Nem todas estas jovens eram cristãs; mas Úrsula e seus pais já o eram.

Úrsula era considerada uma guia das suas companheiros e tudo o que fazia com eles era por sugestão do seu anjo da guarda. Os pais consideraram tudo isso com alegria. Naquela época Maximiano dominava a ilha da Inglaterra como líder: ele era pagão e não sei dizer se era marido de Otilia, irmã mais velha de Úrsula, mas sei que Otilia era casada, enquanto Úrsula se consagrara ao Senhor. Vi que um poderoso guerreiro e nobre senhor veio até o pai de Úrsula, porque tinha ouvido falar de seus exercícios e queria presenciá-los. O pai ficou chateado e tentou de todas as maneiras evitar o encontro. Vi que aquele homem, ao qual o pai de Úrsula não ousou se opor, se apresentou para testemunhar a habilidade das jovens e como estava admirado pela habilidade e presença de Úrsula, a quis como sua esposa. Suas companheiras deveriam ser esposas de seus homens de armas e de seus oficiais e deveriam viver além-mar, em terras ainda muito despovoadas. Pensei em Bonaparte (Napoleão) que assim deu jovens mulheres como esposas aos seus oficiais. Vi a grande confusão do pai e o horror da filha ao saber da proposta irrefutável do nobre guerreiro. Úrsula foi à noite ao local onde praticava exercícios, e ali clamou, em fervorosa oração, ao Senhor. O Arcanjo Rafael apareceu-lhe e consolou-a dizendo que ela deveria exigir o máximo de companheiras para cada uma daquelas virgens e pedir um período de três anos para exercer em determinados barcos todo tipo de agilidade e manobras de combate. De resto, ela

devia ter confiança no Senhor, que a ajudaria a manter intacto o voto de virgindade. Ele também lhe disse que ela deveria converter todas as suas companheiras à fé cristã durante esses três anos, prometendo-lhes a proteção de Deus. Vi que Úrsula disse todas essas coisas ao pai, que as comunicou ao pretendente, que consentiu na proposta. Úrsula e suas dez companheiras conseguiram então outras dez jovens como associadas e as primeiras seriam as guias das recém-adicionadas. O pai mandou que montassem cinco pequenos barcos e em cada um deles estariam vinte crianças com alguns marinheiros que as instruíam no manejo e no treinamento no convés. Praticaram todo tipo de exercícios em seus barcos, primeiro no rio, depois na beira-mar e finalmente no mar. Elas guiavam os barcos, perseguiam-se, separavam-se, iam de um navio para outro e faziam outros exercícios semelhantes. Vi que muitas pessoas foram ver o espetáculo de tais habilidades: o pai e o pretendente assistiam da margem e este especialmente parecia orgulhoso pensando que com o tempo teria como esposa uma mulher tão decidida e tão digna por sua coragem de um guerreiro como ele. Mais tarde vi que aquelas jovens continuavam os seus exercícios sozinhas e sem nenhum homem para as ajudar. Apenas Bertrando, o confessor, ficou com outros dois eclesiásticos. Durante este tempo Úrsula já havia convertido todos as suas companheiras, que foram batizadas pelos padres; vi que sua confiança em Deus e sua firmeza aumentaram enquanto esperavam que o Senhor cumprisse as promessas feitas. Havia até meninas de doze anos nos barcos que haviam sido batizadas. Outras vezes eu as vi desembarcar e continuar seus exercícios de marinharia. Faziam tudo isso misturando preces, orações e cantos, com coragem e total liberdade. A gravidade e a coragem de Úrsula eram surpreendentes. As jovens vestiam roupas que chegavam até os joelhos.

Usavam sandálias: o peito estava protegido e cobertos com vestidos justos, mas muito esguios. Seus cabelos estavam parcialmente soltos e entrelaçados na cabeça; outros usavam lenços na cabeça que terminavam nos ombros. Em seus jogos de luta eles usavam flechas leves e rombas.

Vi que quando o mandato de três anos estava terminando, aquelas jovens tinham um só coração e uma só alma. Quando estavam prestes a embarcar em viagem para ir às terras onde seriam esposas dos guerreiros e se despediriam dos pais, Úrsula estava em oração. Então uma figura luminosa apareceu diante dela, que lhe disse que deveria confiar plenamente em Deus; que o Senhor havia determinado que todos morressem mártires, como as virgens puras e suas esposas: que ela espalhasse a fé de Cristo por onde o Senhor a conduzisse e que através dela muitas outras virgens fossem libertadas de serem desonradas pelos pagãos e elas chegassem como mártires ao céu. O anjo lhe disse que ela, com uma parte de suas companheiras, deveria chegar a Roma.

Ela confidenciou todas essas coisas às outras dez virgens que com ela guiavam as outras, e elas ficaram grandemente consoladas. Mas também vi que muitas outras virgens pareciam desanimadas e reclamavam de Úrsula, alegando que como poderiam ser esposas de Jesus Cristo já que estavam entregues a esposas terrenas. Ela percorreu todos os barcos e contou-lhes sobre o sacrifício de Abraão e de seu filho Isaque, e como Deus interveio maravilhosamente naquele sacrifício: Deus também iria intervir para que pudessem oferecer uma vítima pura e perfeita. Disse-lhes que aqueles que não se sentissem encorajados deveriam abandonar os barcos: mas todas se sentiram fortes e permaneceram fiéis. Quando partiram da costa da Inglaterra, acreditando que se dirigiam para as terras dos seus futuros maridos, uma tempestade separou os navios das jovens daqueles que as acompanhavam e levou-as para a costa da Holanda. Não foi possível usar remos nem velas e quando se

aproximaram da costa o mar levantou-se em ondas muito perigosas. Ao chegarem à terra pela primeira vez, viram-se rodeadas por um povo rude e selvagem, que se apoderou delas. Úrsula foi na frente delas, animada, e elas puderam retornar aos barcos, depois que ela lhes falou com energia. Ao sair do mar começaram a subir o rio Reno, encontraram uma cidade onde sofreram angústias e mágoas. Úrsula falou em nome de todas e respondeu por todas. À medida que algumas pessoas mais ousadas tentavam por as mãos sobre elas, elas se preparavam corajosamente para a defesa e obtinham proteção do céu. Vi que seus opressores ficavam paralisados e nada faziam para prejudicá-las. Durante o resto da viagem, muitas outras virgens e viúvas com seus filhos as acompanharam. Antes de chegarem a Colônia foram detidas e interrogadas muitas vezes por grupos de observadores de pessoas ferozes que viviam naquelas praias: com ameaças perguntavam-lhes para onde iam e o que queriam. Era sempre Úrsula quem respondia por todas e depois exortava as companheiras a remar e continuar a viagem com novo zelo. Assim, ilesas e sem ofensas, chegaram a Colônia. Havia ali uma pequena comunidade cristã com uma igreja, onde pararam por algum tempo, e as viúvas e os jovens que se juntaram a elas ficaram lá permanentemente. Úrsula exortou todas elas a sofrerem o martírio como virgens e matronas cristãs, em vez de tolerarem a violência dos bárbaros pagãos. As que permaneceram espalharam-se por todo o país e permaneceram fiéis aos sentimentos e exortações de Úrsula. Ela navegou com cinco barcos para Basileia, onde muitos de suas companheiras permaneceram nos barcos e ela, com quarenta pessoas, entre as quais alguns padres e guias, rumaram para Roma. Iam como peregrinos em procissão por lugares desertos e montanhas escarpadas. Eles oravam e cantavam salmos, e onde acampavam Úrsula falava-lhes sobre as castas núpcias com Jesus e a morte pura das virgens cristãs. Em todos os lugares elas encontraram pessoas que se associaram a elas por um tempo e depois se separavam.

Em Roma visitaram os lugares dos martírios e os túmulos dos mártires. Por causa dos vestes bastante curtas e dos modos bastante livres a que se habituaram nos anos de exercícios, foram avisadas, e a partir de então cobriram-se com vestes e mantos mais longos. O Papa Leão Magno queria ver Úrsula: examinou-a, interrogou-a sobre várias coisas. Ela confiou-lhe o segredo da sua missão e expressou-lhe as suas visões e com grande humildade e obediência ouviu as exortações do Papa. O Pontífice deu-lhe, com a sua bênção, muitas relíquias de Santos. Na viagem de volta, Úrsula foi acompanhada pelo bispo Ciriaco, um padre egípcio chamado Pedro, e um padre da cidade natal de Santo Agostinho, neto daquele homem que doou ao santo o terreno onde fundou mosteiros, dotando-os de alguma renda. Esses eclesiásticos acompanhavam Úrsula e suas virgens principalmente pelas preciosas relíquias que carregavam. Úrsula levou para Colônia um fragmento ósseo de São Pedro, que ainda era reconhecido como tal, embora sua origem fosse desconhecida. Levou também uma relíquia de São Paulo: cabelo de São João Evangelista e um fragmento da vestimenta que o cobriu quando foi colocado no caldeirão de óleo fervente. Quando chegaram a Basileia, tantas pessoas se juntaram a ela que navegaram em onze barcos em direção a Colônia.

Os hunos haviam então tomado o controle da cidade de Colônia e tudo estava na maior confusão e desordem. :

Ainda longe de Colônia, o Arcanjo Rafael apareceu novamente a Úrsula e anunciou-lhe a próxima coroa do martírio e instruiu-a em tudo o que deveria fazer; Ele lhe disse, entre outras coisas, que resistisse até que todos os companheiros fossem batizados e tivessem a disposição adequada. Úrsula comunicou esta visão às suas companheiras mais determinados e fiéis, e todas se voltaram para pedir ajuda ao

Senhor. Estando já a pouca distância de Colônia, foram recebidas com gritos selvagens pelas tropas hunas que dispararam flechas contra os barcos. Elas remaram rapidamente passando pela cidade e não teriam desembarcado se não tivessem deixado muitas de suas companheiras lá. A uma hora de distância de Colônia desembarcaram e se reuniram numa pequena planície entre arbustos e formaram uma espécie de acampamento. Vi que muitas das que permaneceram e outras mulheres se juntaram a elas. Úrsula e os padres os instruíram, dividiram-se em grupos e os prepararam para lutar pela fé. Vi a abordagem dos hunos e os seus líderes lidarem com Úrsula. Pretendiam selecionar à força algumas jovens e dividi-las entre si. As heróicas jovens reuniram-se e defenderam-se: muitos habitantes da cidade e arredores, oprimidos pelos invasores, também se reuniram com elas. Outros, que se tornaram amigos das virgens que permaneceram na primeira viagem de Úrsula, decidiram proteger aquela colônia de jovens e começaram a lutar e a se defender com chifres e paus e com todo tipo de armas que encontravam à mão. Essa resistência havia sido ordenada pelo anjo a Úrsula para ganhar tempo e preparar todos os companheiros para o martírio. Durante a luta pela resistência, vi Úrsula correr pelos esquadrões dispostos mais atrás, falando e rezando com grande zelo, enquanto os padres batizavam aqueles que ainda não eram cristãos, pois muitas jovens e mulheres pagãs se juntaram a eles para esse fim. Quando todos foram batizados e prontos para o martírio e os inimigos os cercaram por todos os lados, eles cessaram a defesa e se prepararam para o martírio, cantando louvores ao Senhor. Os inimigos começaram a feri-los com pregos e perfurá-los com lanças. Vi cair toda uma fileira de virgens, perfuradas pelos dardos dos hunos, que as cercavam; Entre elas estava uma chamada Edit, do qual tenho uma relíquia.

Úrsula foi perfurada por uma lança. Entre os corpos que cobriram o campo do martírio, além das virgens vindas da Inglaterra, haviam muitas mulheres e donzelas que se juntaram a eles de vários lugares, bem como sacerdotes vindos de Roma e outros homens, e alguns dos inimigos. Muitos outros foram massacrados a bordo dos mesmos barcos. Córdula não foi com Úrsula para Roma, mas ficou em Colônia, onde conquistou muitos para a fé cristã. Durante a perseguição ela permaneceu escondida por medo. Então ela apareceu e se juntou aos seus companheiros para ser martirizada. Os hunos queriam a todo custo mantê-las como outras companheiras; Mas elas resistiram tanto às suas exigências que no final amarraram-nas pelos braços e, dispostas em fila, perfuraram-nas com flechas.

Cantando alegremente, como se fossem a um casamento, sofreram o martírio. Muitos outras apresentaram-se aos hunos confessando a sua fé cristã e foram massacrados em vários lugares. Pouco tempo depois, os hunos deixaram Colônia. Os corpos dos mártires foram recolhidos no local do martírio, levados perto de Colônia e enterrados em um recinto. Vastas escavações foram feitas, muitas paredes subterrâneas foram muradas e as relíquias sagradas, distribuídas de maneira ordenada, foram piedosamente preservadas.

Os barcos dessas jovens eram muito bonitos, muito leves, abertos, com galerias ao redor, decoradas com bandeirinhas; Eles tinham um mastro e uma borda saliente. Para remar, as mulheres sentavam-se em bancos que também serviam para dormir. Nunca vi barcos pequenos tão bem arranjados. Na época em que Úrsula deixou a Inglaterra, os santos bispos Germanus e Lupus viviam na França. O primeiro visitou Santa Genevieve, que completava doze anos. Quando Germano e Lúpus foram para a Inglaterra para combater heresias, consolaram os pais de Úrsula e das outras virgens, que estavam de luto pela ausência de suas filhas. Vi os hunos, em sua maioria, com as pernas nuas. Usavam gibões largos com longas tiras de couro, que cobriam a parte inferior do corpo, e longos mantos que usavam enrolados nas costas.

(*) *Alberto Gereon Stein, Pároco de Santa Úrsula, Colônia, coletou em seu livro Die Ursula und Ihre Gesellschaft-Bachem (1879) todos os dados e evidências sobre a Santa, chegando às seguintes conclusões: 1o Úrsula é filha de um rei da Grã-Bretanha e líder dos companheiros; 2o O número dos mártires foi de onze mil e eram da Grã-Bretanha; 3o Eles foram martirizados pelos hunos que então devastavam a Alemanha, a Gália. e Itália.*

São Nicostrato

Aquela relíquia que indiquei com N é de São Nicostrato. Ele era grego de nacionalidade e foi feito prisioneiro com sua mãe e outros cristãos e conduzido para Roma.

A mãe foi martirizada com outros cristãos, e o filho, abandonado, recebeu educação pagã. Ele se tornou escultor e já o vi trabalhando com três colegas. Os escultores viviam em sua própria parte da cidade, onde grandes peças de mármore bruto eram vistas por toda parte. Trabalhavam em salas vastas e escondidas, onde a luz vinha de cima: às vezes usavam capuzes de pele escura para proteger o rosto das lascas de mármore. Vi que Nicostrato e seus companheiros foram em busca de certas cavernas para cavar pedras, onde alguns cristãos viviam secretamente escondidos. Lá eles conheceram Cyril, um velho padre, muito benigno e alegre no tratamento. Cyril tinha algo semelhante a Dean Overberg. Ele era muito simpático com todos: brincava;; Contudo, ele era cheio de dignidade e, quando surgiu a oportunidade, soube como ganhar muitas pessoas para a fé. Os escultores muitas vezes brincavam com ele e para surpreendê-lo decidiram esculpir para ele uma pequena imagem da Mãe de Deus.

Eles conheciam algo da história da Mãe de Deus e por isso fizeram uma bela escultura de uma senhora coberta por um longo manto, com um véu, e em cujo rosto estava pintada a aflição de quem procura um objeto amado. Esta imagem era indescritivelmente bela e expressiva. Eles a carregaram em uma carroça e Nicostrato e Sinforiano a transportaram com a ajuda de um burro até onde Cirilo estava.

“Eis”, disseram-lhe, “trazemos-te a Mãe do teu Deus que procura o seu Filho”. Eles riram da graça e lhe apresentaram a estátua. Cirilo ficou muito feliz ao ver a imagem artística: agradeceu o presente e disse-lhes algo como se fosse rezar por eles para que a Mãe de Deus também os procurasse, e os encontrasse, e que havia se tornado verdade, o feito como uma piada. Ele disse essas palavras sérias sorrindo, com total gentileza, e eles as receberam da mesma forma, como se estivesse brincando. Durante o retorno, eles sentiram um estranho choque em seus espíritos; mas eles não ousaram falar um com o outro. Vi mais tarde que estavam tentando fazer uma estátua de Vênus; mas não sei de que maneira maravilhosa aconteceu que, em vez da estátua projetada de Vênus, eles fizeram a imagem de uma virgem mártir cristã muito devota e modesta. Vi que quatro deles foram então instruídos e batizados por Cirilo. Depois disso, eles não queriam mais fazer imagens de deuses pagãos: apenas estátuas que não fossem divindades. Tornaram-se cristãos fervorosos e apontaram os mármorees que iam trabalhar com o sinal da cruz: o seu trabalho ficou muito bonito. Vi que estavam fazendo uma estátua de um jovem santo mártir, amarrado a uma coluna e perfurado por flechas. Vi outra de uma virgem, ajoelhada diante de um tronco de coluna, perfurado no pescoço por uma espada. Vi uma pedra, semelhante a um sarcófago, na qual estava esculpido um santo mártir deitado sobre um pedaço de mármore. Vi um quinto escultor, chamado Simplício, que parecia o patrão e que ainda era pagão. Que lhes disse: “Eu lhes conjuro pelo sol para me dizer por que suas obras ficam tão boas e artísticas”. Eles então falaram com ele sobre Jesus e lhe disseram que apontaram para as

bolinhas de gude com uma cruz o que tinha visto e ao ouvir isso, ele mesmo mandou instruí-lo e batizá-lo. O imperador Dioclesiano os apreciava muito por sua arte, e quando soube que eles haviam se tornado cristãos, ordenou-lhes que fizessem um ídolo, que era uma estátua de Esculápio. Como não quiseram fazê-lo, foram presos, levados a julgamento e martirizados. Um homem piedoso colocou os corpos sagrados numa caixa de chumbo e depois de alguns dias, de uma forma maravilhosa, eles surgiram, foram removidos e sepultados com seus respectivos nomes. Hoje se comemora sua festa (8 de novembro de 1821).

São Teoctista

Ana Catalina, após reconhecer uma relíquia pertencente a Santo Teoctista, narrou o seguinte:

Vi a vida desta santa virgem, que eu desconhcia, durante a minha viagem à Terra Santa. Era de uma cidade da ilha de Lesbos, em frente da qual, numa colina, erguia-se uma capela dedicada à Mãe de Deus; mas a Virgem era vista sem o Menino nos braços. Foi trabalhada por um escultor santo de Jerusalém, cujas mãos e pés foram decepados durante a perseguição. A imagem era semelhante à pintada por São Lucas. Algumas mulheres piedosas viviam em celas ao redor desta capela. Eles observavam uma regra modelada na imitação da Virgem Santa, como outros que viviam perto de Éfeso. Naquela colina havia uma Via Crucis semelhante à da Virgem, perto de Éfeso. Essas mulheres piedosas eram encarregadas de educar as meninas. De acordo com suas regras. Eles tinham que estudar as inclinações naturais dos estudantes e depois instruí-los num modo de vida do qual não deveriam mais se separar.

Teoctista esteve entre esses alunos e sempre quis permanecer com eles. Quando os seus pais morreram e a capela e o convento foram destruídos pelas guerras, Teoctista retirou-se para um convento situado noutra ilha. As freiras tinham suas celas nas cavidades das montanhas e viviam segundo as regras de uma santa mulher, que havia reconhecido em visão as correntes de São Pedro. Eu esqueci o nome dela.

Teoctista permaneceu naquele convento até os vinte e cinco anos. Ao viajar por mar para visitar uma irmã que morava em outra ilha, o navio foi surpreendido por piratas árabes vindos da ilha de Creta, e os viajantes foram reduzidos à escravidão. Os piratas chegaram à ilha de Paros, onde existiam minas de mármore, e enquanto lá discutiam o preço do resgate dos prisioneiros, Teoctista conseguiu escapar. Ela se escondeu em uma das cavernas de mármore e ali viveu quinze anos, como uma eremita, sem qualquer ajuda humana, até ser encontrada por um caçador. Ela contou-lhe a sua história e pediu-lhe que lhe trouxesse o Santíssimo Sacramento numa caixinha ou píxide quando voltasse ao local. Isto foi então concedido aos leigos, porque os cristãos viviam muito dispersos e não tinham sacerdotes suficientes. Eu o vi depois de um ano trazer-lhe o Santíssimo Sacramento. Ela o recebeu como viático, pois ela faleceu no mesmo dia.

O caçador a enterrou, mas não antes de cortar sua mão, que ela levou consigo como relíquia junto com alguns fragmentos de suas roupas. Devido à relíquia que carregava consigo, pôde realizar a sua viagem de navegação, que era muito perigosa devido aos numerosos piratas que rondavam aqueles mares. Quando ele mostrou aquela mão ao bispo local, foi lamentado que ele não tivesse trazido o corpo sagrado consigo.

Santa Cecília (*)

(22 de novembro de 1819) Vi a santa sentado numa sala quadrada e de aparência simples. Ela tinha sobre os joelhos uma pequena caixa triangular de superfície plana, com alguns centímetros de altura, sobre a qual estavam esticadas cordas harmônicas que ela tocava com as duas mãos. Seu olhar estava voltado para o céu e acima dele podiam ser vistos brilhos e certas formas de anjos ou crianças abençoadas. Pareceu-me que ela estava ciente de tais aparições. Vi aproximar-se dela um jovem de extraordinária beleza e doçura: parecia mais velho; mas ele parecia humilde e submisso quando Cecília lhe contava alguma coisa. Acho que era o Valeriano, porque depois o vi com outro amarrado num pau, chicoteado com varas e decapitado. Isto não aconteceu naquela pista redonda de areia destinada aos mártires, mas num lugar solitário.

Vi o martírio de Santa Cecília num pátio redondo, perto da sua casa. Sua casa era quadrada e coberta por um telhado plano, onde se podia andar como se estivesse sobre um telhado. Nos quatro cantos havia quatro globos de parede e no meio havia uma estátua. No pátio inferior havia um fogo aceso num caldeirão, no qual vi Cecília, de braços abertos e luminosa em sua veste branca, adornada com pedras preciosas. Um anjo resplandecente, com um lindo nimbo avermelhado, segurava sua mão e outro tinha um buquê de flores suspenso sobre sua cabeça. Sombriamente pareceu-me ter visto que conduziram até lá, pela porta que dava para o pátio, e amarraram, um animal com chifres, como um touro selvagem, embora não fosse igual a estes animais que estão entre nós. Retirada daquele caldeirão, Cecília foi perfurada três vezes no pescoço com uma espada curta e larga. Não vi o momento em que ela foi ferida, mas vi a espada. Mais tarde eu a vi, magoada, continuar convivendo e conversando com um velho padre, que já tinha visto antes em sua casa. Mais tarde vi aquela sala muito transformada, convertida em igreja. Vi muitas relíquias dela e de seu corpo sagrado, do qual várias pequenas partes foram removidas. Naquela igreja vi serem celebrados os serviços divinos. Este é o pouco que me lembro das muitas imagens que vi da vida de Santa Cecília.

(22 de novembro de 1820) A casa paterna de Cecília não ficava no centro de Roma, mas sim num dos lados. Era como a de Santa Inês, com pátios, pórticos, colunas e fonte de água. Eu sei pouco sobre seus pais. Vi que Cecília era muito bonita de aparência, meiga e ágil, com bochechas rosadas e linhas finas e delicadas, como Maria. Já a vi se divertir e brincar com outras meninas naqueles quintais.

Quase sempre ela via um anjo ao seu lado, na forma de uma criança gentil, que falava com ela, e que ela via, embora os outros não o vissem. O anjo a havia proibido de falar sobre suas aparições com as outras meninas. Muitas vezes vi outras crianças se aproximando dela: então o anjo se afastava dali. Cecília tinha sete anos. Eu a vi sozinha em seu quarto e o anjo perto dela, ensinando-a a tocar determinado instrumento; Ele lhe ensinava como colocar os dedos nas cordas e muitas vezes segurava uma lâmina à sua frente. Às vezes ela carregava nos joelhos uma caixa cheia de cordas: o anjo estava na sua frente, no ar, segurando uma placa que ela olhava. Às vezes eu a via com um instrumento parecido com um violino, que ela apoiava entre o queixo e o pescoço; Com a mão direita tocava as cordas e com a boca soprava aquele instrumento, por uma abertura coberta por uma pele muito sutil. Este instrumento produzia um som muito doce. Um jovem chamado Valeriano estava frequentemente com ela, e também seus irmãos mais velhos e outro homem coberto por uma longa capa branca, que parecia ser o preceptor. O menino Valeriano participava de suas brincadeiras e me parecia criado junto com ela e também destinado a ela.

A ama de Cecília era cristã e através dela conheceu o Papa Urbano. Muitas vezes vi Cecília e suas companheiras encherem as longas dobras de seus vestidos com todos os tipos de alimentos e frutas, que depois carregavam como sacos ao lado e escondiam cobrindo-os com suas capas. Assim carregados, mas cobertos de arte, vi-os saindo um após o outro por uma determinada porta. Sempre via o anjo da Cecília ir na companhia dela, o que era muito engraçado. Já vi essas meninas irem em campo aberto em direção a um prédio com torres e paredes grossas. Muitas pessoas pobres viviam dentro dos muros, e em certas cavernas e salas subterrâneas viviam muitos cristãos. Eu não sabia dizer se eles estavam escondidos lá ou presos. Parecia que os que viviam entre as paredes da entrada foram ali colocados pelos cristãos, para vigiar os que viviam nos esconderijos das ruínas. As meninas distribuíam o que traziam entre os pobres: parecia-me que o faziam em segredo, para não serem descobertas.

Certa vez, Cecília amarrou firmemente a túnica estreita que usava nos pés com uma faixa e deslizou ao longo de uma parede para baixo e entrou no subsolo; Mais uma vez ela entrou, por uma abertura redonda, numa espécie de cantina onde havia um homem que a conduziu até onde ficava São Urbano. Ele a instruiu, fazendo-a ler certos rótulos. Ela carregava alguns desses cartazes escondidos consigo para ler em casa. Lembro-me vagamente que ela foi batizada naquele subsolo.

Certa vez vi o jovem Valeriano com seu tutor ao lado daquelas jovens que se divertiam, e vi que Valeriano, numa dessas brincadeiras, quis pegar Cecília pelos braços e ela o rejeitou. Valeriano ficou diante de seu preceptor e contou o ocorrido aos pais, que puniram Cecília proibindo-a de sair do quarto. Lá eu a vi com seu anjo da guarda que a ensinou a tocar vários instrumentos e a cantar. Valeriano conseguia penetrar onde ela estava e às vezes ficava ali por muito tempo: mas Cecília logo começou a tocar e a cantar. Certa vez, Valeriano tentou abraçá-la à força: mas o anjo a cobriu com uma vestimenta tão resplandecente e sincera como a neve.

Mais tarde vi Valeriano completamente conquistado por Cecília. Às vezes eu o via no quarto de Cecília, enquanto ela ia até onde Urbano estava. Os pais acreditavam que os dois se divertiam juntos.

Eu vi uma imagem sobre o casamento deles. Os pais dos dois jovens e de muitos homens, mulheres, jovens e donzelas estavam numa sala com belas estátuas.

Cecília e Valeriano estavam enfeitados com coroas e usavam vestimentas típicas da solenidade. Havia uma mesa bastante baixa, cheia de iguarias deliciosas. Os pais levaram os jovens cônjuges e ambos beberam um vinho tinto espesso em uma taça. Algumas palavras foram ditas, algo foi lido nos volumes e foi feito um escrito do ato. Os espectadores comeram o que estava em pé na mesa. Sempre via o anjo entre Cecília e Valeriano. Depois dirigiram-se todos para os fundos da casa, em procissão solene, onde apareceu um edifício redondo sustentado por colunas, no meio de um espaço livre. No centro viam-se duas figuras, sobre um pedestal, abraçadas num abraço apertado. Nesta procissão carregavam uma longa fileira de flores penduradas em telas brancas seguradas por várias meninas. Ao chegarem diante da estátua localizada no templo, vi que descia de cima a imagem de uma criança, que parecia inflada e cheia de vento e que por meio de um artifício se mantinha no ar; depois desceu e caiu aos poucos, de modo que primeiro se aproximou da boca de Valeriano para beijá-lo e depois se aproximou dos lábios de Cecília. Vi que o anjo colocou a mão diante dos lábios de Cecília quando aquela figura estava perto dela. Depois os dois cônjuges foram completamente embrulhados com a corrente de flores que as meninas usavam, de modo que as pontas se estreitaram em volta dos noivos até aprisioná-los. Vi que o anjo havia se colocado entre Valeriano e Cecília, e ele não pôde aproximar-se dela, porque se retirou e não permitiu que a corrente se

unisse nas pontas. Pareceu-me que ela estava lhe dizendo algo sobre coisas que ele não conseguia ver, que ela tinha outro amigo que a defendia e que ele não deveria tocá-la. Então Valeriano ficou muito sério e perguntou se ela amava mais alguém presente. Ela respondeu que se ele persistisse em tocá-la, o amigo que a acompanhava o cobriria de lepra e o puniria. Ele respondeu que se ela amasse outro, ele tentaria matar os dois. Eles contaram tudo isso em voz baixa, e os presentes acreditaram que se tratavam assim por modéstia. Cecília disse a ele que explicaria tudo mais tarde. Mais tarde eu os vi sozinhos em uma sala. Cecília disse-lhe que tinha um anjo com ela e, quando Valeriano quis vê-lo, disse-lhe que não poderia ser se ele não se batizasse. Quando o mandou para Urbano já moravam como cônjuges em outra casa.

() O Kirchenlexicon diz: O caráter histórico do martírio de Santa Cecília foi plenamente confirmado pelas descobertas de Rossi. Santo Antônio escreve a história da Santa de acordo com a visionária. Quando o Cardeal Sfrondati mandou abrir o túmulo da Santa, encontrou o corpo dela intacto, inclinado para o lado direito, pois havia caído ao morrer.*

Santa Inês

Vi uma virgem graciosa e delicada arrastada pelos soldados. Ela estava coberta com um longo vestido de lã escura e um véu sobre a cabeça, com cabelos entrelaçados. Os soldados levaram-na, segurando-a pelas saias, de modo que algumas partes do seu vestido ficaram rasgadas. Muitas pessoas a seguiram, incluindo algumas mulheres. Passando por um muro alto e entrando em um pátio quadrado, ela foi levada para um quarto, onde não havia nada dentro, exceto uma grande caixa com algumas almofadas. Colocaram a santa virgem dentro e, levando-a de um lugar para outro, arrancaram-lhe o manto e o véu. Ela estava ali como um cordeiro inocente e paciente no meio dos algozes, e se movia com agilidade e leveza como um passarinho. Enquanto a empurravam de um lado para o outro, ela parecia voar. Eles tiraram sua capa e a deixaram.

Inês permaneceu então num canto da sala, envolta numa túnica branca sem mangas, aberta dos lados: tinha a cabeça erguida e com as mãos levantadas rezava calmamente. As mulheres que vieram atrás dela não puderam entrar na casa.

Alguns homens de mau caráter esperavam na porta, como se a santa devesse ser entregue aos seus excessos. Vi seu pescoço sangrando por causa de um ferimento que ela recebeu talvez no caminho para a prisão. Primeiro, entraram no local dois ou três jovens sem coração, que se lançaram sobre a delicada virgem e a carregaram de um lado para o outro e rasgaram do corpo o vestido entreaberto que a cobria. Vi sangue em seu pescoço e em seu peito; mas ela não precisou se defender, pois naquele momento seus cabelos se desfizeram e caíram sobre ela, cobrindo-a. Vi um jovem luminoso voando sobre ela, que a envolveu como num vestido de luz. Essas pessoas perversas ficaram com medo e fugiram imediatamente. Então um amante imprudente, zombando da covardia dos outros, entrou correndo. Ele queria agarrá-la, mas ela resistiu tanto com as duas mãos que o rejeitou. Ele caiu no chão, mas levantou-se e com maior fúria se jogou contra ela. A jovem Inês rejeitou-o com força até a soleira e ali o jovem caiu imóvel no chão. Ela permaneceu firme e continuou orando; Ela era luminosa e seu rosto lembrava uma rosa brilhante. Alguns personagens atenderam aos gritos do homem caído, um dos quais era o pai do jovem caído. Ele parecia irritado e falava de magia: mas quando ouviu a virgem dizer que se ele pedisse em nome de Jesus, ela estava pronta para implorar a vida daquele infeliz, ele cedeu e implorou-lhe que o fizesse. Então Inês chamou o morto, que imediatamente se levantou e, ainda hesitante, foi retirado dali.

Outros homens vieram contra ela, mas todos, assustados, tiveram que fugir.

Depois de algum tempo, vi alguns carrascos se aproximarem novamente, e trouxeram-lhe um vestido escuro aberto e pendurado de um lado e um véu mesquinho, como aqueles dados aos que estavam destinados ao martírio. Ela se vestiu, prendeu os cabelos e foi levada ao pretório. Era um espaço quadrado rodeado de muros e edifícios, onde existiam câmaras e prisões; No topo se poderia ficar de pé e ver o quadrado abaixo. Havia algumas pessoas lá.

Muitas outras pessoas também foram levadas perante o juiz; Foram retirados de uma prisão que parecia não muito longe do local onde Inés havia sido maltratada. Acho que esses presos eram um velho avô com dois genros e filhos pequenos: estavam amarrados com cordas e nós. Quando foram apresentados ao juiz, sentados naquele pátio quadrado numa cadeira elevada de mármore, Inés também foi apresentada e amigavelmente admoestada e exortada pelo juiz. Os outros foram então questionados e repreendidos. Eles foram levados para lá apenas para serem examinados e testemunharem o martírio de outros. As esposas desses homens ainda eram pagãs.

Depois de serem examinados um após o outro pelo juiz, Inés foi apresentada novamente, três vezes. A virgem foi conduzida a um lugar onde havia um lugar elevado com três degraus; Havia um poste onde ele queria amarrá-la; mas ela não consentiu. Ao seu redor havia uma pira de madeira sobre a qual se aplicava fogo. Vi acima dela uma aparição alada que espalhava sobre ela uma grande quantidade de raios luminosos que serviam de escudo e faziam as chamas se inclinarem em direção aos algozes, que sofreram muitos danos. Ela ainda estava ilesa. Então outros algozes a tiraram de lá e a levaram de volta ao juiz. Mais uma vez foi levada para uma armadilha de pedra e tentaram amarrar-lhe as mãos: ela não consentiu: tinha-as juntas sobre o peito. Vi uma figura luminosa no alto, segurando-a pelos braços. Então um carrasco agarrou-a pelos cabelos e cortou-lhe a cabeça, como fizeram a Cecília. A cabeça pendia de um lado quase totalmente separada do tronco. Então seu corpo vestido foi jogado no fogo e os outros presos foram levados de volta à prisão.

Durante o julgamento e a execução vi alguns parentes e amigos chorando de longe. Muitas vezes me pareceu maravilhoso que em tais martírios nada de mal acontecesse aos amigos que participaram do ato, ajudando ou consolando os mártires. O corpo e as roupas de Agnes não queimaram. Vi sua alma, separada do corpo, voando para o céu cândida e luminosa como uma lua.

Esta execução ocorreu, parece-me, antes do meio-dia, e antes do anoitecer os amigos retiraram o corpo da fogueira e o enterraram com honra. Muitos compareceram ao funeral, mas cobertos e escondidos nas capas, talvez para não serem reconhecidos. Pareceu-me que aquele jovem que ela havia levantado estava no lugar do martírio, mas ainda não se tinha convertido.

Mais tarde vi a santa, fora do quadro geral, como uma aparição isolada, perto de mim, de forma extraordinariamente luminosa e resplandecente, com a palma na mão. Aquele halo de glória que cercava toda a sua pessoa era internamente rosado e terminava em raios azuis. Ela me consolou amigavelmente em minha dor intensa e me disse: “Sofrer com Jesus e em Jesus é uma coisa doce”. Não consigo expressar o suficiente quão grande é a diferença entre as pessoas de hoje e os antigos romanos. Não houve mistura entre eles; Eles eram de uma espécie ou de outra, e absolutamente simples. Pelo contrário, entre nós tudo é morno, tudo confuso: parecia que no nosso espírito haviam mil celas ou esconderijos, dos quais derivavam muitos mais.

Santa Emerenciana

Eu vi uma imagem relacionada a outra virgem. Como à noite ela visitava o túmulo de Santa Inês e rezava prostrada diante dele, envolta em seus véus, e se movia tão secretamente, me lembrei de Madalena quando ela foi ao túmulo de Cristo. Vi-a surpreendida pelos perseguidores dos cristãos, que a espionaram e a levaram para a prisão. Então vi uma pequena igreja octogonal e acima dela um altar. No altar, os santos celebravam uma festa de aniversário com alegria infantil, inocência e elegância graciosa. Uma bela virgem e mártir foi colocada num trono e adornada com coroas de flores por outros mártires romanos de ambos os sexos, todos desde os primeiros dias da Igreja.

Vi que também estava presente Santa Inês, que trazia consigo um cordeirinho.

O Peregrino deu-lhe uma relíquia onde estava escrito claramente: São Mateus, mas Ana Catalina declarou que pertencia a Santa Emerenciana. Assim que pegou a relíquia ela disse: Ah, que menina gentil! E de onde vem uma criatura tão engraçada? Eis que vem também uma mulher com outro filho. (No dia seguinte ela narrou): Ontem à noite tive muito a ver com duas criaturas gentis e um servo. Primeiro, vi uma criança de cerca de quatro anos passar pela porta aberta de uma parede que se abria por dentro para uma colunata. Depois veio uma mulher de certa idade, com nariz aquilino, que estava saindo de casa; Ela tinha a aparência de uma mulher hebréia, coberta com um vestido longo e no pescoço um colar com peças muito pequenas e nos pulsos enfeites que pareciam manípulas. Uma garotinha que a velha segurava pela mão parecia ter cinco anos e meio. Ele veio com ela até a colunata e lá as crianças começaram a brincar.

As colunas deste ponto de encontro que ficavam no meio eram redondas, com capitéis de folhas esculpidas, rodeadas de imagens ou baixos-relevos em forma de cobras, que no topo mostravam uma bela figura humana olhando para baixo.

As colunas dos cantos eram quadradas e em ambos os lados internos exibiam longas figuras fantásticas, no topo tinha como cabeças de boi esculpidas e abaixo três aberturas redondas colocadas uma sobre a outra e abertas precisamente no ângulo. A parede posterior era interrompida por pilastras e num ponto desta parede existia uma varanda que saía para o exterior onde se podia sentar confortavelmente e à qual conduziam alguns degraus. No centro havia algo como um tabernáculo aberto, de onde parecia que algo escondido na parede poderia ser extraído. Ao redor havia assentos que formavam a parte de trás da colunata. Por baixo e à volta dos assentos havia esconderijos onde as crianças guardavam os seus jogos. O servo sentou-se em um deles. Os dois meninos usavam túnicas de malha e camisas compridas presas por cintos. Muitas outras crianças do bairro vieram e começaram suas brincadeiras divertidas, principalmente em torno daquele tabernáculo que faziam girar e onde guardavam seus brinquedos. Consistiam em bonecos confeccionados com muita arte, decorados com fios que as crianças puxavam, movimentando seus membros. As crianças pularam os degraus que levavam ao sacrário e pousaram no plano da varanda. Eles tinham pequenos copos e utensílios, brincavam nos assentos e colocavam os utensílios embaixo em cavidades semicirculares. Peguei uma das meninas e coloquei-a sobre meus joelhos, mas ela não quis ficar parada e se contorceu; Fiquei perturbada e acreditei que não era digna de tê-la no colo. Depois, as outras crianças foram para casa e a criada entrou pela porta com as duas crianças, atravessando um pátio e subindo um andar superior até um quarto onde estava a mãe de uma delas que parecia estar lendo certas páginas. Era uma mulher de aspecto robusto, vestida com hábito plissado, andando devagar e arrastando os pés, com aspecto severo; não tinha muita

familiaridade com crianças; Eu não os acariciei; mas ela conversou com eles e lhes deu comida e pequenas figuras coloridas. Naquela sala havia cadeiras dobráveis com almofadas de alça única. As almofadas eram feitas de couro escuro e lã. O teto e as paredes da sala estavam repletos de pinturas: não havia vidros nem vidraças nas janelas: estavam entrelaçadas por redes onde se viam diversas figuras. Nos cantos da câmara havia estatuetas sobre pedestais. Aquela senhora parecia se importar ainda menos com a criança estranha do que com a sua. Vi a empregada ir com as crianças até um pequeno jardim, no centro do prédio, como um pátio. Havia quartos ao redor e no meio havia uma fonte. Neste jardim as crianças se divertiram e comeram as frutas que ali estavam. Eu não vi o pai desta família.

Então vi outra imagem; Eu vi essas duas meninas já crescidas. Eles estavam sozinhas e oravam.

Ouvi uma voz interna me dizendo que a serva era secretamente cristão e estava observando os passos das meninas. Eu a vi se encontrando secretamente com outras virgens em uma das pequenas casas construídas lateralmente ao grande palácio. À noite algumas pessoas aproximaram-se furtivamente das paredes do palácio, dentro do qual aquelas mulheres dormiam e, tirando algo do buraco na parede, deram um sinal aos habitantes, que, acordados, levantaram-se e saíram. A empregada os acompanhou por um corredor até que se viram do lado de fora e ela permaneceu lá dentro. Vi-os cobertos com os seus mantos, com outros, junto a uma antiga muralha e entrando num espaço subterrâneo onde muitos já estavam reunidos. Vi dois espaços deste tipo: num não havia altar; lá eles ensinavam e oravam apenas; No outro havia um altar onde quem chegava colocava uma oferenda. Eu vi as duas meninas irem secretamente para esses subterrâneos e assistirem a essas reuniões secretas de cristãos.

Encontrei-me novamente diante do palácio onde tinha visto as meninas brincando e desejei ardentemente vê-las novamente. Aí vi um menino que tinha participado das brincadeiras deles e mandei ele para casa mandar a empregada sair com as meninas.

Ela veio e carregava Inés nos braços; Ela ainda era uma menina que era amamentada há um ano e meio. Ele me disse, porém, que a outra garota não estava lá. Eu disse a ele que certamente viria sem demora. Ela veio comigo à sombra de uma tília e a outra menina foi trazida até mim por uma jovem que veio de outra casa menor do bairro. As duas criadas não queriam ficar lá por muito tempo porque tinham algo para fazer, e eu implorei sinceramente que me deixassem com as meninas por um tempo. Eles consentiram e foram para casa. Coloquei aquelas meninas no colo e as acariciei; mas logo ficaram inquietos e começaram a gritar. Eu não tinha nada para acalmá-las e, como me vi em apuros, abracei as duas contra o peito e elas se acalmaram. Estendi sobre elas um grande manto que estava usando e senti, para meu grande espanto, que elas estavam realmente recebendo comida do meu peito. Aí as empregadas voltaram e eu lhes entreguei as meninas, e logo apareceram as duas mães.

Aquela de Emerenciana era de pequena estatura, mais viva e nobre e mais simpático.

Ela mesma carregou a menina para casa, enquanto a outra fez com que a criada carregasse a dela.

Senti então com horror que meu peito estava inchado de tanto amamentar aquelas criaturas; Sentia ardor e opressão e fiquei cheia de inquietação. Decidi voltar para casa; Mas no meio do caminho, duas pobres crianças que eu conhecia vieram até mim e, me fazendo sofrer, mamaram em meu peito, e depois delas vieram outras e outras, que fizeram o mesmo; Neles havia vários insetos que retirei deles, para ao

mesmo tempo alimentá-los e deixá-los limpos e arrumados. Me vi aliviado da minha angústia e pensando que tudo isso tinha acontecido comigo porque eu tinha aquelas relíquias nas mãos, coloquei-as de volta no armário.

Santa Ágata (*)

Ontem à noite estive naquela cidade onde vi uma grande revolução (Palermo). Ainda via muita desolação e devastação em igrejas e casas particulares, bem como uma grande e curiosa festa religiosa. Na igreja havia tapetes pendurados nas paredes e no centro uma espécie de tenda pendurada por cima, como era costume entre nós, que era chamada de tenda da fome ou do jejum durante o tempo da Quaresma. Vi na praça uma grande fogueira como a da festa de São João e vi que os padres iam em procissão em direção à fogueira, carregando uma esteira. Foi uma festa muito solene, com muitos preparativos e muita pompa. As pessoas de lá sempre demonstravam muito ardor e zelo por essas coisas; Enquanto isso, eles não pararam de se bater e brigar. Havia muita pompa e esplendor na igreja. Durante a Missa vi Santa Ágata presente com muitos outros santos. Vi que ela foi martirizada em Catânia. Seus pais moravam em Palermo; sua mãe era secretamente cristã e seu pai era pagão. Sua mãe a ensinou desde tenra idade, secretamente, no cristianismo. Ela tinha duas servas e desde pequena gostava de conhecer Jesus. Muitas vezes a vi sentada no jardim, tendo ao seu lado uma criança resplandecente de beleza que brincava e conversava com ela. Vi que ela preparara um assento para ele na grama e, como se estivesse sentada com ele, com as mãos juntas no peito, ela o ouvia com toda atenção e reflexão. Eu a vi brincar com varinhas e flores e como aquela criança foi crescendo aos poucos com ela. À medida que ela crescia, ele parecia mais alto, mas apenas quando ela estava sozinha. Acho que ela sabia, porque já vi ela preparar várias coisas em relação à presença da criança. Eu a vi crescer maravilhosamente pura e forte, com um espírito determinado.

É impossível dizer como são essas coisas: é como se você visse algo se tornando cada vez mais esplêndido e magnífico; como se um fogo se transformasse em sol, um esplendor se tornasse uma estrela e o ouro se tornasse mais dourado e mais brilhante. Também vi como ela cooperava extraordinariamente, como ela constantemente removia até mesmo a menor impureza e imperfeição de si mesma e como ela se punia por qualquer descuido. Quando à noite ela se preparava para descansar, o anjo da guarda estava ao seu lado, muitas vezes de forma visível, lembrando-a de algo que ela havia esquecido e ela imediatamente se apressava em executá-lo; Consistia em orações, esmolas ou qualquer outro trabalho de caridade, pureza, humildade, obediência, misericórdia ou afastar o mal de qualquer forma. Muitas vezes a vi, ainda quando criança, desaparecer secretamente do lado materno para dar esmola e comida aos pobres.

Ela era tão magnânima e tão amante de Jesus que a vi lutar continuamente: em qualquer desejo de tentação ou na menor falta, ela se flagelava e se machucava. Em tudo parecia liberal e corajosa, com um espírito muito sincero. Vi que quando ela tinha oito anos foi levada com muitas outras meninas numa carruagem para Catânia. Isso aconteceu por vontade de seu pai, que queria educá-la de forma mais livre e pagã.

Lá ela foi dada a uma mulher muito libertina, que tinha cinco filhas. Não posso dizer que fosse uma casa de vida má, segundo o sentimento comum, como via naquela época; mas a matrona me parecia uma mulher mundana, de modos muito livres e sedutores. Havia muito tempo que via Ágata morando lá. Aquela casa era muito bonita e tudo dentro era lindo, mas eu não podia deixá-la completamente à vontade.

Via-a maior parte do tempo com outras meninas felizes, num espaço em frente ao qual havia um lago no qual todo o palácio se espelhava, fechado e guardado do outro lado.

Aquela mulher e as cinco filhas fizeram tudo o que se podia imaginar para tirar Ágata dos seus hábitos de virtude. Já a vi caminhando com eles pelos jardins graciosos e mostrando-lhes todo tipo de trajes elegantes: mas Ágata era sempre a mesma e desdenhava todas essas vaidades. Via também ali ao lado dela o Menino Celestial, que sempre se tornava mais sério e firme em seus propósitos. Ela havia se tornado uma jovem esbelta, não muito alta, mas perfeita. Ele tinha cabelos pretos, grandes olhos negros, nariz perfeito, rosto oval e modos doces, mas firmes, e uma expressão maravilhosa no rosto, que vinha da força e generosidade de seu espírito. Vi que a mãe morria de dor pela ausência da filha. Na casa daquela mulher vi Ágata lutar da forma mais perseverante contra as inclinações da sua própria natureza e contra toda sedução. Um certo Quintianus, que mais tarde a martirizou, vinha frequentemente ao palácio. Ele era um homem casado, mas não suportava a própria esposa. Ele inspirava repulsa: era muito vulgar em seus modos e arrogante. Ele andava pela cidade espionando tudo e irritando e atormentando as pessoas. Eu o vi na casa daquela mulher e vi que de vez em quando ele olhava de soslaio para Ágata, com aquele olhar típico de quem vê algo que lhe agrada. Nenhum inconveniente foi permitido. De resto, vi que com Ágata estava o Marido celestial, visível apenas para ela e compreendi que dizia: "Nossa esposa é pequena; ela não tem seios, e quando os tiver, eles serão removidos. Já que não há ninguém aqui que possa esvaziá-los." O Noivo celestial disse isso olhando para Ágata. e isto significava que ainda haviam poucos cristãos e poucos sacerdotes ali.

Vi também que os instrumentos do seu martírio lhe foram mostrados pelo seu Marido celestial; Acreditei ainda mais: que ele começou a se divertir de uma certa forma com aqueles instrumentos.

Mais tarde, voltei a vê-la em sua cidade natal, quando seu pai já não estava vivo. Ele tinha treze anos. Ele professava publicamente a fé cristã e tinha pessoas muito boas ao seu redor. Vi-a ser tirada de sua casa por pessoas que Quintianus havia enviado de Catânia e, ao sair da cidade, amarrou com mais força as sandálias. Então, voltando-se, viu que todos os seus amigos a abandonaram e entraram novamente na cidade. Suplicou ao Senhor que deixasse a memória desta ingratidão e imediatamente ali nasceu uma oliveira estéril e infrutífera.

Eu a vi novamente com aquela mulher má, bem como a aparição de seu Marido celestial, que uma vez lhe disse: "Quando a serpente, que nunca havia falado, falou, Eva devia ter percebido que era o diabo". Também vi como aquela mulher má tentou de todas as maneiras seduzir Ágata pela força da bajulação e do prazer, e entendi que Ágata aplicou a ela os ensinamentos de seu Marido celestial, desde quando aquela mulher mundana quis persuadi-la a se entregar a uma vida relaxada, ela lhe disse: "Sua carne e seu sangue são criaturas de Deus, como era a serpente; mas quem fala agora em sua carne é o diabo." Vi as intrigas de Quintianus com esta mulher e conheci muito bem dois de seus amigos. Mais tarde vi Ágata ser presa, examinada e chicoteada. Depois cortaram-lhe os seios com um instrumento que parecia uma planta de papoula: um carrasco segurou-a e outro arrancou-lhe os seios. Este instrumento foi feito de tal forma que, abrindo-se em três partes, como se se abrisse uma boca humana, e depois fechando, rasgava e carregava consigo os seios que estavam encerrados em seu interior, com uma só mordida. Os algozes tiveram a ousadia de colocar os seios arrancados diante de seus olhos e depois jogá-los a seus pés como se estivessem sobre uma mesa. No meio desses martírios, Ágata disse a Quintianus: "Você não fica horrorizado por arrancar de uma criatura

humana aqueles seios que sua mãe usou para te alimentar?” De resto, ela parecia forte e calma, e acrescentou: “Minha alma tem seios mais nobres, que você nunca conseguirá tirar. Vi que aqueles seios eram pequenos porque Ágata mal chegara à puberdade e não havia outra ferida; o sangue escorria de pequenos poros, como de pequenas fontes. Muitas vezes vi este instrumento usado em martírios: com ele arrancavam pedaços inteiros de carne dos corpos dos mártires. a ajuda que recebiam de Jesus era admirável. Muitas vezes me vi ao lado dos mártires e dando-lhes ajuda: eles não caíam desmaiados nos casos em que qualquer outra criatura cairia desmaiada.

Mais tarde vi Ágata na prisão, onde um velho santo lhe apareceu e lhe disse que queria curá-la e restaurar-lhe os seios. Ela respondeu que nunca tinha usado remédios humanos, que tinha Jesus, que poderia curá-la se quisesse. A outra disse: “Sou um cristão idoso, você não precisa ter vergonha de mim”. Mas ela respondeu: “Minhas feridas não têm nada que possa ofender a pureza; Jesus me curará se quiser: ele criou o mundo e pode criar também os meus seios”. Então aquele velho sorriu e disse: “Eu sou o teu servo Pedro; olha: seus seios já estão curados.” E ele desapareceu. Mais tarde vi como um anjo amarrou uma faixa no topo de sua prisão na qual estavam escritas algumas palavras, mas não sei mais qual era o significado delas. Ágata recebeu os dois seios perfeitamente saudáveis, como ela tinha antes. Esta não era uma simples cura da epiderme, mas eram seios novos e perfeitos. Ao redor deles eu vi um halo de luz e o círculo interno desse halo estava cheio de raios radiantes de cor clara. com todos os tons do arco-íris.

Então vi Ágata levada novamente ao martírio. Num porão abobadado havia como braseiros, nos quais se acendiam brasas: eram fundas como caixas e no fundo cobertas com ferro afiado. Eram muitas dessas caixas, porque às vezes havia muitos mártires ao mesmo tempo; Eles estavam um tanto separados. Por baixo destas caixas as chamas serpenteavam: de modo que aqueles que eram colocados lá dentro eram queimados com o fogo nas pontas afiadas. Quando Ágata foi lançada em uma daquelas aberturas, sentiu-se um terremoto muito grande; Um muro desabou e esmagou dois amigos de Quinciano. Surgiu uma agitação popular e Quintiano fugiu. A mártir foi novamente tirada de lá e levada para a prisão, onde morreu. Mais tarde vi que Quintianus morreu miseravelmente, afogado num rio, enquanto viajava para se apropriar da propriedade de Santa Ágata. Depois vi que um vulcão vomitava fogo e lava e que as pessoas, para se salvarem daquele líquido ardente, se refugiavam junto ao túmulo de Ágata. Colocaram a tampa do túmulo do santo contra a lava e esta parou e o vulcão apagou-se.

() O conceituado Dicionário Eclesiástico (Kirchenlexikon) diz: “Os registros coletados pelos Bollandistas sobre o martírio de Santa Ágata, exceto alguns acréscimos, são muito antigos e dignos de todo crédito. Santo Antônio (VI-6-5) traz as mesmas palavras. Há apenas uma diferença explicável: Afrodisia aparece com sete filhas, porque talvez conte entre elas as mulheres dos servos. Santa Ágata é a padroeira da Sicília. O seu véu é venerado em Catânia como uma relíquia preciosa, protetora contra as erupções do Etna.*

Santa Doroteia

Reconheci mais uma vez as relíquias desta santa e vi uma cidade considerável situada numa região montanhosa (Cesaréia da Capadócia). Ali vi, dentro do jardim de uma casa de estilo romano, três meninas entre cinco e oito anos brincando. Eles deram as mãos, dançaram em círculo, pararam e cantaram enquanto colhiam flores do jardim.

Depois de brincarem assim, vi as duas meninas mais velhas se separarem da mais nova, levando nas mãos as flores que haviam colhido. Pareceu-me que a menor

ficou muito angustiada ao ver que as duas se afastavam para o outro lado do jardim. Senti uma grande tristeza que eu mesmo compartilhei com ela. Seu rosto ficou pálido e ao mesmo tempo suas roupas ficaram brancas como a neve. A garota caiu no chão como se tivesse desmaiado. Enquanto isso ouvi uma voz que dizia: "Esta é Dorotea". Então um jovem brilhante apareceu se aproximando dela, segurando um buquê de flores nas mãos. O jovem pegou a menina e levou-a para outro canto do jardim, colocou o buquê ao lado dela e desapareceu.

A menina voltou a ficar feliz e correu em direção às outras duas, mostrou-lhes suas flores e disse quem as havia dado para ela. Eles ficaram muito surpresos, abraçaram a menina e pareciam arrependidos de tê-la ofendido ao deixá-la sozinha. A união entre eles foi restabelecida. Diante dessa visão me veio também o desejo de ter tais flores para me restaurar, quando de repente Dorotea me apareceu, como uma virgem, me fez uma exortação à comunhão e me disse: "Por que você tem tanto desejo daquelas flores quando "Você recebe a flor de todas as flores com tanta frequência?" Ela me explicou a imagem simbólica das três meninas, que remetia à queda e conversão das duas mais velhas. Então vi uma imagem do seu martírio. Ela estava com as duas mais velhas na prisão e surgiu um desentendimento entre elas. As outras duas não queriam morrer por Jesus e foram libertadas. Vi Dorotea perante o juiz, que a conduziu diante das duas já caídas, na esperança de que Dorotea seguisse o exemplo de suas irmãs e suas exortações. Mas Dorotea, por outro lado, conseguiu reconduzi-las à fé. Ela foi então amarrada com os membros espalhados em uma coluna, destruída com pregos, queimada com machados e finalmente decapitada. Depois disso, vi um jovem, que havia zombado dela no caminho para o martírio e a quem ela havia respondido brevemente, de repente se converter e se tornar cristão. Viu um jovem luminoso carregando rosas e flores, entrar em si mesmo, confessar a sua fé cristã e sofrer o martírio: foi decapitado. Junto com Dorotea, muitos cristãos foram martirizados, queimados e desmembrados por animais, aos quais estavam amarrados.

() O que foi dito sobre esta Santa está de acordo com a história. O santo Bispo Aldhem narra a mesma coisa (709) em seu livro Elogio à Virgindade. A devoção a esta santa é muito difundida no Oriente.*

Santa Apolônia (*)

Levei comigo a relíquia dela e vi a cidade onde ela foi martirizada (Alexandria). Está situada num promontório, não muito longe das muitas fozes por onde o Nilo desaguava no mar. Era uma cidade grande e bela, onde a casa de Apolônia, rodeada de pátios e jardins, se erguia numa praça alta. Na época do martírio já era viúva, avançada em idade, mas de bela aparência. Seus pais eram pagãos; Mas ela já era cristã desde a infância, devido a uma serva sua que era secretamente cristã. Quando ela cresceu, ela foi dada em casamento pelos pais a um marido pagão e morou com ele na casa de seus pais. Ela sofreu muito e a vida de casada foi um teste severo para ela. Eu a vi deitada no chão, chorando, rezando e cobrindo a cabeça com cinzas. Seu marido era bastante magro e pálido e morreu muito antes dela. Mais tarde, ela viveu trinta anos viúva, sem filhos. Mostrou muita misericórdia para com os pobres, que eram secretamente cristãos e era o conforto e a esperança de todos os necessitados. Sua ama havia sofrido o martírio muito antes dela. Isto ocorreu por ocasião de um motim, durante o qual as casas dos cristãos foram saqueadas e queimadas, e muitos foram mortos.

Mais tarde vi como Apolônia, por ordem do juiz, foi tirada de sua casa, levada ao pretório e colocada na prisão. Mais tarde, vi-a perante o juiz, horivelmente

maltratada por causa das suas palavras eloquentes sobre o cristianismo. Foi uma visão comovente de se ver, enquanto pude testemunhar outros martírios de forma bastante pacífica. Talvez tenha sido a sua idade e a sua presença nobre que tanto me comoveu. Eles a chicotearam com varas, feriram seu rosto e cabeça com pedras. Seu nariz estava esmagado e deformado; o sangue escorria torrentes de sua cabeça; suas bochechas e queixo foram dilacerados e seus dentes foram arrancados da boca. Ele vestia aquela túnica branca aberta dos lados, que muitas vezes vi usada pelos cristãos; Por baixo ele usava uma túnica de lã vermelha. Ela estava sentada em uma pedra sem apoio e suas mãos estavam amarradas atrás das costas naquela pedra e seus pés estavam amarrados. Seu véu foi rasgado e removido e seus longos cabelos estavam soltos sobre os ombros. Seu rosto estava alterado, deformado pelos golpes e coberto de sangue. Um carrasco segurou-a por trás, torcendo-lhe a cabeça, enquanto outro forçou a abrir-lhe a boca já dissolvida com uma espécie de armadilha de chumbo. Então o carrasco destruiu seus dentes um por um com um alicate e com os dentes arrancou pedaços de suas bochechas. Durante o martírio vi Apolônia sofrer até desmaiar, enquanto os anjos e outras almas martirizadas, e também a aparição de Jesus, a fortificaram e consolaram. Com suas orações e sofrimentos obteve a graça de ser ajudadora de todos aqueles que sofrem de dores dentárias e faciais.

Como, por outro lado, ela não parava de louvar a Jesus Cristo, desprezando as oferendas aos deuses pagãos, o juiz ordenou que ela fosse levada à fogueira e que, se não mudasse seus sentimentos, seria lançada nela. Ela não conseguia mais andar sozinha, pois estava meio morta. Dois carrascos arrastaram-na, segurando-a debaixo dos braços, e levaram-na para um lugar alto e plano, onde ardia uma grande fogueira numa cova. Quando ele estava na frente parecia que estava pedindo algo com oração. Ele não conseguia mais manter a cabeça erguida. Os pagãos acreditaram que ela queria renunciar a Cristo ou que, pelo menos, vacilava nas suas convicções e abandonaram-na por um momento. Ela caiu no chão e parecia que ia morrer. Em vez disso, ele orou; Ele levantou-se de repente e deitou-se no meio das chamas.

Vi, durante o seu martírio, muitos pobres lamentarem, torcendo as mãos e gritando, por terem perdido Aquele que durante tanto tempo lhes deu caridade. Sozinha, ela não poderia ter pulado nas chamas. De Deus veio sua força e motivação. Vi que não foi consumido no fogo, mas apenas queimada. Os pagãos deixaram aquele lugar quando a viram morta, e os cristãos se aproximaram e secretamente levaram o corpo e o enterraram no subsolo.

() No Martirológio Romano e na Legenda Aurea ela aparece virgem (cap. 66), embora já muito velho. A médium a vê como viúva e explica que já o era há muito tempo: por isso era geralmente considerada solteira. O tormento de arrancar os dentes é descrito detalhadamente pelo médium. Numa xilogravura de 1450 a santa tem uma pinça nas mãos, e numa outra de 1488 aparece amarrada a uma coluna enquanto o carrasco lhe arranca violentamente os dentes.*

Santa Eulália

Entre as relíquias apresentadas a Ana Catalina, havia dois dentes que teriam pertencido a Santa Eulália. Quando ela olhou para eles, ela disse: apenas um destes dentes pertence a Santa Eulália, virgem e mártir de Barcelona. O outro dente é de um padre que recebeu a ordenação na velhice. Eu o vi viajar muito de um lugar para outro, protegendo viúvas e órfãos. O dente de Santa Eulália foi arrancado cerca de um ano antes de seu martírio. Eu vi o episódio como aconteceu. Por causa de uma intensa dor de dente que sofria, Eulália mandou extrair esse dente na casa de uma

jovem amiga; porque a mãe, por muita sensibilidade, não queria que ela fizesse na própria casa. O velho que extraiu aquele dente era cristão. Ela estava sentada em um assento no chão, de costas para o dentista. Ela levantou a cabeça para trás e o homem extraiu rapidamente o dente com um instrumento que tinha uma pequena cavidade na frente, suficiente para conter um dente, presa a uma haste e cabo um tanto curvado. Após retirá-lo, mostrou o dente para as duas jovens, que sorriram. A amiga de Eulália implorou-lhe que lhe entregasse o dente extraído e ela consentiu. Eulália era amada e apreciada por todos os seus amigos.

Após o seu martírio, aquele dente adquiriu um valor muito maior e tornou-se um objeto sagrado para o seu dono. Depois da sua morte, vi-o na posse de duas mulheres diferentes e mais tarde, em tempos muito posteriores, suspenso diante da imagem de Apolónia, encerrada numa caixa de prata que tinha a forma de um pequeno turíbulo. Nesta imagem, Santa Apolónia não foi pintada como uma pessoa idosa, mas como uma pessoa jovem, com uma pinça na mão e um boné pontudo na cabeça. Vi mais tarde, quando foram roubados os objetos de prata daquela igreja, que aquele dente passou para a posse de uma freira, longe do país de Eulália. Um fragmento da raiz do dente foi removido e este também foi preservado como relíquia; Não me lembro mais do local do incidente. Vi o dente brilhar, mas não com o brilho típico dos ossos dos mártires. Vi-o brilhar pelo desejo ardente que Eulália teve desde então de sofrer e morrer por Cristo e pela sua inocência e por aquilo que já havia sofrido pacientemente por amor de Jesus.

Não vi aqueles ossos e partes do corpo que os santos perderam antes do martírio brilhando com as cores da glória, como membros que sofreram devidamente o martírio. O brilho deste dente carecia do brilho típico do martírio do resto do corpo. Os pais de Eulália eram pessoas muito atenciosas, que viviam num grande palácio, em torno do qual havia oliveiras e muitas outras árvores carregadas de frutos amarelos. Os pais eram cristãos; mas eles não eram muito zelosos, nem havia nada de notável no cristianismo que pudesse ser visto neles. Eulália se dava bem com uma cristã idosa e fervorosa. Esta velha vivia num edifício anexo ao palácio e trabalhava em grandes bordados. Vi Eulália junto com a velha costurando e preparando enfeites de igreja. Elas costuravam com grandes agulhas redondas e prendiam figuras em relevo de panos. Elas faziam isso secretamente, à noite. Elas tinham uma lanterna por perto e na frente da chama havia algo transparente, como vidro, através do qual dava para ver com muita clareza. Vi Eulália rezar sozinha diante de uma simples cruz no seu quarto. Ela mesma fez aquela cruz com uma madeira de sempreviva. Ele tinha um desejo tão ardente de confessar Jesus publicamente que a coroa do martírio lhe era frequentemente mostrada em visão. Eu a vi caminhar com outras virgens e expressar-lhes aquele desejo, que ela não ousava expressar na casa de seu pai.

(*) O Dicionário Eclesiástico diz: "Na Espanha são celebrados dois mártires com este nome: Eulália de Barcelona e Eulália de Mérida".

Os santos mártires Pascual e Cipriano

Quando tomei em minhas mãos minha igreja (a caixinha de suas relíquias), para ordená-las e venerá-las, reconheci um fragmento do osso do braço do santo mártir Pascual. Vi que desde a infância ele era aleijado, embora por outro lado fosse bem formado. Seu pai havia perdido a vida numa perseguição aos cristãos e mais tarde eu o vi com uma irmã dele e um irmão muito mais velho, cujo filho era um padre chamado Cipriano. Vi este último celebrar missa no subterrâneo. Ele viviam no meio de edifícios em ruínas e às vezes em cavernas subterrâneas.

Cipriano demonstrou muito carinho pelo aleijado Pascual, que não conseguia usar nenhum membro. Ele tinha dezesseis anos quando pediu para ser levado ao túmulo de um mártir. Estavam presentes cerca de vinte pessoas, entre elas Cipriano; e conduziram Pascual numa espécie de traineira para um lugar de mártires. Ele estava tão aleijado que seus joelhos quase tocavam o queixo. Chegaram com grande discrição ao local próximo das prisões onde fora martirizado e sepultado um santo mártir, cujo nome já não me lembro. Eles pararam e oraram; Pascual estava presente numa liteira que podia ser levantada ou baixada à vontade.

Vi que ele e os outros estavam orando com grande devoção e que de repente ele se levantou e jogou fora as muletas. Ele tinha ali a mais firme confiança de que Deus lhe daria saúde. Vi que todos, cheios de alegria, deram graças a Deus e abraçaram o homem recém-curado, que com eles voltou para casa contente e feliz.

Vi uma série de imagens da sua caridade e piedade, e de como ajudou o filho do seu irmão, isto é, Cipriano, a cuidar dos doentes e dos pobres. Ele carregava pessoas que não conseguiam andar nos ombros e no pescoço. Nessa época, o irmão mais velho morreu e foi enterrado secretamente. Imediatamente houve uma grande perseguição aos cristãos; Pareceu-me que sob Nero. Numerosos cristãos, homens, mulheres e crianças, foram reunidos violentamente numa grande praça da cidade. Eles foram julgados e martirizados de diversas maneiras. Vi que certas árvores que formavam um bosque foram dobradas com força; Os cristãos foram amarrados pelos braços de um lado da árvore e pelas pernas do outro: depois soltaram os galhos tortos, e os pobres cristãos foram assim destruídos e esquartejados. Vi virgens suspensas pelas pernas, de tal forma que suas cabeças quase tocavam o chão. Suas mãos estavam amarradas nas costas; e vi que certas feras ferozes, semelhantes a gatos malhados, dilaceravam e devoravam a carne que ainda pulsava de vida. Vi que durante esta perseguição a irmã de Pascual e outras pessoas fugiram para longe dali, enquanto Pascual e Cipriano visitavam os lugares do martírio para consolar os seus amigos. A princípio eles foram apenas rejeitados ali; mas depois, reconhecidos como cristãos, foram julgados e martirizados com os demais. Nesta ocasião vi muitas pedras achatadas, grossas e sólidas, entre as quais os cristãos foram colocados, esmagados e pressionados, enquanto as pernas e os braços pendiam para fora. Muitas vezes colocavam duas vítimas, uma em cima da outra, o rosto de uma contra a da outra, e assim eram pressionadas com pedras tão pesadas. Pascual e Cipriano foram assim esmagados.

A seguir vi uma imagem de uma época posterior. Vi cristãos mais livres; Eles poderiam procurar os túmulos dos mártires e venerá-los.

Vi que alguns pais levavam o filho de um ano, todo aleijado, para um campo onde estavam enterrados muitos mártires, com monumentos e pequenas capelas sobre algumas sepulturas. No final do cemitério, que chamam de Calixto, paravam num local onde só havia grama, pois o menino disse que ali estavam enterrados dois santos que o ajudariam. Na verdade, eu o vi ficar de pé, perfeitamente saudável. Acho que ele também pronunciou os nomes desses santos. Então vi pai, mãe e filho de joelhos dando graças a Deus, correndo pela cidade e anunciando por toda parte a maravilha que havia sido realizada. Vi muitos homens virem com aquela criança: entre eles havia eclesiásticos. Eles cavaram o chão e lá encontraram dois corpos juntos.

Os braços estavam firmemente unidos e os corpos eram incorruptos, brancos e como se estivessem empalhados. A cova era quadrada e onde os braços estavam juntos, a pequena parede que os separava parecia interrompida. Ainda não foram desenterrados: mas vi que houve uma cerimônia solene, que os túmulos foram ordenados e uma inscrição colocada. Em seguida foi fechado e sobre a sepultura foi

feito um telhado sustentado por quatro ou seis colunas, e plantadas flores. Vi que a grama crescia muito: entre as plantas havia uma de folhas bem grossas, um arbusto parecido com aquele que chamamos de imortela. Sob esse teto foi feita uma capela e erguido um altar.

Foi feita uma abertura na mesa que poderia ser aberta ou fechada à vontade. Na pedra erguida havia uma inscrição. Vi que ali foi celebrada solenemente a Santa Missa e foi dada a comunhão. Aqueles que recebiam a sagrada comunhão tinham um recipiente ou copo e um pano bem transparente sob o queixo. Esses corpos sagrados foram enterrados lá. Mais tarde, o pequeno edifício foi destruído. Então vi uma foto em que me mostravam como, depois de muito tempo, muitos túmulos foram abertos ali e os ossos sagrados encontrados foram levados embora. Vi que também foram extraídos os corpos de Pascual e Cipriano; Já eram esqueletos, mas dispostos em perfeita ordem. Vi-os colocados em duas caixas quadradas, que passaram a ser propriedade dos Jesuítas de Antuérpia. Naquela ocasião assisti a festas solenes com procissões. As caixas foram decoradas e guardadas em lindos armários.

Santa Perpétua e Santa Felicidade

(27 de fevereiro de 1820) Quando ontem à noite lamentei diante do Senhor sobre minha situação aflitiva, fui justamente repreendido por ter feito isso enquanto tão grandes tesouros de relíquias me cercavam, para ver que tantos outros haviam empreendido longas viagens, e enquanto eu tive a graça de viver na companhia de tantos santos e de ver todas as suas ações e sofrimentos. Senti então a injustiça das minhas lamentações e vi uma grande multidão de santos cujas relíquias tenho comigo. Vi muitas coisas sobre a vida de Santa Perpétua, que desde criança tive visões que simbolizavam o seu martírio.

Isso me fez lembrar de um sonho da minha infância, no qual eu via que não tinha nada para comer além de água e pão negro. Achei que deveria implorar. Pensei então que aquele pão negro que recebeu como dom Santa Valburga se referia a este meu sonho. Vi os tormentos de Santa Perpétua e Santa Felicidade, e de outros que, com elas e depois delas, foram martirizados. Eu os vi dilacerados por feras ferozes ou esfaqueados.

Dizendo estas palavras, Ana Catalina pegou nas mãos uma daquelas relíquias, apertou-a contra o coração e beijou-a, dizendo: Aqui está Perpétua, que está ao meu lado.

Então ele pegou um fragmento de osso e disse: Isto é uma coisa muito preciosa. É o osso de um menino que sofreu bravamente o martírio junto com seu pai, sua mãe e duas irmãs. Ele estava na prisão ao mesmo tempo que Perpétua. Fui queimado vivo. Seu osso brilha muito: é um brilho muito maravilhoso, com um nimbo da mais agradável cor azul com raios de luz dourada e a pessoa e a aparência deste menino mártir estão rodeadas por esta mesma luz. Esta luz recria de tal forma que não consigo expressá-la. A princípio acreditava que Perpétua e Felicidade tinham sido martirizadas em Roma, porque tinha visto que foram mortas num edifício semelhante aos que vejo em Roma; mas agora sei que o lugar do seu martírio foi muito longe de Roma. O menino morreu queimado em uma fogueira. Havia pequenas elevações naquele local cercadas por um muro. Nos alçados existiam alguns postes, onde eram mantidos os mártires. Os algozes organizaram o fogo circularmente em torno dessas elevações.

(2 de março de 1820) Vi muitas imagens relativas à prisão e ao martírio de Santa Perpétua. Por ocasião da sua festa espero ver tudo com mais clareza. Vi os santos

trancafiados numa prisão redonda e subterrânea. Eles foram separados um do outro por barras de ferro, para que pudessem conversar e apertar as mãos. Tudo estava escuro e sombrio na prisão.

Contudo, via a luz brilhar em torno dos mártires. Um prédio antigo ficava acima da própria prisão. Cada um estava sozinho naquele tipo de jaula. A porta de entrada lembrava a de uma cantina, um pouco elevada acima do nível. Havia quatro aberturas com grades no telhado. Além de Perpétua e Felicidade, vi quatro homens lá dentro.

Perpétua teve seu filho, a quem amamentou. Felicidade estava na prisão imediata e estava grávida. Perpétua era alta e de constituição forte. Felicidade era bem menor e mais delicada. Perpétua falava a todos com indiferença, de forma breve e concisa; Parecia que ele estava dirigindo tudo naquela prisão. Mais adiante havia outros prisioneiros. Aquele magnânimo menino mártir estava com o pai, numa parte, e a mãe com as duas filhas, na outra, separados por um muro; mas eu os vi através da parede. Também vi que os amigos dos prisioneiros se entretinham com eles. Em frente ao portão de Perpétua havia um velho muito angustiado, que arrancava os cabelos e lamentava em voz alta. Ele não era cristão; Acho que ele era o pai de Perpétua. O chefe da guarda era um bom oficial que trazia pão e outros alimentos para Perpétua que ela dividia entre os demais presos. Perpétua havia escondido um volume ou rótulo com ela.

Todos usavam roupas de prisioneiros, compridas, um tanto estreitas: as mulheres vestiam lã branca e grosseira; homens de cores mais escuras. A prisão masculina ficava mais perto da porta. A prisão feminina, no centro, disposta em círculo. Vi uma criança que morreu na mesma prisão. Seus parentes obtiveram o corpo e o enterraram. Uma tarde, Perpétua conversou com um homem; e durante a noite vi uma imagem maravilhosa ao lado de Perpétua, que dormia no chão, apoiada no braço. Todo o espaço estava iluminado e à luz do brilho vi todos os prisioneiros e seus vários aspectos; alguns dormiram e outros oraram. Neste esplendor havia uma escada maravilhosa que chegava ao céu; Ao pé dela havia dois dragões, um à direita e outro à esquerda, com as cabeças voltadas para fora. Essa escada alcançava o céu e terminava num jardim. A balança parecia ter sido feita em dois suportes muito finos para aquela altura, então fiquei surpreso ao ver que ela aguentava. De ambos os suportes saíam, à direita e à esquerda, muitos degraus com pontas afiadas, ganchos e outros instrumentos, talvez usados para o martírio. Eles estavam dispostos de tal forma que se um pequeno passo aparecesse à esquerda, uma série de ganchos ou pontos correspondessem à direita e vice-versa. Parecia impossível que alguém pudesse tentar escalar até lá.

Porém, vi uma figura subindo e, quando estava bem alto, virou-se para o outro lado, como se quisesse ajudar os outros a subir. Então vi a imagem de Perpétua, que ali dormia, esmagando a cabeça de um dos dragões. Então eu a vi subir com outras pessoas. Quando chegaram ao topo, vi-os num jardim muito bonito, onde eram consolados por inúmeras figuras. Então vi Perpétua dormindo, e ao seu lado a imagem de um irmãozinho, já morto (*). Vi ao lado dela um espaço comprido e escuro e uma criança que parecia estar num estado miserável e com sede ardente, perto de uma grande fonte de água; mas com a borda tão alta que a criança não conseguia alcançá-la. Quando Perpétua teve a visão da escada, vi, na luz que iluminava a prisão, que Felicidade ainda não havia dado à luz. Todos ficaram prostrados com o rosto no chão e oraram. A seguir vi uma criança pequena nos braços de Felicidade. Vi que uma mulher, chorando de muito constrangimento, tirou-lhe aquele filho, e que ela alegremente o deu a ela. Mais tarde vi como os mártires foram levados ao martírio. Saíram da prisão um por um, diante de duas fileiras de

soldados que os maltratavam brutalmente. O lugar do martírio eram muitos espaços interligados. Não era como o anfiteatro dos mártires de Roma. Duas vezes no caminho vi algumas pessoas mostrando o filho para Perpétua. Aproximaram-se primeiro de uma porta onde todo o grupo de prisioneiros teve que parar. Ali houve uma disputa com os prisioneiros sobre algo que eles, através de Perpétua, se recusaram a fazer. Aquela gente boa que tinha seu filho pequeno se viu novamente, chegando a uma encruzilhada. Todos os que estavam na prisão saíram para assistir ao martírio. Nesta ocasião apenas Perpétua, Felicidade e três homens sofreram. Não me é possível expressar a magnanimidade demonstrada por estes mártires. As duas mulheres pareciam beatificadas no esplendor celestial e os homens exortavam a multidão. Caminhavam lentamente entre duas fileiras de carrascos, que os açoitavam cruelmente. Então vi dois homens trazerem diante deles uma fera feroz, semelhante a um enorme gato malhado, que se atirou sobre eles, sem lhes causar muito dano. Então um urso os arrastou de um lado para outro. Já vi um javali feroz ser lançado contra um mártir; mas o javali voltou-se contra quem o esfaqueava e tiveram que carregar o carrasco sangrando.

(3 de março de 1820) Perpétua e Felicidade vieram até mim e me deram de beber. Eu vi uma pintura relacionada à sua juventude. Eu as vi brincando na companhia de outras dez meninas num jardim redondo, cercado por um muro. No interior havia árvores da altura de um homem, com troncos finos, cujos galhos no topo estavam entrelaçados entre si. No meio do jardim, funcionava como local de lazer um pequeno edifício redondo, que tinha um terraço no topo. Ali havia uma estátua de mármore branco, com uma mão levantada e a outra abaixada, segurando um objeto com ambas. No topo do prédio havia uma grade ao redor. Junto àquele local de lazer existia uma fonte de água, guardada por uma cerca de ferro bastante alta, com espigões, para que as crianças não pudessem subir; mas podiam, por meio de um dispositivo engenhoso, fazer a água correr para um copo de pedra escavado fora da cerca, e gostavam de se divertir com a água. As crianças também brincaram com alguns bonecos móveis e com pequenos animais esculpidos. Muitas vezes vi as duas santas, separadas dos outros, abraçarem-se com afeto mútuo.

Elas sempre se amaram desde crianças e prometeram nunca se separar; Muitas vezes em suas brincadeiras brincavam que eram cristãos e que sofreriam o martírio, sem ceder até a morte. Santa Mônica, de quem tenho uma relíquia, disse-me que aquela cidade se chamava Cartago.

(6 de março de 1820) Até as duas horas me diverti com Perpétua e Felicidade. Via constantemente fotografias da sua juventude até ao momento em que foram presas. Eles não viviam no mesmo lugar onde foram presas e martirizadas, mas sim a meia hora de caminhada, numa cidade que não era tão bem construída nem tinha edifícios unidos. Este local estava ligado à cidade por uma estrada que, passando entre duas muralhas bastante baixas, conduzia à cidade através de muitos portões em arco. A casa dos pais de Perpétua ficava numa praça aberta, era um tanto baixa, e seus pais me pareciam pessoas distintas. Na casa havia um grande pátio, cercado por muros, com um pórtico interno de colunas, embora não inteiramente parecido com a casa de Inês em Roma.

Estátuas também eram vistas na entrada. Em frente ao palácio estendia-se a praça e atrás dela o jardim redondo, um tanto separado, que tenho visto ultimamente.

Reconheci que a mãe dela, secretamente cristã, conhecia a convicção íntima da filha. Havia alguns jovens em casa. Só o pai era pagão e assim permaneceu. Vi os pais de Felicidade, que eram mais nova que Perpétua, em péssimas condições.

Eles viviam em uma cabana miserável encostada nas muralhas da própria cidade. A

mãe era uma senhora vivaz, bastante corpulenta, de rosto um tanto moreno. O pai já era velho quando Felicidade foi martirizada. Vi estes cônjuges carregando frutas em cestos, talvez para o mercado. Eu via Perpétua ir com eles. Quando criança, era muito amiga de Felicidade e seus irmãos e demais jovens tratavam-se com grande familiaridade e inocência. Eu os via juntos no jardim. Desde a infância vi Perpétua promover a fé cristã com grande entusiasmo e coragem. Por isso sempre esteve em grande perigo, do qual conseguiu escapar.

Os pais de Felicidade eram secretamente cristãos. Ela era muito esbelta e delicada, mais bela que Perpétua, que tinha traços menos delicados e mais decididos e em todos os seus modos mais ardente que Felicidade. Ambos tinham pele um tanto escura, como as pessoas daquelas regiões, e cabelos pretos. Vi Perpétua ir muitas vezes desde pequena com Felicidade: e uma vez também seus futuros maridos: eles eram muito piedosos e de caráter doce e eram secretamente cristãos. Perpétua sabia por visão que se ela se casasse, chegaria mais cedo à palma do martírio. Ele tinha visto muito de seu martírio e também da má vontade e aborrecimento de seu pai. Perpétua foi quem induziu Felicidade a se casar; Ela já havia se casado antes e ajudado a amiga em sua pobreza e necessidade. O marido de Perpétua parecia-me estar muito abaixo da sua condição. Parecia que ele o havia tomado baseado apenas em sua virtude. Quando ela saiu da casa dos pais dela, ela foi vista com maus olhos pelos outros amigos e eu a vi andando sozinha com ele e como que abandonada pelos outros. O marido de Felicidade era muito pobre, mas um bom cristão. Dirigiram-se durante a noite para um local escondido e remoto que parecia uma vasta cantina baixa, sustentada por arcos e colunas, fora das muralhas e no meio de edifícios em ruínas. Eles viviam escondidos lá dentro; Eles fechavam todas as aberturas e se iluminavam com tochas. Eram cerca de trinta pessoas que moravam nos bairros daquele local. Não vi o ofício divino ser celebrado ali, mas apenas a doutrina cristã ensinada.

(7 de março) Vi dois homens santos aproximarem-se de mim por um lado da cama e três santas pelo outro lado. Estas eram Perpétua e Felicidade e a mãe do marido de Perpétua, uma senhora idosa.

Os homens eram os maridos dessas santas. Perpétua e Felicidade me colocaram em outra cama isolada, que tinha cortinas azuis com cordões vermelhos. A sogra da Perpétua trouxe uma mesa redonda que estava no ar, ao lado da minha cama, e lá ela preparou com todo tipo de comida maravilhosa. Parece que ela fez isso em nome de Perpétua. As duas santas afastaram-se de mim para um lugar mais espaçoso, e pensei que isso poderia significar alguma dor para mim e a tristeza tomou conta de mim; Mas mesmo quando vi que a sogra também estava indo embora e as duas mártires desapareceram. Então percebi que o sangue escorria dos meus pés e mãos. De repente vi que muitas pessoas me cercavam, que em tom de surpresa disseram: "Ah, ela come!" Muito em breve toda a comoção cessou e as santas apareceram novamente, e a sogra de Perpétua me disse que eu deveria ter sofrido sérias perseguições e aborrecimentos por causa dessas efusões de sangue, mas que pela intercessão daquelas santas estes haviam sido afastados ou pelo menos mitigado. Disse-me também que aquelas três crianças que vesti para a primeira comunhão poderiam tirar de mim, com as suas orações, muitos sofrimentos e que em vez de sofrer uma nova perseguição, veio esta dolorosa doença. sobre mim e como recompensa por tudo isso estava a comida que se via na mesa: frutas, pães finíssimos colocados em pratos de ouro com inscrições azuis, e também flores. A santa mulher, que estava ao meu lado falando comigo, tinha um brilho puramente branco ao seu redor, perdendo-se numa cor cinza. Ela não havia sido presa ou martirizada com ela, mas agora estava com ela, porque, como havia acontecido com

muitos outros, durante a perseguição, ela havia morrido naqueles esconderijos da dor e do sofrimento decorrentes das privações. Deus lhe contou tudo isso como um martírio. Perpétua e Felicidade poderiam ter escapado do martírio; mas Perpétua o desejou ardentemente e quando a perseguição foi declarada, ela se mostrou abertamente cristã. Ele me contou que Perpétua havia se casado por causa de uma visão e para sair da casa do pai. Eu vi este homem: não era alto, mas forte, embora já fosse velho e raramente ficasse em casa. Quando ele estava lá, ele morava no segundo andar com a esposa.

Ele podia ver tudo o que ela fazia, já que o quarto em que ela morava era separado apenas por uma divisória de madeira entrelaçada, em cima da qual havia uma abertura geralmente fechada com fechadura.

Ele tinha pouco a ver com ela e parecia que a tratava com desconfiança porque ela era cristã. Na maioria das vezes eu via a mulher naquela sala: parecia que ela não se movia com facilidade porque era grande e por isso na maior parte do tempo ela ficava sentada ou reclinada em uma poltrona confortável. Vi que ela estava trabalhando com a ajuda de alguns gravetos em trabalhos de malha comum. As paredes da casa eram pintadas em várias cores, mas não com uma arte tão refinada como em Roma. Quando o pai estava em casa parecia inquieto, incerto e silencioso; Quando ele se afastava, a mãe parecia mais feliz e benevolente com os filhos. Além de Perpétua, vi vários jovens lá. Quando Perpétua tinha cerca de dezessete anos, eu a vi em um quarto cuidando e curando uma criança doente, de cerca de sete anos. Essa criança tinha um tumor horrível no rosto que o desfigurava e ainda por cima não sofria com paciência. Seus pais nem a visitavam e eu o vi morrer nos braços de Perpétua, que então o escondeu num pano e o enterrou. O pai e a mãe não o viam mais.

Felicidade era serva numa casa onde servia outra mulher que foi martirizada com ela. Ela costumava ir à casa dos pais e às vezes dormia lá. Muitas vezes Perpétua carregava, na escuridão da noite ou no crepúsculo, alguns objetos num pequeno cesto ou entre suas roupas, e essas boas pessoas aproveitavam o que ela trazia para distribuí-lo aos cristãos escondidos, muitos dos quais morreram de fome e necessidades de fome.

Eu vi tudo isso indo e vindo com meus próprios olhos. Perpétua não tinha um rosto muito atraente: o nariz era um tanto achatado e curto; as maçãs do rosto um tanto proeminentes e os lábios um tanto levantados, como vejo nas pessoas dessas regiões. Ela tinha longos cabelos negros, trançados e enrolados na cabeça. O vestido era à moda romana; mas não tão simples, pois tinha decorações no pescoço e nos membros e a parte superior do corpo parecia mais estreito. Perpétua era muito determinada nos seus modos e no seu andar. Vi os maridos das duas santas mulheres na casa de Perpétua despedindo-se delas para fugir: assim escaparam da perseguição. Quando se afastaram, vi Perpétua e Felicidade abraçarem-se com ternura, como se se sentissem mais livres e mais preparadas para o martírio. A casa de Perpétua era menor que a de seus pais. Tinha um único andar e o pátio era cercado por uma paliçada de madeira. De madrugada vi Perpétua e Felicidade e a sogra de Felicidade, na casa de Perpétua, surpreendidas por uma tropa de soldados, que prendiam dois jovens que estavam na porta da casa.

Perpétua e Felicidade foram alegremente ao encontro dos soldados. A sogra ficou com a criança e ninguém cuidou dela. Estes quatro cristãos, entre espancamentos e maus-tratos, foram conduzidos sem passar pelo caminho comum, entre o muro e os arcos, mas por outro aberto no campo, em direção a uma parte remota da cidade e trancados num casebre que parecia um forte de toras isolado e não uma prisão. Ali vi algum tempo depois um jovem que bateu longamente na porta até que os

soldados o deixaram entrar e o levaram diante dos presos. Também vi o pai de Perpétua aproximar-se: implorou-lhe e chorou, conjurou-a a renunciar à fé e, por fim, bateu-lhe no rosto. Ela respondeu gravemente e suportou tudo pacientemente. Depois vi como ela foi levada, atravessando uma parte da cidade e vários muros, até a prisão subterrânea onde estavam muitos outros cristãos. Ali tive novamente a visão da escada que Perpétua teve e como, depois de receber o consolo celestial, ela subiu a escada e desceu vestida, para ajudar os outros. Ao descer, rasgou a roupa, olhando para o lado, para aquelas pontas afiadas, justamente na altura dos quadris, onde mais tarde foi atacada pelo touro furioso, durante seu martírio. Vi Perpétua deitada no chão e fazendo um movimento como se quisesse arrumar a roupa. Isso aconteceu no momento em que descia da escada mística, percebeu que suas roupas estavam rasgadas. Enquanto estava na prisão, falava alegremente com os soldados e assumia a representação dos seus companheiros de prisão, conseguindo para si e para os outros mais respeito e consideração.

Eu a vi quando ela foi arrastada de um lado para o outro pelo touro e depois pisoteada. Ao cair ela ainda ajeitou os vestidos desordenados e me pareceu que por um momento ela percebeu sua posição. Quando ela foi carregada por caminhos cruzados para outro pátio, ela perguntou se logo seria martirizada. Sempre foi como uma visão e eu mal sabia o que eles estavam fazendo com isso. No meio daquela pequena praça havia vários assentos pequenos; Ela foi levada até um deles e perfurada na garganta. Foi uma coisa terrível de se ver: Perpétua não tinha acabado de morrer; O carrasco a perfurou nas laterais e depois no lado direito da garganta. O mártir teve que guiar sua mão. No chão ele ainda movia a mão: finalmente morreu com sérias dificuldades. Os outros mártires estavam amontoados ali. Os dois santos foram despojados e suas roupas roubadas; colocaram uma espécie de rede e levaram para fora. Por causa dos espancamentos e chicotadas, todo o seu corpo ficou coberto de sangue e feridas. Os restos sagrados foram secretamente roubados e enterrados por pessoas de Cartago. Vi que muitos foram convertidos pelo martírio de Perpétua e pela sua heroica paciência e que a prisão logo ficou novamente cheia.

(8 de março) Durante a noite tive ao meu lado as relíquias de Perpétua e Felicidade, mas para minha grande surpresa não vi nada que tivesse a ver com elas. Embora eu esperasse ver algo sobre essas santas, não vi nada o tempo todo. A partir dali reconheci que estas visões são coisas sérias e que não são sustentadas por vontade própria.

(*) A criança mencionada nesta visão é Dinócrates, irmão mais novo de Perpétua. Esteve no purgatório e a razão é dada por Santo Agostinho, que diz que Dinócrates foi batizado, mas foi obrigado pelo pai a adorar os deuses da família.

Santo Estêvão e São Lourenço

(3 de agosto de 1820) Entre as relíquias que possuo, conheço uma de São Lourenço. É um pedaço de osso envolto em matéria escura. Que tesouro! Santo Estêvão e São Lourenço! Aqui estão ambos presentes: primeiro Estêvão, depois Lourenço. Ele tinha uma veste branca de sacerdote judeu e um cinto largo e uma faixa nas costas. Ele era um jovem bonito, mais alto que Lourenço. Ele usava um longo hábito como o de um diácono.

Estêvão também tinha um largo cinto de padre branco, um colar nos ombros, tecido de branco e vermelho, muito brilhante, e a palma da mão na mão. Lourenço vestia um longo hábito branco-azulado dobrado, cingido por um cinto largo e uma estola no pescoço. Ele não era tão alto quanto Estêvão, mas era, como Estêvão, jovem, bonito e espirituoso. Este osso dele deve ter sido escurecido pelo fogo e está

envolto em um pequeno pano preto. As grelhas tinham a borda de uma frigideira. Eles eram mais largas na parte superior do que na parte inferior. Eles tinham um metro e oitenta e quatro barras atravessados.

Quando o santo estava nelas, uma barra foi colocada sobre ele. Ele estava com as churrasqueiras quando apareceu para mim.

Vi São Lourenço, espanhol, natural da cidade de Huesca. O nome de sua mãe era Paciência. Não lembro o nome do pai. Ambos eram cristãos muito piedosos.

Suas casas eram marcadas com uma cruz esculpida em pedra. Alguns cruzamentos eram simples e outros duplos. Vi que Lourenço tinha uma devoção extraordinária ao Santíssimo Sacramento e que desde aproximadamente os onze anos foi dotado por Deus de uma sensibilidade maravilhosa para conhecer a proximidade da Eucaristia, mesmo que o Santíssimo Sacramento fosse levado escondido. Para onde quer que fosse levado, ele o acompanhava e o adorava com grande fervor. Seus pais piedosos, que não tinham tanto zelo, acusaram os seus de serem excessivos. Vi uma comovente prova do seu amor pelo Santíssimo Sacramento.

Lourenço soube que um padre levava secretamente a comunhão a um leproso que vivia numa cabana miserável perto da muralha da cidade. Por devoção, ele seguiu secretamente o padre até a cabana e ouviu e rezou enquanto a dœnte comungava. O padre realmente deu, mas no momento de recebê-lo o paciente vomitou e com isso a forma sagrada saiu de sua boca. O padre, cujo nome não me lembro, tornou-se santo; Mas então ele estava em apuros sem saber como tirar o Sacramento daquela sujeira. O menino Lourenço viu tudo isso do seu esconderijo e, não se contendo, movido pelo amor ao Sacramento, entrou no quarto e, vencendo a repugnância natural, deitou-se sobre o vômito e levou o corpo do Senhor para dentro de seus lábios. Vi que como recompensa por esta ação heróica ele recebeu de Deus grande coragem e força invencível. Também vi, de uma forma que não consigo descrever, que ele nasceu não do sangue nem da vontade da carne, mas de Deus. Vi-o recém-nascido e compreendi que foi concebido pelos seus pais no meio da mortificação, depois de terem recebido dignamente os santos Sacramentos, com modéstia e penitência; que no momento da concepção foi consagrado a Deus e que por isso lhe foi dada esta devoção precoce e este sentimento da presença de Jesus no Santíssimo Sacramento. Fiquei muito feliz ao ver uma criança concebida ali, como sempre pensei que deveria ser o caso num casamento cristão. Depois dessa ação heróica, Lourenço logo seguiu para Roma, com o consentimento dos pais. Ali o vi, na companhia de santos sacerdotes, visitar os dœntes e os presos. Não demorou muito para que ele se tornasse querido especialmente pelo Papa Sisto, que o ordenou diácono. Vi-o ajudar o Papa na Missa e vi que o Pontífice, depois de comungar, deu-lhe a comunhão sob as duas espécies. Também o vi dar o Sacramento aos cristãos. Não havia sala de comunhão, como agora. Os diáconos se alternavam no culto da igreja; mas vi que Lourenço sempre ajudava Sixto. Quando foi preso, Lourenço correu atrás dele e chamou-o para que não o abandonasse: vi que Sisto, por inspiração divina, lhe anunciou o seu próximo martírio e ordenou-lhe que distribuísse os tesouros da Igreja entre os pobres. Eu o vi ir com muito dinheiro no peito até uma viúva chamada Ciriaca, em cuja casa se escondiam muitos cristãos e enfermos, e o vi lavar humildemente todos os pés e ajudar, impondo-lhes as mãos, a viúva que havia algum tempo sofria de violentas dores de cabeça, e curar os enfermos e paráliticos, devolver a visão aos cegos e distribuir abundantes esmolas. A viúva ajudou-o em todas estas coisas, até na conversão dos tesouros da Igreja em dinheiro. Eu o vi entrar numa caverna e depois nas catacumbas e ajudar a todos e distribuir esmolas e dar a sagrada comunhão e incutir coragem e consolação, porque havia nele uma força de alma sobrenatural e inocente e uma serenidade grave.

Vi-o ir com Ciriaca à prisão onde estava o Papa e dizer-lhe, quando estava a ser conduzido ao martírio, que já tinha distribuído os tesouros e como ministro do altar queria acompanhá-lo até ao martírio. O Papa novamente previu sua morte.

Mais tarde foi preso por soldados por ter falado sobre tesouros. Os tormentos não acabaram; Eles duraram a noite toda com uma crueldade sem precedentes. Entre dois locais de tortura havia um espaço com colunas, onde estavam todos os instrumentos do martírio. A entrada naquele local era permitida e havia muitos espectadores. Lá ele foi martirizado até ser assado na grelha. Depois de ser consolado pelo anjo, ligando as churrasqueiras, ele falou alegremente. Sozinho ele se colocou sobre elas sem se deixar amarrar. Eu sabia que, por favor divino, havia parado de sentir aquele tormento e que estava nele como num mar de rosas. Outros mártires sofreram dores mais terríveis. Suas vestes de diácono eram brancas. Tinha faixa na cintura, estola, gola redonda nos ombros e manto justo como o de Santo Estêvão. Vi que ele foi sepultado por Hipólito e pelo padre Justino e que muitos choraram em seu túmulo, sobre o qual foi rezada missa. Lourenço apareceu-me uma vez quando eu estava com dúvidas sobre se deveria comungar. Ele me perguntou sobre o estado do meu espírito e ele me disse, depois de me ouvir, que eu poderia comungar no dia seguinte.

Santo Hipólito

Vi representações de sua vida. Seus pais eram extremamente pobres. O pai morreu muito jovem. A mãe era uma mulher intratável e embora ela própria fosse pobre e de condição humilde, parecia dura e orgulhosa com os outros pobres. Vi muitos atos de Hipólito quando ainda era criança e foi-me mostrado que esses atos eram a raiz da graça futura que seria obtida ao se tornar cristão e alcançar a palma do martírio.

Foi-me mostrado que mesmo entre os pagãos muitas graças estão unidas pelas boas obras que praticam. Vi sua mãe em desacordo com outra pobre mulher, a quem ele tratou de forma injusta e com arrogância a expulsou de casa. O que Hipólito sentiu muito e tirando secretamente uma peça da sua roupa interior levou-a àquela mulher, dando-lhe a entender que a sua mãe lhe enviara em sinal de reconciliação. Ele não lhe contou em palavras: mas ela não conseguia acreditar em mais nada. Voltou novamente para a mãe de Hipólito, que a recebeu com delicadeza, pois ficou espantada que, tendo-a tratado tão duramente antes, ele agora voltasse com sinais de amizade.

Vi outras obras de caridade feitas pelo jovem Hipólito. Sendo soldado, um de seus companheiros ia ser severamente punido por ter cometido determinado delito, quando se apresentou ao capitão, acusando-se de ter sido culpado. Graças a esta acusação voluntária, o castigo que sofreu pelo outro foi mitigado. Agradecido por este favor, o companheiro uniu-se tão intimamente a ele que ambos se tornaram cristãos e receberam juntos o martírio. No qual vi internamente que as obras de amor e as boas obras que dele nascem não são negligenciadas pelo Senhor, mas antes transformam aqueles que as praticam em vasos de graças futuras. Vi que Hipólito foi encarregado da custódia de Lourenço e que se sentiu interiormente comovido quando apresentou os pobres ao imperador, dizendo que eram os tesouros da igreja. Hipólito não era mau.

Ele era pagão, da mesma forma que Paulo era judeu. Vi que se converteu na prisão e que depois do martírio de São Lourenço ele permaneceu três dias e três noites chorando e rezando com muitos outros fiéis em seu túmulo.

Sobre este túmulo Justino celebrou a missa e deu a sagrada comunhão, que nem todos puderam receber: mas mesmo naqueles que não a receberam vi uma chama

ardente de desejo. O padre aspergiu todos com água benta. A tumba ficava do outro lado de uma colina e não podia ser observada. Não demorou muito para que Hipólito fosse preso com muitos outros fiéis.

O seu martírio, que consistiu em ser arrastado pelo chão, ocorreu num lugar deserto, não muito longe do túmulo de São Lourenço. Os cavalos recusaram-se a sair do local.

Os algozes chicotearam-nos e espetaram-os na carne e queimaram-os com tições. O santo mártir foi arrastado em repetidas sacudidas. Havia lugares preparados com pedras e com buracos e espinhos para rasgar os membros. Vinte outros cristãos foram martirizados com ele, incluindo o seu companheiro. Ele usava o manto branco do batismo.

Santa Catarina de Alexandria

O nome de seu pai era Costa. Catarina era filha única. Assim como a mãe, ela tinha cabelos loiros, era muito viva e espirituosa e sempre teve que sofrer ou lutar. Ele recebeu uma serva e desde muito jovem recebeu professores para ensiná-lo. Eu a via fazendo brinquedos com casca de árvore, que dava para crianças pobres. Quando ela cresceu, ela escreveu muito em tabuletas e pergaminhos e deu os escritos para outras jovens. Mesmo assim, seu coração ansiava pelo Salvador dos homens e por Ele se dignar a movê-la também, e ela teve muitas visões e ilustrações. A partir de então concebeu um ódio mortal aos ídolos e demoliu, enterrou e quebrou em pedaços todos os ídolos que encontrou: por isso e devido a discursos extraordinários e profundos contra os ídolos teve que estar na prisão de seu pai. Ela foi instruída em todas as ciências e vi como enquanto caminhava ela desenhava na areia e nas paredes do castelo e que os seus companheiros imitavam os seus desenhos. Quando ela tinha oito anos, seu pai a levou consigo para Alexandria, onde ela conheceu o homem que seria seu marido.

Catarina recebeu sabedoria inefável no batismo. Ele falava coisas admiráveis, mas guardava segredo, como outros cristãos, sobre sua religião. Como o seu pai não conseguia mais tolerar a aversão de Catarina ao paganismo, nem as suas palavras e profecias, mandou aprisioná-la, acreditando que desta forma ela não poderia ter qualquer relação com aqueles que pensavam como ela. Por outro lado, ele a amava muito porque ela era linda e discreta. Os criados e criadas que o serviam eram frequentemente trocados, porque entre eles geralmente havia um cristão. Jesus Cristo já lhe tinha aparecido como Esposo celestial e a sua imagem nunca abandonou a sua alma; então ela nem queria ouvir falar de nenhum homem.

Seu pai queria casá-la com um jovem de Alexandria, chamado Maximino, que vinha de linhagem real e era sobrinho do governador de Alexandria, que, não tendo filhos, o nomeara herdeiro. Mas Catarina não queria saber nada sobre ele. Vi que tentaram seduzi-la: mas ela foi corajosa e rejeitou, zombeteiramente, essas tentativas. Nisto ela se comportou com tanta discrição e prudência que a maioria, considerando-a tola, abrandou-a e abandonou-a. Antes dessas tentativas, quando ele tinha doze anos, sua mãe morreu em seus braços. Vendo que ela ia morrer, Catarina disse-lhe que era cristã e instruiu-a e decidiu receber o batismo. Vi que Catarina borrifou água de uma taça dourada com um buquê na cabeça, na testa, na boca e no peito de sua mãe. O pai de Catarina a enviou para Alexandria, para a casa de um parente, na esperança de que lá ela aceitasse aquele que ele a designara como marido. Ele saiu de barco ao encontro de Catarina e ouvi-a dizer coisas admiráveis e muito profundas, cristãs e contrárias aos ídolos. A noiva certa vez cobriu a boca, meio irritada e meio brincando; mas ela sorriu e continuou falando com vivacidade e

inspiração. Desembarcaram num local onde o futuro marido a levou para uma casa, que era uma mansão de prazeres mundanos, com a intenção de fazê-la mudar de ideia; mas ela continuou no seu propósito sem sair do seu ar afável e cheio de graça e dignidade. Ele tinha apenas treze anos na época. Em Alexandria ela morava na casa do pai de seu pretendente, num grande palácio com muitos apartamentos. O jovem também morava lá, mas separado, louco de amor e possuído de inquietação. Mas ela sempre falava do outro Marido, então foi feita uma tentativa de seduzi-la e forçá-la a mudar de ideia e sábios foram enviados até ela para separá-la da fé; mas ela confundiu todos eles.

Naquela época estava em Alexandria o patriarca Theonas, que com sua grande mansidão havia garantido que os pagãos não perseguissem os cristãos. Estes viviam muito oprimidos e deviam proceder com a maior cautela e evitar falar contra os ídolos. Daí surgiu uma tolerância muito perigosa para com os pagãos e a tibieza entre os cristãos, razão pela qual Deus providenciou para que Catarina, com a sua luz interior e zelo inflamado, reavivasse muitos. Vi Catarina na casa de Theonas. Ele deu-lhe o Sacramento para levar para casa. Ela o carregava em um recipiente dourado no peito. O Sangue santíssimo não o recebeu. Vi então muitos fiéis que pareciam solitários, presos e severamente atormentados nas obras, na remoção de pedras e no seu transporte. Usavam hábitos acinzentados, tricotados com malha, da espessura de um dedo, e na cabeça uma faixa que caía sobre as costas. Vi que a comunhão era dada secretamente a estes.

Catarina foi obrigada pelos seus familiares a ir ao templo dos ídolos: mas não só não foi possível reduzi-la a oferecer-lhes sacrifícios, mas quando a solenidade foi maior, Catarina, tomada de santo entusiasmo, aproximou-se dos sacerdotes e derrubou o altar dos perfumes e derrubou os vasos, clamando contra as abominações da idolatria. Então surgiu um grande tumulto; Apreenderam-na, consideraram-na uma louca furiosa e levaram-na ao peristilo do templo para interrogá-la. Ela continuou a gritar com maior violência. Ela foi levada para a prisão e no caminho chamou todos os confessores de Cristo, convidando-os a se juntarem a ela no derramamento de seu sangue por Aquele que nos redimiu com o Seu. Ela foi presa, açoitada por escorpiões e jogada em feras ferozes. Achei que não era legal causar o martírio de forma tão intencional; mas haviam exceções e haviam instrumentos escolhidos por Deus. Catarina foi instada e violada a sacrificar-se aos ídolos e a aceitar aquele casamento que tanto odiava. Anteriormente, após a morte da mãe, o pai a levava muitas vezes às festas escandalosas de Vênus: mas ela sempre estivera lá de olhos fechados.

Em Alexandria o zelo dos cristãos estava adormecido. era muito lisonjeiro para os pagãos que Teonas consolasse os escravos cristãos maltratados por seus senhores cruéis e os exortasse a servi-los fielmente, com o que os pagãos se mostravam tão afeiçoados a ele que muitos cristãos fracos tiraram disso a consequência de que não seria uma má coisa. Por isso Deus suscitou aquela donzela forte, corajosa e inspirada, para que com as suas palavras, com o seu exemplo e com o seu glorioso martírio convertesse muitos que de outra forma não teriam sido salvos. Ela teve tão pouco cuidado em esconder sua fé que percorria as praças públicas em busca de escravos e trabalhadores cristãos para consolá-los e exortá-los a permanecerem firmes na fé. Ele sabia que muitos se tornariam mornos e apostatariam por causa dessa tolerância. Ele tinha visto tais apóstatas participarem do sacrifício no templo, pelo que sentiu intensa dor e santa indignação. As feras, às quais ela foi lançada após ser chicoteada, lamberam suas feridas e ela se viu repentinamente curada na prisão. O noivo dela queria praticar violência ali, mas teve que sair confuso e atordoado. Seu pai veio e tirou-a da prisão, levando-a de volta para a casa do

jovem, onde todos os meios imagináveis foram usados para induzi-la à apostasia. As donzelas pagãs que lhe foram enviadas para convencê-la, ela ganhou para Cristo; Os filósofos que disputaram com ela desistiram. O pai perdeu a paciência e atribuiu tudo isso a um feitiço, então mandou açoitar e prender a filha novamente.

A esposa do tirano, que tinha ido visitá-la, converteu-se e o oficial com ela. Quando ela chegou à prisão, um anjo apareceu com uma coroa suspensa sobre a cabeça de Catarina e outro com uma palma na frente dela. Não sei se a esposa do tirano os viu.

Quando Catarina foi levada ao circo, ela foi colocada em um local elevado entre duas rodas largas equipadas com pontas e dentes de ferro afiados. Quando as rodas começaram a girar, um raio atingiu e quebrou o maquinário, jogando as peças em diferentes direções e ferindo e matando cerca de trinta pagãos. Seguiu-se uma grande tempestade de vento e granizo, mas ela estava sentada muito calmamente entre os restos das rodas, com os braços estendidos. Ela foi novamente levada para a prisão e oprimida por muitos dias. Vários homens tentaram agarrá-la: mas ela os rejeitou com a mão e eles permaneceram como estátuas sem movimento. Outros chegaram e simplesmente mostrando-lhes com a mão aqueles que estavam petrificados, ela os rejeitou. Tudo foi atribuído à arte mágica e Catarina foi levada de volta ao local das execuções. Ela se ajoelhou no cepo, com a cabeça virada para o lado, e foi decapitada. Uma quantidade extraordinária de sangue jorrou da ferida: a cabeça se separou completamente do corpo. Jogaram o corpo num forno em chamas: mas as chamas voltaram-se contra os algozes, enquanto uma nuvem de fumaça cobria seu corpo.

Eles o tiraram de lá e o jogaram em feras famintas para despedaçá-la; mas eles não a tocaram. No dia seguinte, os algozes levaram o corpo para uma caverna cheia de imundície, entre capim sabugueiro. À noite vi naquele lugar dois anjos com vestes sacerdotais que cobriram o corpo com casca de árvore e o levaram embora.

Catarina foi martirizada no ano de 299, aos dezesseis anos. Entre as muitas donzelas que a acompanharam, chorando, até o local da tortura, algumas foram posteriormente infiéis; mas a esposa do tirano e o oficial sofreram bravamente e morreram por Cristo. Os anjos levaram o corpo desta santa virgem até um cume inacessível do Monte Sinai. Vi a superfície daquele cume, que não seria grande o suficiente para acomodar mais do que uma pequena casa. Esta casa foi construída com tijolos vermelhos estampados com plantas e flores. Colocaram o corpo e a cabeça voltados para a pedra, que parecia macia como cera, pois aquele corpo sagrado estava impresso em seu interior como uma forma. As mãos estavam claramente impressas naquela pedra. Os anjos colocaram uma tampa brilhante no topo da pedra, ligeiramente elevada acima do nível do solo. O corpo permaneceu ali por muitos séculos completamente escondido, até que foi mostrado em visão por Deus a um eremita no Monte Horebe. Lá eles viviam sozinhos sob a obediência de um abade. O eremita contou repetidamente sua visão ao abade e soube que outro dos solitários tivera a mesma visão. O abade ordenou-lhes, por santa obediência, que fossem em busca do sagrado corpo; Naturalmente isso não foi possível, pois o local era inacessível, praeeminente, sobre um abismo de rochas. Vi-os viajar por aquela região, numa única noite, o que naturalmente exigiria muitos dias de viagem; Eles estavam em um estado sobrenatural. Embora tudo fosse escuro e tenebroso, havia luz ao redor deles. Vi que cada um deles foi transportado até aquele cume inacessível nos braços de um anjo e vi os anjos também abrirem o túmulo. Um dos eremitas carregou a cabeça; o outro o resto do corpo, que havia sido dissecado e tornado leve e pequeno, e assim sustentados pelos anjos desceram daquela altura. Vi ao pé do Monte Sinai a capela onde repousava o corpo santo. Esta capela era

sustentada por doze colunas. Os monges que lá viviam pareciam-me gregos. Elas usavam uma vestido de tecido comum que eles mesmos confeccionam. Vi os ossos de Santa Catarina repousando num pequeno sarcófago. Não havia nada ali além de uma caveira muito branca e um braço direito; Eu não vi mais nada. Tudo naquele mosteiro estava em decadência. Vi junto à sacristia uma pequena gruta escavada na rocha: as suas paredes continham relíquias sagradas.

Estavam envoltos em lã e seda, bem conservados. Entre estas relíquias encontravam-se alguns dos profetas que outrora viveram nesta montanha e que os essênios veneravam quando viviam nas suas cavernas; Vi relíquias de Jacó, José e sua família, coisas que os israelitas trouxeram do Egito. Essas relíquias sagradas pareciam coisas desconhecidas para a maioria: eram honradas apenas por alguns monges piedosos. Toda a igreja do mosteiro foi construída na montanha, na parte voltada para a Arábia: mas era feita de forma que se podia contorná-la em direção à parte de trás da montanha.

Visões dos Santos

Santa Clara

Ela rezou diante do Santíssimo Sacramento com a maior devoção para conseguir que seu nascimento fosse abençoado, e teve um aviso interno de que daria à luz uma filha que seria mais leve que o sol. Por isso a menina se chamava Clara. Fiquei sabendo que a mãe havia feito uma peregrinação a Jerusalém, Roma e outros lugares sagrados. Seus pais eram pessoas distintas, muito piedosas. Clara sentiu-se atraída desde cedo por tudo o que era sagrado e puro. Se a levassem à igreja ela imediatamente estendia as mãozinhas em direção ao Santíssimo Sacramento. Todas as outras coisas que lhe foram apresentadas, mesmo que muito bem pintadas e atraentes, e mesmo as imagens da igreja, não lhe atraíram a atenção.

A mãe ensinou a menina a rezar, que a partir de então praticou a mortificação. A devoção do Rosário já devia estar em uso, porque os pais de Clara, com todos da família, recitavam um certo número de Pai-Nossos e Ave-Marias à tarde. Vi que Clara procurava certas pedras lisas de tamanhos diferentes e as carregava num bolso duplo de couro, e então, rezando, as colocava à direita e à esquerda. Outras vezes vi que ela organizava aquelas pedrinhas em linhas e círculos, e depois de ter disposto um certo número ficava refletindo e contemplando em silêncio. Se ela visse que havia orado sem muita atenção, impunha-se uma penitência. Ele entrelaçava habilmente pequenas cruzeiras com canudos. Ela tinha apenas cerca de seis anos quando a vi no quintal de sua casa, onde haviam matado alguns porcos, recolhendo as cerdas, cortando-as e carregando-as escondidas debaixo da roupa, no pescoço e na nuca, para fazer penitência. Mais tarde, sua piedade tornou-se mais conhecida.

São Francisco recebeu um aviso interno para visitar os pais de Clara. Eu vi essa visita e como chamaram Clara. Francisco conversou com ela, que ficou completamente comovido com as palavras da santa. Vi que um jovem se apresentou aos pais para pedi-la em casamento e que os pais não ficaram alheios a esta intenção, apesar de não terem falado com Clara. Ela foi avisada internamente das intenções dos pais e correu para seu quarto onde, diante de um pequeno altar, fez voto de virgindade.

Seus pais então a apresentaram diante daquele jovem e ela declarou solenemente o voto que havia feito. Seus pais ficaram surpresos e não a forçaram a se casar. Depois vi-a realizar todo tipo de boas obras, especialmente com os pobres, aos

quais levava secretamente, sempre que podia, alimentos preparados para si mesma. Vi-a visitar Francisco no mosteiro da Porciúncula, sempre mais decidida no seu propósito de consagrar-se a Deus. Na festa do Domingo de Ramos ela foi à igreja enfeitada com seu melhor traje. O Bispo distribuiu ramos de palmeira aos que se aproximavam do altar. Clara estava retirada na parte interior da igreja. O bispo viu que um raio de luz pousava sobre ela e foi até lá para lhe entregar aqueles galhos. Esse raio de luz se espalhou por várias pessoas que estavam na igreja. Durante a noite eu a vi sair da casa dos pais e ir até a igreja da Porciúncula, onde Francisco e seus irmãos a receberam com velas acesas cantando o Veni Creator. Eu a vi adquirir o hábito de penitência ali e cortar o cabelo. Então São Francisco a levou para o convento localizado na cidade. Antes desta época ela usava um cinto feito de crina de cavalo com treze nós e depois outro com cerdas de porco viradas para dentro. Vi naquele convento uma freira que a odiava muito e que não queria se reconciliar com ela.

Aquela freira definhava na cama enquanto Clara também morria. Clara implorou-lhe e instou-a a reconciliar-se, mas a freira não queria fazê-lo. Então Clara rezou com maior fervor e disse a algumas freiras que levassem a doente para o seu leito. Eles obedeceram: levaram a doente, que se recuperou repentinamente.

Com isso ela se sentiu tão comovida que implorou a santa que lhe perdoasse tudo o que havia acontecido; A santa, por sua vez, implorou-lhe que a perdoasse como se a culpa fosse dela. Na sua morte, vi a Santíssima Virgem presente com um coro de virgens santas.

Quadros da juventude de Santo Agostinho

O Peregrino confundiu, por engano, relíquias de Santo Agostinho e de São Francisco de Sales, anotando erroneamente os nomes no relicário. Ana Catalina disse o seguinte:

Vi um santo bispo e uma santa senhora ao meu lado. As relíquias de ambos devem ser encontradas aqui, pois a aparição aconteceu muito perto de mim e desapareceu aqui mesmo. Cada vez que vejo a aparição de um santo, cuja relíquia está perto de mim, a luz que sai da relíquia se afasta do meu lado e se junta a uma que vem de cima e se junta a ela e dentro desta misturando as duas luzes vejo a aparição do santo. Quando, porém, não tenho a relíquia comigo e aparece um santo, a luz e a aparição vêm ambas do alto do céu.

O Peregrino, pensando estar colocando ao seu lado a relíquia de São Francisco, ouviu a vidente dizer: Tenho em minha presença meu querido pai Agostinho, voltando do êxtase, continuou: Vi o santo vestido com suas vestes episcopais e, abaixo dele, seu nome escrito em letras angulares. Isso me surpreendeu; A princípio pensei ter visto seus ossos sagrados curiosamente escondidos em um objeto estranho, como a concha de um caracol; Eu não poderia saber o que era. De repente o objeto se transformou e ganhou um formato mais bonito: era liso como uma pedra e na cavidade interna continha a relíquia do santo. Fiquei sabendo que estava dentro de uma cápsula de madrepérola. Vi o santo quando era criança, na casa dos pais, localizada não muito longe de uma cidade de médio porte.

Era feito à moda romana, com peristilo e colunata: ao seu redor haviam edifícios com campos e jardins. Parecia uma aldeia para mim. O pai era um homem forte, de alta estatura: tinha um ar severo e pareceu-me que devia estar investido de alguma autoridade, pois o vi falar com muita seriedade com outras pessoas que lhe pareciam inferiores. Também vi outras pessoas ajoelharem-se diante dele, como se implorassem alguma graça: talvez fossem servos ou camponeses. Vi que o pai, na

presença do menino Agostinho, conversava e tratava de forma mais amigável e prolongada com sua esposa Mônica, como se tivesse uma predileção pelo menino. De resto, pouco cuidava dele.

Agostinho passava o tempo com outros dois homens e sua mãe. Mônica era baixa; ela andava um pouco curvada; Ela era idosa e de cor bastante escura; Ela era muito temente a Deus, de temperamento doce e estava em constante preocupação e cuidado com seu filho Agostinho. Eu a seguia por toda parte, pois vi que Agostinho estava inquieto e cheio de maldades mesquinhas. Eu o vi subir perigosamente e até correr na beirada do telhado liso e plano da casa de seu pai. Dos dois homens que vi em casa, um parecia um tutor e o outro um criado. Ia-se com a criança para a aldeia vizinha, para uma escola onde havia muitas crianças, e trazia-a de volta para casa. Fora das aulas, eu o via fazer todos os tipos de brincadeiras e truques infantis. Ele batia e jogava destroços nos animais e brigava com seus companheiros. Ele roubava todos os armários da casa e comia todos os doces que encontrava; Contudo, vi que havia muita coisa boa nele; Ele facilmente dava tudo o que tinha e às vezes simplesmente jogava fora. Também vi naquela casa uma mulher que era empregada doméstica ou serva.

Mais tarde foi levado para outra escola, numa cidade maior e mais distante. Eu o vi ir até lá num carro de rodas pequenas e muito largas, puxado por dois cavalos: duas pessoas o acompanhavam. Eu o vi na escola com muitas crianças. Ele dormia em um quarto grande: havia uma divisória de junco ou casca de árvore entre uma cama e outra. A escola acontecia em uma sala grande. Os alunos estavam sentados circularmente, em volta da parede, em bancos de pedra e escreviam, de joelhos, em pequenos blocos escuros. Eles também tinham volumes e lápis. A professora estava em uma plataforma com dois níveis e tinha uma pequena cadeira; Atrás dele havia um grande quadro, no qual ela às vezes desenhava figuras.

A professora chamava um ou outro para o meio da sala. Frequentemente, ficavam frente a frente, segurando nas mãos rótulos ou volumes, nos quais liam, e ao fazer isso moviam as mãos e gesticulavam como se estivessem pregando. Parecia que eles estavam discutindo; mas mais frequentemente como se estivessem pregando. Vi que Agostinho estava na escola com bom comportamento e que depois se tornou o primeiro da turma.

Quando ele saiu de lá com seus amigos, ele se entregou a todo tipo de travessura, ferindo e destruindo animais ou coisas. Já o vi, por exemplo, matar por prazer, com golpes e pedras, certas aves de pescoço comprido, que ali eram animais domésticos; então eu o via levá-los de lado e chorar de compaixão. Vi companheiros correrem e lutarem num jardim redondo, onde havia caminhos cobertos; Eles causavam muitos danos, quebravam, roubavam e xingavam. De lá, eu o vi voltar para casa e se entregar a todos os tipos de travessuras e desordens. Eu o vi sair uma noite com vários companheiros e roubar frutas. Eu o vi sacudir o manto, todo cheio de não sei que coisas roubadas. Mônica, sua mãe, o repreendeu, orou muito por ele, ficou triste e chorou por causa do filho.

Mais tarde, vi-o partir em direção àquela grande cidade onde Perpétua fora martirizada. Para chegar lá era preciso atravessar um rio largo, sobre o qual havia uma ponte. Reconheci imediatamente aquela cidade. De um lado havia rochas que desciam em direção ao mar, cobertas de muralhas e torres. Havia muitos navios e uma cidade menor ficava próxima. Havia muitos edifícios grandes, como na Roma antiga, e também uma grande igreja cristã. Vi muitos episódios das loucuras que Agostinho fazia com seus companheiros. Ele morava sozinho em uma casa e disputava com outros companheiros. Vi que ele estava visitando uma mulher; mas ele não ficou muito tempo com ela, pois estava sempre em movimento febril. Eu o vi

participar de shows públicos, o que me pareceu verdadeiramente diabólico. Eu vi um prédio muito vasto e redondo: de um lado cheio de arquibancadas: embaixo havia muitas entradas, de onde você podia subir até o topo das arquibancadas e circular por todas elas. O prédio não tinha telhado: via-se apenas um grande pano estendido, como uma tenda. Os assentos estavam cheios de espectadores; Na frente eram realizados espetáculos que me encheram de horror e abominação. No fundo, atrás daquele plano, todos os tipos de objetos e lugares estavam representados, e de repente parecia que esses objetos e lugares estavam afundando na terra. Eles erguiam uma parede falsa ou tocavam em alguma fonte secreta e algo novo aparecia novamente. Uma vez eu o vi se espalhar de repente e uma linda praça dentro de uma cidade apareceu diante dos meus olhos. Parecia que tudo estava acontecendo naquela pequena praça. De repente, homens e mulheres apareceram ali aos pares, conversando e fazendo todo tipo de loucuras. Tudo isso era horrível e abominável. Vi também que quem representava algum personagem da cena usava máscaras feias com bocas compridas e deformadas. Nos pés usavam tamancos pontiagudos em cima e largos em baixo, pintados de vermelho, amarelo e cores diversas. Vi que outra turba, abaixo do palco, conversava e cantava com os que estavam acima.

Já vi crianças de oito a doze anos tocando flautas, algumas retas e outras tortas, e outros instrumentos de corda. Vi aquelas crianças caírem de cima com as pernas abertas e a cabeça baixa: creio que eram amarradas com cordas e seguradas de alguma forma: o espetáculo causava horror. Depois vi dois homens brigando: um deles tinha dois ferimentos no rosto e sangrava: veio um médico e o curou e fez curativos nas feridas. Não consigo descrever o aborrecimento e a feiúra de tudo isso. As mulheres que ali recitavam e atuavam também eram homens, embora usassem vestidos de mulher. Vi que Agostinho se apresentou ao público, mas não em nenhuma das performances citadas. Eu o vi envolvido em todos os tipos de entretenimentos e pecados vãos; Sempre, em tudo, ele era o primeiro, e isso me pareceu por pura vaidade, pois sempre o vi triste e pensativo e inquieto, assim que se via sozinho. Aquela mulher com quem ele morava trouxe para casa uma criança, com a qual ele não se preocupava muito. Na maior parte do tempo eu o via nos quartos e nas varandas, discutindo, conversando com outras pessoas ou ouvindo as pessoas falarem, e às vezes ele pegava rótulos ou volumes e lia-os em suas discussões. Sua mãe veio vê-lo em Cartago, falou com ele com muito carinho e chorou muito por ele. Enquanto ela estava naquela cidade, ela não morava na mesma casa.

Na casa de sua mãe não vi cruz ou imagem de santos; Havia estátuas ali de acordo com o estilo pagão; mas nem ela nem o marido levavam em consideração as estátuas. A mãe sempre se retirava para um canto da casa ou para o jardim para rezar: ali ela se sentava, curvava-se, rezava e chorava. Apesar disso, não a vi isenta de todos os defeitos: enquanto lamentava os roubos do filho em matéria de gula e chorava, também comia com avidez, e fiquei sabendo que Agostinho herdou dela esse defeito. Vi, por exemplo, que quando ela ia à cantina buscar vinho para o marido, bebia algo das ânforas e comia alguns doces com prazer. Vi como ela se arrependeu e lutou contra a ganância e o vício da gula. Vi muitos costumes da Mônica, que eram os daquela época. Ela, como outras pessoas, certa vez levou cestas de pão e outros alimentos para o cemitério. Este cemitério era cercado por muros sólidos e as sepulturas cobertas por sarcófagos e construções de pedra. Ele colocou ali esses alimentos com intenção piedosa e depois os pobres os recolheram para comer. Outra vez eu a vi, quando seu filho já era adulto, viajar a pé com uma trouxa que seu servo carregava e se aproximar de um bispo, que lhe falou bastante

sobre seu filho. Ela chorou muito nesta ocasião e o bispo lhe contou algo que a consolou. Mais tarde vi Agostinho voltar de Cartago para sua casa. Seu pai já havia morrido. Eu o vi em sua pequena cidade ensinando e treinando outras pessoas, sempre cheio de dissipação e inquietação espiritual. Eu o vi com um amigo que foi batizado pouco antes de morrer. Agostinho zombou desse batismo, mas ficou muito afetado pela morte. Mais tarde, voltei a vê-lo em Cartago, em toda a selvageria da sua vida dissipada.

São Francisco de Sales e Santa Joana Francisca de Chantal

(29 de maio de 1820) Quando Ana Catarina foi questionada pelo peregrino por que as relíquias de São Francisco de Sales e de Santa Joana Francisca de Chantal estavam com outras pertencentes a mártires romanos, ela respondeu: Estas relíquias estavam há muito tempo na igreja de Uberwasser, Miinster. Eles foram retiradas dos altares e dos armários e misturadas entre si. Vi um ilustre eclesiástico que fez um bem maravilhoso num país montanhoso, situado entre a França e a Itália, e acompanhei-o em muitas das suas viagens. Eu o vi em sua juventude estudar com muito zelo e fazer uma vagabunda fugir com um tição em chamas. Vi imagens simbólicas de seu zelo.

Com uma tocha na mão, ele corria de um lado a outro das cidades e aldeias, ateando fogo a elas e as chamas se espalhavam de uma aldeia a outra. O fogo atingiu uma grande cidade que ficava às margens de um lago. Quando parou, caiu uma chuva suave e foram espalhados pelo chão objetos semelhantes a pedrinhas brilhantes e pérolas, que foram recolhidos e levados para as casas: onde essas pérolas chegavam, tudo crescia e ficava mais brilhante. Eu o vi parecer inefavelmente doce, trabalhar com grande zelo e continuar em seu trabalho. Eu o via indo a todos os lugares pessoalmente, subindo bem alto, por cima da neve. Vi-o ao lado do rei e ao lado do Papa e depois numa corte situada entre estes dois soberanos. Dia e noite ele viajava a pé por muitos lugares, ajudando e ensinando. Muitas vezes, à noite, ele se refugiava numa floresta.

Através de São Francisco conheci a ilustre senhora Joana Francisca de Chantal, que percorreu comigo todos os caminhos de Francisco e me mostrou sua vida e tudo o que havia feito. Viajei com ela e conversamos sobre muitas coisas. Ela era viúva e tinha filhos. Uma vez eu a vi entre seus filhos. Ouvi uma história sobre ela que lhe causou muita dor e vi imagens relacionadas a esse episódio. Uma senhora do mundo, de pequena estatura, de condição ilustre, de hábitos leves, mostrou-se penitente e através de Santa Joana Francisca apresentou-se ao santo bispo; mas ela sempre recaía em suas más paixões. Francisca contou-me que por sua causa se viu em graves dificuldades e prejuízos, tal a influência que aquela senhora exercia.

Depois vi que o bispo, junto com Joana Francisca de Chantal, construíram um convento. Aquela senhora mundana parecia convertida e fazia penitência num quartinho perto do convento. Joana Francisca me mostrou o estado daquela pessoa, que estava em um lugar escuro. Vi o Bispo São Francisco celebrar missa num lugar onde muitas pessoas duvidavam da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento. Durante a missa teve uma visão, na qual soube que uma mulher, ali presente, tinha ido à missa apenas para agradar ao marido; mas ela não acreditava na transubstanciação e que carregava consigo um pedaço de pão escondido no bolso. Francisco subiu ao púlpito e pregou que o Senhor poderia efetuar a transubstanciação tão facilmente quanto poderia transformar o pão que uma pessoa tinha em pedra incrédula tinha no bolso. Eu vi aquela pessoa sair da igreja e descobri que seu pão havia virado pedra.

Vi o santo bispo sempre vestido com grande asseio e decência. Eu o vi em um lugar cheio de inimigos traiçoeiros, à noite, em uma cabana onde vieram cerca de vinte pessoas, que ele treinou na fé, vi como eles armaram emboscadas para que ele lhe tirasse a vida, e eles o perseguiram em uma selva onde ele havia se refugiado.

Mais tarde estive com aquela senhora (Santa Joana Francisca) caminhando por uma grande cidade onde ela me mostrou como havia lutado contra um herege que sempre andava por caminhos perdidos, perto da verdade. Ela não o perdia de vista e o seguia sempre nas encruzilhadas e ele não queria deixar-se salvar e conduzir à verdade. Nesta cidade a santa e eu tivemos que caminhar por uma grande praça repleta de cidadãos e camponeses, que se exercitavam em corridas de tropas de assalto. Tive muito medo de ser atropelada, ainda mais quando a senhora me disse que era impossível ela continuar andando, pois estava com tanta fome que estava prestes a desmaiar. Então vi uma daquelas pessoas que comia pão e carne. Implorei que ele me desse uma mordida e ele me deu pão e frango. Depois de comê-lo, a senhora conseguiu chegar ao seu convento.

Nessas imagens, nas quais em estado de visão ele exercia um ato de caridade para com quem aparecia, tive desde criança o conhecimento interno de que se tratava de obras que os santos desejavam de nós para que beneficiassem alguma outra pessoa necessitada. São boas obras que permitem que outros façam em seu nome, aparentemente para fazer com que outras pessoas necessitadas sintam o benefício delas.

Quero dizer que, assim como rendemos a Deus o que realmente fazemos pelo nosso próximo, neste caso também rendemos ao nosso próximo o que realmente fazemos aos santos.

Entre no convento que a santa senhora fundou juntamente com o bispo e visitei todas as suas dependências. Era um edifício antigo e maravilhoso. Naquelas salas havia uma grande quantidade de provisões, todo tipo de frutas e forragens, muitas peças de roupa e bonés muito curiosos. Essas freiras deviam ter exercido muita beneficência para com os pobres. Coloquei em ordem tudo o que estava espalhado. Mas nesses trabalhos estava diante de mim uma freira maliciosa, que me censurava por todo tipo de faltas e tentava me difamar, como se eu estivesse tentando roubar. Ela me contou todos os meus defeitos: que eu era avarenta, porque sempre disse que dinheiro era lama, e mesmo assim revirei as coisas procurando cada centavo: que estava inutilmente ocupado com as coisas do mundo e que empreendi muitas tarefas e não fui capaz de completá-las, e assim por diante. Esta pequena freira sempre andava atrás de mim; Ele nunca tinha coragem de se apresentar. Eu então disse a ela que teria que ficar na minha frente se quisesse falar comigo, e descobri que ele era o tentador na forma de uma pequena freira. Hoje em dia isso tem me incomodado muito de várias maneiras. No limite extremo da parte superior do convento, no último canto, encontrei uma freira que ali fora colocada pelo fundador e que tinha na mão uma balança que continha uma mistura de lentilhas, semelhantes a pequenas sementes amarelas, entre pérolas e póeira. Ela deveria purificar tudo aquilo e levar metade da boa semente para a frente do convento para ali semear: mas vi que ela não fez assim e foi descuidada e desobediente. Chegou outra que deveria fazer no lugar dela, mas não fez melhor que a anterior. Então comecei a trabalhar sozinha e comecei a separar um do outro naquela pilha confusa. Isto significava que os grãos novos e puros tinham que ser transmitidos da colheita espiritual daquele convento para a parte anterior do mesmo convento; isto é, que o objeto e o fruto abençoado da sua fundação deviam ser renovados e tornados novamente fecundos e bons através dos méritos que derivavam da bondade e da disciplina antiga, reparando tudo o que poderia ter sido perdido por negligência dos superiores.

Mais tarde Ana Catalina teve outra visão da vida da santa, desde a infância até a morte; mas não teve tempo nem forças para se relatar ao peregrino. São Francisco aparecia-lhe frequentemente e pedia-lhe parte dos seus méritos para a restauração da ordem. Em 2 de julho de 1821, ele disse o seguinte:

Estive ontem à noite em Annecy, no convento da filha de Santa Francisca de Chantal. Eu estava muito doente e estava deitada na cama de um quarto e vi os preparativos para a festa da Visitação. Vi, como se estivesse no coro, que a solenidade era celebrada no altar. Eu estava em um estado tão deplorável que desmaiei. Depois veio rapidamente ao meu São Francisco de Sales e me deu conforto. Ele usava um ornamento solene, longo, amarelo e muito largo.

Santa Joana Francisca de Chantal também estava ao meu lado.

São Uberto

Quando peguei sua relíquia nas mãos ouvi a voz e vi o santo bispo dizendo: “É um osso meu. Eu sou Uberto. Vi muitas imagens de sua vida, desde que ele era criança em um antigo castelo”. que ficava sozinho cercado. Ele usava vestes estreitas e com seu arco percorria as florestas e campos onde haviam camponeses que aravam a terra. Ele caçava pássaros e os dava aos pobres que viviam ao redor do castelo. Muitas vezes o vi navegando secretamente. em algumas tábuas ao redor do poço com água para distribuir esmolas aos pobres. Mais tarde o vi casado, ainda jovem, participando com outros de uma grande caçada. Ele usava um capacete de couro: uma besta retorcida. na mão uma lança leve Todos os caçadores estavam acompanhados de cães pequenos, de pelagem amarelada ou alaranjada. Vi alguns grandes e selvagens ao lado de Uberto e começaram a caçada em uma planície próxima a um rio. Havia muito tempo que via Uberto perseguir, com seus cachorros, um pequeno cervo de pelagem amarelada. Quando os cães chegaram ao cervo, voltaram para os fundos, onde estava Uberto, e latiram como se quisessem lhe contar alguma coisa. O cervo parou e olhou para Uberto. Depois de isso ter acontecido diversas vezes, Uberto lançou alguns cães de seus companheiros em perseguição ao cervo; mas estes também voltaram e, latindo, ficaram ao lado de seus donos. A ansiedade de Uberto sempre crescia ao ver que o cervo, aparentemente, ficava mais corpulento; Desta forma, perseguindo-o, distanciou-se dos companheiros. O cervo correu em direção a um arbusto e pareceu ficar mais alto. Uberto pensou que o animal ficaria tão enredado com os chifres nos galhos que não conseguiria continuar a fuga. O animal entrou resolutamente nos galhos com grande agilidade, e Uberto, que geralmente superava facilmente essas dificuldades, perseguiu-o e penetrou com dificuldade naqueles galhos entrelaçados. Lá vi o cervo crescer e parar em toda a sua beleza e tamanho: parecia um cavalo corpulento e amarelado e tinha longas e lindas crinas como seda ao redor do corpo. Uberto estava à direita do animal e ergueu a lança para feri-lo. Então o cervo olhou para Uberto com um olhar cheio de doçura e uma cruz luminosa com a imagem do Salvador apareceu entre seus chifres.

Uberto caiu de joelhos e gritou com sua trompa de caça. Quando seus companheiros chegaram, encontraram-no desmaiado. Viram também a aparição: depois a cruz desapareceu e o cervo voltou a ficar pequeno, e desapareceu. Levaram Uberto para casa, doente, no mesmo carrinho preso aos dois burros. Era cristão e o seu pai, pareceu-me, era um duque, em declínio naquela época, visto que o castelo onde viviam estava muito deteriorado. Uberto já havia visto o aparecimento de um jovem num lugar deserto que o convidara a segui-lo. Ele parecia muito emocionado, mas devido à sua grande paixão pela caça havia esquecido a forte impressão do primeiro

momento. Outra vez, ele perseguiu pelos campos um cordeiro que se refugiou num arbusto. Como não conseguiu encontrá-lo, aplicou fogo nele; mas a fumaça e o fogo se voltaram contra ele, de modo que sofreu várias queimaduras e o cordeiro ficou intacto.

Uberto, como já disse, foi levado para casa gravemente doente e acreditava-se que iria morrer. Ele estava cheio de arrependimento e implorou a Deus a graça de poder servi-lo fielmente até o fim de sua vida, se ele lhe concedesse a saúde perdida. Saudável daquela doença; Pouco depois, sua esposa morreu e eu o vi vestido de monge. Foi-lhe concedido numa visão, graças a ter superado as suas paixões, que toda aquela força nociva que tinha anteriormente, se tornaria uma força sã e benigna a favor dos outros. Mais tarde, vi-o curar, com a imposição das mãos, os males da cólera, da raiva e da sede de sangue, tanto física como espiritualmente. Ele também curou os mesmos animais. Eu o vi colocar a corda na boca de cães raivosos, e eles eram curados. Vi-o preparar e abençoar pequenos pães redondos para os homens e outros mais alongados para os animais. Com eles ele curou a raiva. Sei com certeza que quem invocar o santo com fé firme sentir-se-á, na força e no mérito do dom de cura que lhe foi concedido, moralmente fortalecido contra a cólera e a raiva. Mais tarde vi-o em Roma, onde o Papa, seguindo uma visão, o consagrou Bispo.

Santa Gertrudes

Antes do nascimento da menina, a mãe teve uma visão em que lhe parecia que dava à luz uma menina, que tinha um cajado pastoral de abadessa, do qual saía e se estendia uma videira. A mãe morava em um antigo castelo. Certa vez, ele se viu em sérios apuros com o povo daquela região por causa dos numerosos ratos que destruíam as plantações e provisões armazenadas. Ela ficou cheia de horror e nojo e contou à filha Gertrudes sobre a devastação causada pelos nocivos roedores.

Gertrudes ajoelhou-se diante da mãe e rezou com todo fervor a Deus para que as libertasse daquele flagelo. Vi que todos os ratos fugiram do castelo e se afogaram no fosso cheio de água que o cercava. Gertrudes, pela força da sua fé inocente e confiante, obteve grande eficácia contra estes e outros animais nocivos. Mais tarde vi que ela tinham alguns ratos ao seu redor, além de lebres e pássaros que iam e vinham conforme ela ordenava, e ela lhes dava comida. Vi que ela era desejada em casamento por um jovem a quem ela disse que era melhor que ele escolhesse a Igreja como esposa e se tornasse eclesiástico. Este jovem fez isso depois de ver morrer outras jovens, com quem ele havia pedido em casamento. Mais tarde vi Gertrudes como freira, a sua mãe como abadessa: depois da mãe ela mesma foi eleita abadessa. No momento em que o báculo pastoral lhe foi trazido, ela emergiu do ponto onde o báculo formava a curva, uma videira, com dezenove grãos de uva, que ela dividiu, dando um à mãe e o restante às dezoito freiras do convento. Vi também um par de ratos correndo em volta das pessoas, como se prestassem homenagem à nova abadessa. O sonho da mãe se realizava naquele momento.

Beata Madalena de Hadamar

No dia 19 de janeiro de 1820, o Peregrino presenteou Ana Catalina com uma relíquia desta santa estigmatizada, e ela disse: O que devo fazer com este vestido longo? Não consigo alcançar aquela freira: ela está muito longe de mim. Eles atormentaram tanto esta pobre freira que ela não conseguiu cumprir a sua missão. Eles a fizeram morrer antes que ela pudesse fazê-lo. Vi a pequena Madalena, a quem pertenceu

este hábito, no cemitério do convento, num recanto onde existia um pequeno Rosário. Perto dali, na parede, ficavam as estações da Via Sacra e no nicho do Rosário a imagem do Salvador carregando a cruz. Em frente ao prédio havia um sabugueiro e uma espécie de cerca de nogueira.

Na pracinha que se estendia ali perto, haviam depositado grande quantidade de trabalhos inacabados: panos não costurados, bordados e coisas semelhantes.

Comecei a trabalhar alegremente: costurei e remendei, e enquanto isso recitava o Ofício. Tive que suar muito nesse trabalho e tive dores muito fortes no couro cabeludo. Cada fio de cabelo da minha cabeça doía separadamente. Eu conhecia muito bem o significado daquele trabalho e de cada um dos objetos que me rodeavam e que tive que trabalhar.

Junto ao sabugueiro, num recanto sossegado e verdadeiramente aprazível, a pequena Madalena abandonara-se demasiado ao gosto da piedade e fora negligenciada, deixando vários trabalhos aos pobres incompletos. Quando finalmente me libertei de tanto trabalho, entrei naquela cabana em frente a um armário, onde Madalena se apresentou para mim, agradecendo, com um semblante muito feliz, como se não visse ninguém há muito tempo. Abriu o armário e viu ali reunidos todos os pedaços que havia renunciado em favor dos pobres. Ele me agradeceu por ter limpado aquele lugar e terminado o trabalho. “Aqui, na vida terrena, você pode fazer, em uma hora, ela disse, o que lá, na outra vida, não pode ser compensado.” Ela me prometeu roupas para meus pobres filhos. Ela disse que havia assumido muitas tarefas, por excesso de bom coração e benevolência, de modo que mais tarde teve que descuidar e interromper diversas coisas. Ele me ensinou que a ordem e a discricção são necessárias mesmo no sofrimento: caso contrário, surgirão confusão e desordem. Ela não era alta, mas tinha um corpo muito magro. O rosto estava cheio e florido. Ele me mostrou a casa dos pais e também a porta por onde saiu para entrar no convento.

Imediatamente vi muitas imagens de sua vida no mesmo convento. Ela era muito benevolente e prestativa e trabalhava e trabalhava para o benefício dos outros de todas as maneiras que podia. Eu a vi, deitada na cama, sofrer várias doenças e se recuperar repentinamente. Vi as efusões de sangue dos seus estigmas. Em seus sofrimentos ele recebeu ajuda do céu. Quando a priora ou as outras freiras estavam de um lado da sua cama, vi imagens de anjos ou de freiras do outro, que estavam no ar e a confortavam, davam-lhe de beber ou apoiavam-na. Vi-a bem tratada pelas irmãs; mas quando o seu estado foi conhecido do público, vi-a sofrer muito com as visitas contínuas e com a falsa veneração que lhe era dispensada. Todas as coisas que aconteceram com ela foram tão exageradas que lhe causaram muita dor; Foi o que ela mesma me garantiu. Vi seu confessor tomando notas e escrevendo; mas ele falou mais de sua própria admiração do que das próprias coisas que a motivaram. Vi-a submetida a uma investigação, após a supressão do convento, levada a cabo por eclesiásticos e médicos militares. Não vi nenhum insulto feito a ela, mas eles se comportaram de maneira rude e ruim, embora estivessem longe da maldade e da falsidade daqueles que me trataram no mesmo caso. Eles a atormentavam especialmente, tentando fazê-la comer, e por isso ela sofria de vômitos frequentes. Desde criança ela se acostumou à privação e à abstinência; Seus pais eram de más condições, mas muito piedosos. Sua mãe lhe dizia, em seus primeiros anos, quando ele comia ou bebia: “Agora, prive-se deste bocado ou desta bebida em favor dos pobres ou das almas do Purgatório”. Assim lhe incutiu a abstinência e o espírito de mortificação.

Os eclesiásticos, na última investigação, deixaram tudo aos médicos e permaneceram muito frios com ela. Ela tinha coisas maravilhosas, mas era muito

conhecida. Ele morreu muito cedo; Ela estava muito angustiada internamente e todas essas tristezas sufocadas e reprimidas funcionaram de maneira a abreviar sua vida. Eu vi sua morte; não as cerimônias e circunstâncias de seu enterro e o tratamento de seu cadáver, mas vi a alma quando ela partiu, deixando o corpo inerte.

Quando mais tarde o Peregrino lhe trouxe novamente o pano com o sangue da mulher estigmatizada, Ana Catalina exclamou: Ah! Você está aqui, minha querida?... Ah, como ela era inteligente, prestativa, benevolente e gentil!

(Ela ficou em silêncio por algum tempo e acrescentou): Por que Jesus disse a Madalena: "Mulher, por que você está chorando?" Eu sei porquê: meu Marido celestial me disse. Madalena o procurara com tanta avidez e com tanto ardor inquieto, e quando o encontrou, tomou-o pelo jardineiro. Por isso ele lhe disse: "Mulher, por que você está chorando?..." Mas quando ela exclamou: "Mestre!" e O reconheceu, Ele lhe disse: "Maria". De acordo com a forma como buscamos a Deus, é assim que O encontramos. Foi assim que também vi com esta minha Madalena. Vi-a deitada num quarto escuro e muitas pessoas aproximando-se dela: aqueles que queriam examiná-la e fazer perguntas. Eles foram rudes na sua maneira de lidar; mas não tão ruim quanto aqueles que vieram me ver com o mesmo propósito. Contaram-lhe sobre uma piada, e essa linguagem lhe causou tanto desconforto e foi recebida de forma tão desagradável que ele caiu em intensa tristeza. Quando ela foi reduzida a uma maior sujeição, nada aconteceu com ela que ela temesse. Vi esta imagem quando estava perto da janela que dava para o jardim.

Ela teve esse incidente desagradável porque duvidou de encontrar seu Marido celestial, que estava ao seu lado. Madalena ainda me deve as roupas prometidas para os meus pobres.

Santa Paula

O Padre Limberg presenteou-a com um pedaço de pano retirado de um pacote de relíquias para que ele pudesse reconhecê-lo. A vidente olhou para ele com atenção e então disse:

Pertence ao véu daquela senhora que peregrinou de Roma a Jerusalém e Belém.

É do véu de Santa Paula. Aqui está a santa ao meu lado. Esse véu é longo e pende para baixo, descendo do rosto. Nas mãos ela tem uma bengala de cabo grosso.

Reconheceu também um fragmento de seda que Santa Paula usara como cortina diante da imagem da manjedoura, em sua pequena capela. A santa rezava muitas vezes com a filha atrás desta cortina, e o Menino Jesus também lhe aparecia muitas vezes neste lugar. O Peregrino perguntou: Essa cortina ficava na frente da manjedoura verdadeira ou apenas na gruta da manjedoura? Ele respondeu:

Estava diante da pequena manjedoura que as freiras de Santa Paula tinham na sua capela.

O convento ficava tão perto da gruta da manjedoura que parecia que a capela fôra construída ao lado dela e repousava exatamente no local onde Jesus nasceu. A capela era de madeira com trabalhos entrelaçados e, por dentro, tudo forrado com tapetes. Dali surgiram cerca de quatro fileiras de celas pequenas e leves, como se faziam as acomodações na Terra Santa. Cada cela tinha um pequeno jardim na frente. Ali Santa Paula e sua filha reuniram suas primeiras companheiras. Na capela havia um altar isolado com sacrário e atrás deste altar, separado apenas por uma cortina tecida de seda vermelha e branca, avistava-se o local onde ficava a manjedoura erguida por Santa Paula, dividida apenas por uma parede da gruta da Manjedoura, que foi o lugar onde Jesus Cristo nasceu. Esta manjedoura de Santa

Paula imitava exatamente a verdadeira, embora mais pequena e construída em pedra branca; Era feita com tanto detalhe que até o feno e a palha podiam ser vistos. O Menino Jesus estava exposto, vestido com estreitas faixas azuis. Muitas vezes, em oração, Santa Paula o tomava nos braços. Da parte onde a manjedoura repousava na parede descia um telhado ao qual estava amarrado um burro com a cabeça voltada para a manjedoura; Era feito de madeira, pintado e seus cabelos imitados com fios. Uma estrela estava suspensa no topo da manjedoura. Em frente à cortina, à direita e à esquerda do altar, penduravam-se lâmpadas.

Santa Escolástica e São Bento

Através de uma relíquia de Santa Escolástica vi muitas imagens da sua vida e da de São Bento. Vi a casa de seu pai numa cidade grande, não muito longe de Roma. Não era feita no estilo dos romanos. No lado voltado para a rua havia um espaço pavimentado, fechado por um muro inferior com cerca avermelhada.

Atrás dele havia um pátio com jardim e uma fonte que fornecia água. No jardim havia um lugar com sombra, onde vi Bento e Escolástica brincando inocentemente e de acordo, como sempre faziam desde crianças. O local estava coberto externamente com plantas e cipós. O telhado era plano e decorado com figuras coloridas. Acredito que essas figuras foram primeiro esculpidas e depois ali colocadas, porque tinham um relevo muito visível. Irmão e irmã se amavam muito e pareciam gêmeos para mim. Passarinhos, muito familiarizados com eles, chegaram à janela daquela casa de campo, carregando galhos e flores no bico, e olharam em volta, procurando as crianças, que se divertiam com as flores e plantas e enfiavam vários tipos de pregos. o chão. Já os vi escrever e gravar todo tipo de figuras num material colorido. De vez em quando uma ama vinha vigiá-los nas suas recreações.

Pareceu-me que seus pais eram pessoas ricas, muito ocupadas com os negócios, porque vi cerca de vinte pessoas em casa e observei que entravam e saíam. Eles não pareciam cuidar muito dos filhos. O pai era um homem forte e corpulento, vestido totalmente à moda romana. Comia com a mulher e com algumas pessoas na parte inferior da casa; as crianças moravam no andar de cima e separadamente. Bento tinha como preceptor um eclesiástico idoso com quem morava sozinho. Escolástica estava com a serva em um quarto onde ela também dormia. Observei que seus tutores não os deixavam sozinhos ou juntos por muito tempo; de modo que, quando ficavam sozinhos, ficavam muito contentes e felizes. Vi que Escolástica aprendeu um tipo particular de trabalho com sua enfermeira. Num quarto ao lado daquele onde ela dormia havia uma mesa onde ela colocava seus trabalhos femininos. Eram muitos cestos cheios de tecidos de todas as cores, com os quais ela fazia figuras de pássaros, flores, enfeites em espiral e outros que depois eram costurados em um pano mais forte, para que parecessem ajustados. O teto da sala também era decorado com figuras coloridas como a da sala do jardim. As janelas não possuíam vidros, mas sim painéis nos quais se viam desenhadas figuras de árvores, espirais e outros ornamentos contornados. Escolástica dormia atrás de uma cortina; Sua cama era muito pouco elevada acima do solo. Eu a vi pela manhã, quando a serva saía do quarto, pular da cama e ajoelhar-se aos pés de uma cruz que ficava pendurada na parede e ali rezar: ao ouvir os passos da serva ela se escondia atrás da cortina e assim ela estava em paz na cama quando a criada chegava. Vi Bento e Escolástica na escola do preceptor; mas cada um em um momento diferente. Vi-os ler em livros grandes, bem como desenhar letras com ouro e com vermelho e com um azul verdadeiramente lindos. O que estava escrito e decorado ficava enrolado. Para isso, era utilizado um determinado utensílio do comprimento

de um dedo. Quanto mais as crianças cresciam, menos eram deixadas sozinhas. Depois vi Bento, que já tinha quatorze anos, ir a Roma e entrar num grande edifício, no qual havia um corredor com muitos quartos. Parecia uma escola ou um mosteiro. Vi muitos jovens e alguns eclesiásticos idosos celebrar uma festa numa grande sala, decorada com quadros e pinturas semelhantes às da casa de Bento. Vi que aqueles convidados não comiam reclinados, mas sim sentados em poltronas baixas e redondas, de modo que tinham que esticar bastante as pernas e por isso sentavam-se um ao lado do outro naquela mesa muito baixa. Para colocar os pratos e copos, que eram amarelos, havia cavidades feitas na própria mesa. Não via muita comida; No meio havia três pratos grandes cheios de comida amarelada e achatada. Quando a refeição terminou, vi entrar seis mulheres de várias idades. Carregavam figuras feitas de massas e geleias e cestos com garrafas penduradas nos braços; Eram parentes de jovens que ali foram educados. Os alunos levantaram-se da mesa e se divertiram com aquelas pessoas num canto da mesa e recebiam as geleias, pastéis, doces e bebidas.

Entre eles havia uma mulher de cerca de trinta anos, que eu já tinha visto na casa de Bento: ela se aproximava de Bento de uma forma mais insinuante, que era puro e inocente e não suspeitava de ninguém. Fiquei sabendo que essa mulher estava se aproveitando da inocência do jovem e que ela lhe deu um gole de seu frasco e que naquela bebida havia algo venenoso, magicamente inebriante. Bento não tinha a menor sensação disso. Mais tarde, vi-o durante a noite agitado em sua cela por causa daquela bebida, e muito angustiado dirigiu-se a um deles, de quem obteve permissão para descer ao pátio, pois nunca saía da cela sem permissão. Eu o vi na escuridão da noite se chicoteando num canto daquele pátio, as costas com galhos de espinhos e urtigas, com muito rigor. Mais tarde vi que, já sozinho, ele ajudou generosamente aquela sedutora, que estava em grandes apuros, e que o fez justamente para fazer o bem a um inimigo. Ele sabia por uma voz interior a má intenção daquela mulher.

Mais tarde vi Bento numa montanha alta e cheia de pedras. Ele estava no vigésimo ano de idade. Vi como uma cela foi escavada dentro de uma rocha, depois um corredor e outra cela, e assim várias celas foram escavadas na rocha. De resto, apenas a primeira tinha porta aberta para o exterior. Vi que no topo ela as arredondava como abóbadas e ali entrelaçava e fixava certas imagens ou pinturas compostas de pequenas pedras próximas umas das outras. Vi três pinturas semelhantes numa cela: a de cima representava o céu; de um lado, o nascimento de Cristo e, de outro, o julgamento final. Lembro que nesta última pintura o Senhor estava sentado em uma árvore, com uma espada saindo de sua boca, e abaixo, entre os bem-aventurados e os condenados, via-se um anjo com uma balança. Ela também representava um mosteiro, com um abade e atrás dele muitos monges. Parecia que Bento tinha previsto o desenvolvimento do seu próprio trabalho. Vi a irmã dele, que tinha ficado em casa, ir várias vezes visitá-lo a pé. Ele não lhe permitia passar a noite lá. Às vezes ela trazia para ele um volume que ela havia transcrito e desenhado. Eles conversavam sobre coisas divinas.

Bento plantou árvores ao longo do caminho que levava à sua cela, como se estivesse preparada para uma procissão. Ele sempre foi severo no comportamento e no tratamento que dispensava à irmã. Ela, na sua grande inocência, sempre fôra muito gentil e alegre. Quando Bento não lhe dizia muitas coisas que ela esperava, ela se voltava para Deus e orava a Ele, explicando seu desejo. Então vi que o irmão dela parecia feliz e gentil com ela. Eu a vi, sob a direção de seu irmão, construir um mosteiro em uma montanha alta, distante cerca de um dia de viagem, e entrar nele com um grande número de freiras. Eu a vi instruindo aquelas freiras no canto. Não

havia nenhum órgão ali; os órgãos causaram danos graves; Eles degradaram a música. Vi como aquelas freiras preparavam e faziam ornamentos eclesiásticos, e principalmente com aquele tipo de trabalho que Escolástica aprendera desde criança na casa paterna. Ela havia arrumado uma grande toalha de mesa sobre a mesa do refeitório com vários bordados coloridos de imagens e frases das Escrituras; Ela o fez de tal maneira que cada freira, ao sentar-se em seu lugar, tivesse diante dos olhos exatamente o que deveria exercitar e trabalhar. A Escolástica me contou muitas coisas gentis e consoladoras sobre o trabalho espiritual e sobre o trabalho dos eclesiásticos. Percebi que tanto ela quanto Bento sempre estiveram rodeados de pássaros e aves muito familiares e domesticados. Enquanto ela ainda estava em casa, vi pombos saírem de casa e irem até onde Bento estava sozinho. No mosteiro os vi rodeados de pombas e cotovias que carregavam no bico flores brancas, vermelhas e violetas. Certa vez, uma pomba trouxe-lhe uma rosa com uma folha. Já vi muitas outras imagens deles, que não posso narrar agora porque estou muito doente e num estado miserável. A escolástica era muito pura. Eu a vejo agora no céu, sincera como a neve.

Santa Valburga

Ela tirou um osso de dedo de sua caixinha, ficou em silêncio por alguns momentos e depois disse: Ah, que freira simpática! Tão linda, tão esguia, tão resplandecente! Ela era realmente toda angelical. É Valburga! Aqui está o seu mosteiro. Fui conduzido por duas freiras abençoadas a uma igreja onde houve uma celebração solene, como se o corpo de uma santa tivesse sido levado ou como se ela tivesse sido declarada santa.

Havia um bispo que cuidava de todos e que indicava a cada um a sua posição. Não era a igreja do mosteiro onde viveu, mas situava-se num local alto e muito vasto. Compareceram muitas pessoas, que não vi tantas nas festas da Cruz, em Cöesfeld. A maioria das pessoas teve que ficar fora da igreja, ao ar livre. Eu havia me posicionado perto do altar, não muito longe da sacristia, e as duas freiras estavam ao meu lado. Nos degraus do altar havia uma simples caixa branca que continha o corpo da santa. O lençol branco que o cobria estava pendurado em ambos os lados do caixão. O corpo era branco como a neve, parecia animado e vivo, e as bochechas estavam rosadas. Santa Valburga sempre teve no rosto uma cor tão pura quanto uma criança sincera e delicada poderia ter. Começou a festa, que consistia em uma missa solene. Eu não poderia ficar lá; Pareceu-me que estava a desmaiar e encontrei-me no chão apoiado num braço e com os meus dois companheiros que estavam à minha cabeça e aos meus pés também se apoiando nos meus braços. Vi uma abadessa que veio do mosteiro de Valburga preparar três tipos de massa na sacristia para fazer pãezinhos; duas dessas massas eram de qualidade refinada; A terceira, muito comum, consistia em farinha branca, cheia de impurezas. Pensei comigo mesmo: "O que eles vão fazer com tudo isso?...". Então perdi a festa de vista e me vi em visão em um jardim celestial, onde vi a recompensa de Valburga no Paraíso. Eu a vi num jardim celestial com Bento, Escolástica, Mauro, Plácido e muitos outros santos monges e monjas da regra de São Bento. Havia uma mesa preparada com flores e comida maravilhosa. Valburga estava sentada à cabeceira da mesa, rodeada de guirlandas e arcos de flores. Quando voltei à igreja, a solenidade estava chegando ao fim, mas consegui da abadessa e do bispo um pão da massa mais comum, no qual estava gravada a figura IV. Os pães da melhor qualidade foram obtidos pelos meus companheiros. O bispo me disse que este pão deveria ser só para mim e que eu não deveria dá-lo a ninguém. Depois me conduziu para fora, até

a porta da igreja, dentro da qual as freiras de Santa Valburga estavam distribuídas no coro em pequenos grupos. Vi em outra pintura que Valburga, pouco antes de sua morte, foi aparentemente encontrada morta em seu lugar no coro. Seu irmão Vilibaldo foi imediatamente chamado e a encontrou com o rosto e as mãos banhados em gotas de orvalho semelhantes ao maná. Vilibaldo recolheu aquele orvalho num copo escuro e deu-o às freiras, que o guardaram como algo sagrado: depois da morte de Valburga, muitos milagres foram feitos com aquele licor.

Quando a santa acordou, Vilibaldo administrou-lhe o Santíssimo Sacramento. Este orvalho era o símbolo do óleo de Santa Valburga. Vi que este óleo de Santa Valburga começou a destilar numa quinta-feira, porque o santo tinha grande devoção ao Santíssimo Sacramento e porque aquele óleo se referia ao Salvador, quando suou sangue no Monte das Oliveiras. Cada vez que provo aquele óleo sinto-me restaurado como por um orvalho celestial. Tem sido de grande ajuda para mim em doenças graves.

Valburga era cheia de amor caritativo para com os pobres. Ela os via em visão e assim sabia, antes mesmo que viessem perguntar-lhe, como deveria distribuir o pão para eles.

Ela distribuiu pães inteiros, meios pães e pedaços, e ela mesma os cortava. Ela também lhes dava óleo; Acho que era um óleo de papoula bem grosso, e misturando-o com manteiga que ela espalhava no pão dos pobres, e também dava para cozinhareem em suas casas. Como recompensa por tanta bondade e pelas palavras doces e caridosas que dizia aos pobres, obteve do Senhor que seus ossos destilassem uma espécie de óleo. Este óleo era usado contra mordidas de cães loucos e outras feras ferozes. Vi que ela ia à noite visitar uma senhora doente, filha do senhor que morava perto do mosteiro, e fôra atacada por cães furiosos, que conseguiu afastar dela. Ela usava um vestido escuro e estreito, um cinto longo, um véu branco e um preto por cima. Era mais que um vestido de freira, era o vestido típico dos devotos da época.

Vi um grande milagre por ocasião de uma devota peregrinação ao seu túmulo. Dois criminosos juntaram-se a um peregrino que se dirigia ao túmulo do santa: ele dividiu com eles o pão, mas eles, ingratos, acabaram com ele durante o sono. Quando um deles quis retirar o cadáver dali para enterrá-lo, aconteceu que o cadáver ficou sobre seus ombros de tal forma que ele não conseguia retirá-lo, pois ficou como se estivesse enxertado no assassino. Assim o vi vagando de um lado para o outro e ao longe, com aquele cadáver nas costas, até se deitar com ele na água; mas o rio não quis segurá-lo: ele não conseguia ir até o fundo e com o corpo nas costas foi jogado para a outra margem. Queria até cortar a mão do morto com uma espada e não conseguia, e o assassino ficava sempre com o cadáver nos ombros. Finalmente, através da oração e do arrependimento, ele conseguiu libertar-se do seu crime.

Dada esta relação, o Peregrino mostrou à vidente a sua surpresa ao ver certos presságios que às vezes levavam ao riso até eclesiásticos e pessoas devotas.

Ela respondeu: Não me é possível dizer quão simples, naturais e correlativas estas coisas me parecem num estado de visão e como, pelo contrário, o modo de pensar dos homens do chamado mundo iluminado parecer eu ser tola, perversa e às vezes louca. Vi muitas vezes pessoas que se consideravam dotadas de grande inteligência e que eram assim consideradas pelos outros, num tal estado de estupidez e falta de bom senso, que poderiam ser encerradas num asilo para loucos.

Santo Tomás de Aquino

Minha irmã havia recebido, como presente de uma certa pobre mulher, uma relíquia colocada num relicário. Descobri que a relíquia estava lá e consegui que ela me desse em troca de uma imagem de um santo. Vi uma lima muito linda saindo dela e coloquei no meu armário. Ontem à noite, quando sentia todas as dores que podem dilacerar o corpo de uma pessoa, vi uma imagem da vida de São Tomás. Num grande edifício havia uma criança nos braços de sua patroa, que lhe entregava um papel no qual estavam escritas estas palavras: “Ave Maria”. A criança levou o papel aos lábios e não quis soltá-lo. veio a mãe dele, que estava do outro lado da casa, e ela tentou tirar dele, a criança resistiu, chorando alto. A mãe então abriu a mãozinha e tirou o papel dele, mas vendo na criança grande entusiasmo, ela deu-lhe novamente e a criança engoliu. Eu tinha ouvido uma voz dentro de mim dizendo: “Este é Tomás de Aquino”.

Vi essa santa me machucar muitas vezes no meu armário, em diferentes fases de sua vida. Ele dizia que queria curar a dor que sinto na lateral do corpo. Então me ocorreu que meu confessor era da sua ordem e que se eu pudesse lhe dizer que foi Tomás quem me curou, ele acreditaria que tenho comigo uma relíquia deste santo. Mas o mesmo santo me disse: “Bem, diga a ele que quero curar você”. Ele se aproximou de mim e colocou um cinto na minha cabeça... Não senti mais dor na lateral do corpo. O santo me curou e me disse que devia suportar as outras dores. Também vi muitas outras cenas da vida do santo, principalmente que quando criança ele sempre folheava livros que não queria largar nem quando tomava banho. Vi que esta relíquia tinha sido entregue ao convento por um agostiniano, ao primeiro reitor do nosso mosteiro. Vi muitas coisas na vida deste homem piedoso, que mandou decorar todas as relíquias do mosteiro. Naquela época vivia em nosso convento uma donzela abençoada. Eu vi isso agora e em muitas outras ocasiões.

Bem-aventurado Hernán José

Vi representações relacionadas à sua infância. Quando criança eu tinha uma imagem da Virgem num pergaminho que formava um pergaminho. Ele amarrou uma corda neste pergaminho e colocou-o em volta do pescoço como uma vestimenta. Ele fez tudo isso com muita fé, simplicidade e veneração. Quando estava sozinho brincando no quintal de sua casa, outras duas crianças que não eram filhos da terra vieram lhe fazer companhia: mas ele não sabia e brincava com elas à vontade e muitas vezes os procurava entre as outras crianças da cidade, mas não conseguia encontrá-los. Eles só vinham quando ele estava sozinho. Uma vez o vi numa campina, perto de Colônia, brincando num riacho que corria pelo campo, onde Santa Úrsula foi martirizada. Vi que, tendo caído na corrente, ele ergueu com filial confiança a imagem da Virgem para que não se afogasse. Vi que a Virgem o pegou pelas costas e o levou para fora. Vi também outras imagens em que brilhava a grande confiança que tinha na Virgem Santa e no Menino Jesus, a quem deu uma maçã na igreja, que o Menino aceitou. Vi que debaixo de uma pedra que a Virgem lhe apontou, ele encontrou algumas moedas quando não tinha sapatos. Vi que a Virgem o ajudou nos estudos.

São Isidro Lavrador

Vi esse santo agricultor em muitas cenas de sua vida doméstica. Havia algo de alegre em seu terno: ele usava uma jaqueta curta com muitos botões na frente e

nas costas; Nas costas tinha certas decorações em forma de picos: as mangas eram cortadas. O bolso era marrom, a calça larga, curta e listrada. Nos pés calçava sapatos amarrados com cadarços. Seu chapéu era quadrado, com abas sobrepostas, presas por um botão semelhante a um almofariz. Ele era alto e esguio; Ele não parecia um homem rústico, pois havia algo de belo e distinto em suas feições.

Também vi a esposa dele, que era alta, bonita e muito saudável. Eles tiveram um filho que vi quando ele tinha doze anos. Sua casa ficava em um campo aberto e de lá era possível avistar a cidade a cerca de meia hora de distância. Havia muita ordem e limpeza na casa. Também vi outras pessoas lá que não eram criadas. Também vi ele e sua esposa unirem-se com oração a todos os trabalhos que faziam, e principalmente abençoarem as iguarias quando comiam. Ele não orava oralmente por muito tempo; bem, então comecei a considerar e meditar.

Eu vi que antes de começar um trabalho ele limpava o campo. Vi que no trabalho de um agricultor ele era auxiliado de forma sobrenatural: muitos arados, puxados por bois brancos, guiados por aparições luminosas, aravam a terra e ele terminava o trabalho mais cedo do que acreditava.

Parecia que ele não via nada disso, pois só estava atento a Deus dentro dele. Vi que assim que ouvia o toque dos sinos da cidade, largava tudo e corria para ouvir a santa missa e assistir às outras devoções com a maior piedade e êxtase celestial. Vi também que quando ele voltava tão feliz ao trabalho, o trabalho já estava concluído. Certa vez, seu filho conduzia os bois com uma corda e carregava o arado para o campo.

Então ele ouviu a missa tocar e correu para ouvi-la; Enquanto isso os bois chegavam ao campo e, embora fossem bravos, aravam guiados apenas por aquela criança. Certa vez, enquanto eu estava orando, vi que foram lhe dizer que um lobo estava devorando um cavalo: mas ele continuou de joelhos e confiou esse assunto a Deus. Quando voltou ao campo viu o lobo morto aos pés do cavalo. Vi a esposa dele com ele no campo de manhã e ao meio-dia.

Ambos estavam cavando e ao redor deles havia muitos trabalhadores invisíveis com cuja ajuda terminavam a tarefa muito rapidamente. O seu campo era muito bonito e mais fértil que o dos outros e os seus frutos pareciam mais excelentes. Vi que tudo era dado aos pobres e que muitas vezes não tinham quase nada em casa; Mas confiando em Deus, eles procuraram e encontraram provisões abundantes. Vi que muitas vezes alguns inimigos queriam causar danos aos animais de Isidro, enquanto ele estava na missa; mas foram impedidos e afastados do local onde estavam os animais. E então vi muitas imagens de sua vida. Mais tarde, vi-o entre os santos, com a sua veste de camponês, que o tornava ainda mais maravilhoso, e depois na forma de um espírito puro e resplandecente.

Beata Colomba de Schanolt de Bamberg

Vi também a dominicana Colomba de Schanolt, de Bamberg, inefavelmente humilde, franca e simples. Apesar de ter estigmas, via ela fazer todas as tarefas domésticas. Ela rezava, ainda na cela, prostrada com o rosto no chão, como se estivesse morta. Eu a vi na cama: suas mãos pingavam sangue, e o sangue também escorria de sua testa, por baixo do véu. Eu a vi receber a Sagrada Comunhão e vi que a imagem de uma criança, que saía das mãos do padre, ia até ela. Tive visões que ela teve em vida. Vi essas visões passando como uma imagem na frente dela ou ao meu lado, enquanto ela estava deitada na cama, orando. Vi que ele usava um cilício e uma corrente em volta do corpo, até que isso lhe foi proibido.

Suas visões eram sobre a vida de Nosso Senhor, e também sobre conforto e direção espiritual. Ela estava muito bem no seu convento; Ela não era muito atormentada e assim conseguiu progredir muito mais em sua vida espiritual. Foi mais simples e profunda que a minha pequena Madalena de Hadamar. Vi que no outro mundo ela a precedeu em grau de glória e condição. Essa aparência é muito difícil de expressar. A melhor maneira de colocar isso é dizer que parece que um viajou mais longe que a outra.

São Francisco de Borja

(9 de outubro de 1821) Vi muitas coisas da vida de São Francisco de Borja. Vi-o como homem do mundo e como homem religioso e lembro-me que tinha escrúpulos em relação à comunhão quotidiana e rezava diante de uma imagem de Maria. Ali recebeu algumas gotas do Sangue do Senhor e do leite de Maria, e foi-lhe dito que não poderia privar-se do alimento espiritual do qual vivia. Muitas vezes vi esta participação no leite de Maria em outras imagens de santos pintados como se bebessem leite de seu peito como crianças ou como se o leite fosse destilado para esses santos. Esta representação é imprecisa e escandalosa. Vi que o milagre ocorreu de maneiras muito diferentes. Vi surgir do lado do ventre de Maria uma pequena nuvem branca que se dirigiu aos santos, dividindo-se em raios e que eles inalaram aquela pequena nuvem. Parecia que o maná estava saindo para aqueles santos. Do lado do Senhor vi que um raio vermelho brilhante saiu e foi em direção a São Francisco. Este relâmpago parecia grão e vinho, carne e sangue. É impossível explicar.

O Imperador Santo Henrique na Igreja de Santa María la Mayor

(12 de julho de 1820) Vi uma pintura do Imperador Santo Henrique. Eu o vi à noite, dentro de uma grande e bela igreja, ajoelhado, sozinho, diante do altar-mor. Eu conhecia aquela igreja; Tinha no seu interior uma graciosa capela da Santa Manjedoura e vi-a por ocasião da festa de Santa Maria das Neves. Enquanto ele estava ajoelhado, rezando, o espaço superior do altar foi iluminado e a Santíssima Virgem desceu. Ela estava vestida de azul claro e raios luminosos se espalhavam ao seu redor.

Ela tinha algo com ela. Cobriu o altar com um pano vermelho, estendeu por cima uma toalha de mesa branca e colocou um lindo livro adornado com pedras preciosas, cheio de luz. Eu a vi acender a lamparina e colocar as velas no altar. Havia muitas dessas luzes em forma de pirâmides. Ela permaneceu de pé. à direita do altar.

De repente apareceu o Redentor, em hábitos sacerdotais, com o corporal e o véu. Dois anjos o ajudaram como ministros, e havia mais dois. Jesus tinha a cabeça descoberta. O ornamento consistia em um manto longo e pesado, vermelho-sangue e branco, entrelaçado e resplandecente e adornado com pedras preciosas. Dois anjos servindo a missa estavam vestidos de branco. Não vi campânulas, mas vi galhetas. O vinho era vermelho, como sangue, e também havia água. A missa foi um pouco mais curta que o normal. Vi o Ofertório e a Elevação. A Hóstia tinha o formato da nossa. Havia, no final, o Evangelho de São João. O Evangelho foi lido pelos anjos, que levaram o livro a Maria para que ela o beijasse. Depois que Maria beijou o livro, ela olhou para Jesus e apontou para Henrique. Então o anjo trouxe o livro para Henrique, que a princípio não se atreveu a beijá-lo, e depois o fez. Depois da missa, Maria aproximou-se de Henrique, deu-lhe a mão direita e disse-lhe que fazia isso em

favor da sua castidade, e exortou-o a não vacilar no seu propósito. Aí vi um anjo se aproximar e levá-lo pelo lado direito, como Jacó, e vi que ele sentia dor e que depois andava sempre um pouco para o lado. Durante a cerimônia muitos anjos estarem presentes, adorando e olhando para o altar.

A Festa do Escapulário

(15 de julho de 1820) Eu estava no Monte Carmelo, onde vi dois eremitas, um morando muito longe do outro. Um deles era muito velho e nunca saía de sua caverna. O outro, chamado Pedro, era francês, visitava o velho de vez em quando e trazia alguma coisa para ele. Pedro ficava muito tempo fora e depois voltava para onde estava o velho. Vi-o viajar por Jerusalém, por Roma e por outros países. Mais tarde eu o vi retornar com muitos guerreiros adornados com uma cruz no peito. Vi Bertoldo com ele, como soldado, e depois o vi levando-o, agora eremita, para onde estava o velho solitário no Monte Carmelo. Vi mais tarde como Bertoldo foi eleito superior dos eremitas. Frequentemente os reunia ao seu redor e devido ao seu trabalho alguns edifícios foram construídos. Os monges viviam mais isolados naquela época.

Eu vi outra imagem. Quando aquela comunidade cresceu se formou um convento, vi que uma freira estava ajoelhada na sua cela e a Virgem apareceu-lhe com Jesus nos braços, com aquele mesmo semblante com que a tinha visto naquela imagem que vi anteriormente na fonte da montanha. Vi que a Virgem lhe presenteou com um certo vestido semelhante ao que se obteria se fosse feita uma abertura quadrada num pedaço de pano que, passando pela cabeça, cobrisse o peito e as costas. Na frente descia até o estômago, brilhava e era de cor vermelha e branca, mesclada e brilhante, como o ornamento do grande sacerdote que Zacarias mostrou a José. As duas fitas que passavam pelas costas estavam decoradas com caracteres. A Virgem conversou muito tempo com aquele monge. Quando desapareceu ele encontrou o escapulário, ficou muito emocionado. Vi em outra imagem quando ele reuniu muitos de sua ordem e mostrou-lhes o escapulário.

Mais tarde tive a visão de uma solenidade que aconteceu no Monte Carmelo. Vi entre os coros da Igreja triunfante, o primeiro entre os antigos eremitas, separado dos demais, o santo profeta Elias. A seus pés estava escrito: Elias, profeta. Não vi essas imagens sucedendo-se sem intervalo, mas senti a persuasão interior de que muitos anos intervieram entre uma e outra. Vi isso especialmente entre a entrega do escapulário e a solenidade eclesiástica. Pareceu-me que esta festa pertencia aos nossos tempos. Naquele local onde ficava a imagem da Mãe de Deus junto à fonte, existiam agora um convento e uma igreja. A fonte ficava então no meio da igreja. Vi a Mãe de Deus com Jesus, como estava primeiro na fonte e como apareceu ao eremita, no altar, mas viva e comovente, cheia de esplendor. Nas laterais pendiam inúmeras pequenas imagens de seda, com tiras duplas e cordões. Havia imagens de ambos os lados e elas se moviam dentro da luz que vinha da própria Virgem Maria, como se fossem folhas das árvores, expostas aos raios do sol.

Muitos coros angélicos cercaram a Santíssima Virgem. A seus pés, acima do sacrário, onde estava o Sacramento, estava pendurado o grande escapulário que a Virgem havia dado ao eremita em visão. Em ambos os lados e acima havia coros de personagens sagrados da ordem de Carmen de ambos os sexos. Os eremitas mais antigos vestiam-se de branco com listras escuras; os outros, como se vestiam atualmente. Vi também os religiosos de hoje, monges e fleiras, celebrando esta solenidade no coro e nos lugares onde viviam na terra.

Imagem do festival da Porciúncula

(1º de agosto de 1820) Vi uma imagem relativa a uma solenidade e não sabia exatamente o que significava. Vi uma grande glória de muitos santos, uma imensa coroa na qual os santos apareciam sentados, com diversas insígnias e emblemas no rosto, como ramos de palmeiras, ou segurando pequenas igrejas nas mãos. Abaixo deste grande círculo estavam, suspensos no ar, infinitas relíquias e objetos sagrados, em vasos preciosos. Parecia que eram os ossos e as memórias dos santos que vi dentro da glória. No centro do círculo pairava uma pequena igreja e acima dela o Cordeiro de Deus, com um emblema nas costas. A igreja era muito brilhante e transparente. Lá dentro vi, no altar, a Virgem, mãe de Deus, sentada num trono, na companhia de Jesus e rodeada por uma multidão de anjos. Um anjo voou até o círculo dos santos e conduziu Francisco até a igrejinha, diante de Jesus e Maria. Parecia-me que ele implorava uma graça que se referia aos tesouros dos méritos de Jesus e dos seus santos mártires; Foi uma graça e um presente de indulgência para aquela pequena igreja. Mais tarde vi Francisco ir para onde o Papa estava, mas não em Roma. O santo implorou uma indulgência que remetesse àquela visão. A princípio o Papa não quis concedê-la. De repente, um raio de luz desceu sobre o Pontífice e nessa luz uma escrita apareceu diante dos seus olhos; Então sentiu-se iluminado e consentiu com os desejos do santo. Vi que o santo, depois de ter se separado do Papa, rezava à noite, e vi o diabo, na forma de um jovem muito bonito, que lhe apareceu e o censurou pelas suas abstinências e mortificações. O santo sentiu-se tentado, foi para a cela, deixou a veste e foi chafurdar num arbusto de espinhos, até que todo o seu corpo ficou coberto de sangue. Então um anjo do céu veio até ele e o curou de todas as suas feridas. Isto é o que ainda me lembro.

Santa Maria das Neves

Vi dois maridos de alta linhagem orando em seus quartos, dentro de um grande palácio, diante de uma imagem de Maria pendurada na parede. Era uma imagem bordada, embora não artisticamente: o vestido de Maria era listrado em azul e vermelho em alguns lugares e à medida que descia em direção aos pés ficava mais estreito. A Virgem tinha uma coroa e num braço o Menino Jesus, com o globo mundial nas mãos. Diante daquele quadro, que não era grande, ardiam duas lâmpadas, à direita e à esquerda. O ajôelhado, onde os dois cônjuges rezavam juntos, podia ser levantado e suspenso na mesma imagem, de modo que parecesse um armário sobre o qual caía uma cortina que cobria tudo, escondendo o quadro e o ajôelhado. Imagens semelhantes, tecidas ou bordadas, já vi muitas nos tempos antigos. Costumavam enrolá-los para que pudessem levá-los nas viagens e suspendê-los onde quisessem para rezar na frente deles. Enquanto estes casais rezavam fervorosamente, a Santíssima Virgem apareceu, esplendorosa, da mesma forma como estava desenhada na pintura e permaneceu suspensa radiante entre eles e a própria pintura; Parecia que tinha saído da parede.

Ordenou-lhes que construíssem uma igreja em sua homenagem, numa colina de Roma, que encontrariam coberta de neve. Imediatamente estes casais anunciaram ao Papa o ocorrido e eu os vi dirigir-se, com muitos eclesiásticos, para aquela colina, em cujo cume aparecia todo o espaço destinado à igreja coberto de neve de extraordinária candura. Todo aquele espaço foi marcado com paus e a neve logo desapareceu.

Tive então uma visão de como o Papa Martinho celebrou a Missa ali e que enquanto administrava o Santíssimo Sacramento a uma pessoa de alto escalão, disse que o

Papa seria assassinado por outra pessoa, a quem a mesma pessoa que recebeu a comunhão dera a ordem e que foi por ordem do Imperador Constâncio. Vi muitas pessoas dentro da igreja e o assassino que se aproximava: mas no mesmo momento ficou cego, colidiu com as colunas e caiu. Ele começou a reclamar e a gritar, e uma grande comoção surgiu na igreja. Noutra ocasião, vi o Papa Gregório celebrar uma missa solene nesta igreja e a Santíssima Virgem aparecer com alguns anjos, que responderam ao Et cun spiritu tuo, e a serviram. Na mesma igreja vi uma solenidade celebrada nos nossos tempos, na qual a Virgem interveio, aparecendo da mesma forma como apareceu aos dois esposos que mandaram construir o templo. Foi o mesmo onde vi o imperador Henrique rezando, enquanto Jesus celebrava a missa.

No seu interior encontra-se a capela da Santa Manjedoura.